

Edição de bolso

ARTHUR G. PATZIA &
ANTHONY J. PETROTTA

DICIONÁRIO

DE ESTUDOS BÍBLICOS

MAIS DE 300 TERMOS
DEFINIDOS DE FORMA CLARA E CONCISA





Editora do grupo

ZONDERVAN
HARPERCOLLINS



Editora filiada a

CÂMARA BRASILEIRA
DO LIVRO

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE EDITORES CRISTÃOS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE LIVRARIAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE LIVRARIAS EVANGÉLICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE MARKETING DIRETO

Direção executiva
EUDE MARTINS

Gerência administrativa
GILSON LOPES

Supervisão de produção
SANDRA LETTE

Gerência de comunicação e marketing
SÉRGIO PAVARINI

Gerência editorial
FABIANI MEDEIROS

Supervisão editorial
ALDO MENEZES

Coordenação editorial

JUDSON CANTO ■ *obras de interesse geral*
ALDO MENEZES ■ *obras teológicas e de
referência*

ROSA FERREIRA ■ *Bíblia*

SILVIA JUSTINO ■ *obras em língua
portuguesa e espanhola;
obras infantis e juvenis*

Edição de bolso

ARTHUR G. PATZIA &
ANTHONY J. PETROTTA

TRADUÇÃO
PEDRO WAZEN DE FREITAS

DICIONÁRIO DE ESTUDOS BÍBLICOS

MAIS DE 300 TERMOS
DEFINIDOS DE FORMA CLARA E CONCISA



Outros dicionários da coleção

Dicionário de teologia
Dicionário de religiões e crenças modernas

©2002, de Arthur G. Patzia e Anthony J. Petrotta

Titulo do original • *Pocket dictionary of biblical studies*
edição publicada pela INTERVARSITY PRESS
(Downers Grove, Illinois, EUA)

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

EDITORA VIDA

Rua Júlio de Castilhos, 280 • Belenzinho
CEP 03059-000 • São Paulo, SP
Telefax 0 xx 11 6096 6814
www.editoravida.com.br

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da *Nova Versão Internacional* (NVI),
©2001, publicada por Editora Vida,
salvo indicação em contrário.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Patzia, Arthur G. —

Dicionário de estudos bíblicos / Arthur G. Patzia, Anthony J. Petrotta; tradução Pedro Wazen de Freitas — São Paulo : Editora Vida, 2003.

Titulo original: Pocket dictionary of biblical studies

Edição de bolso

ISBN 85-7367-748-1

1. Bíblia — Estudo e ensino — Dicionários I. Petrotta, Anthony J., 1950-
II. Título.

03-2802

CDD 200.3

Índice para catálogo sistemático

1. Dicionários : Estudos bíblicos 200.3
2. Estudos bíblicos: Dicionários 200.3

Prefácio

Esta obra, com aproximadamente 500 verbetes, está de acordo com o propósito global da série de dicionários de bolso da InterVarsity Press ao fornecer breves definições de termos importantes e palavras-chave que o estudante encontra em cursos introdutórios e livros de iniciação ao NT e AT. Agradecemos aos alunos que, ao longo de anos de ensino, evidenciaram o desconhecimento, com olhares inquisitivos, ou foram corajosos o suficiente para erguer a mão para receber alguma explicação quando nós, professores, usamos termos que eram familiares ao nosso mundo de estudos bíblicos, mas eram estranhos a eles.

Nossa lista de verbetes se expandiu e se contraiu ao longo dos meses enquanto considerávamos quais termos seriam úteis aos estudantes envolvidos em estudos bíblicos. Termos bíblicos comuns, nomes, lugares e outros tópicos que podem ser encontrados em um dicionário bíblico foram evitados uma vez que, de um lado, desejamos focalizar os termos que se relacionam ao *estudo* da Bíblia. De outro lado, o vocabulário mais especializado de várias abordagens de estudos bíblicos, das línguas grega e hebraica ou da exegese, foi evitado em prol de termos e conceitos mais gerais.

Focalizamos os termos em português, mas no campo dos estudos bíblicos, necessariamente deparamos com termos baseados em hebraico, grego e latim, e incluímos aqui alguns desses. A lista também apresenta termos e expressões alemãs, que têm sido utilizados em textos e conversações em inglês como palavras “emprestadas”. Nos casos em que foi necessário ou útil referir-se às línguas bíblicas, transliterações foram providenciadas tanto para os que estão estudando as línguas bíblicas quanto para os que almejam adquiri-las posteriormente. Manter o dicionário de bolso em seus limites também significa omitir a maioria das referências bibliográficas. Livros, dicionários e outros trabalhos de referência nos darão essas informações em abundância. A pequena lista de abreviaturas relaciona as mais comumente usadas em livros-textos e de obras de referência, e pretende ser ajuda adicional aos estudantes.

Referências cruzadas

Este dicionário de bolso usa o seguinte sistema de referências cruzadas:

- A palavra em **VERSALETE** indica que uma entrada ou um tópico ou palavra similar aparece também em outro lugar no livro.
- O “v.”, seguido por assunto colocado entre parênteses, pode ser usado em vez da caixa-alta para orientar os leitores mais claramente para tópicos relacionados.
- Referências com “v. tb.” ao final da entrada do verbete direcionam os leitores a tópicos relacionados.
- Uma entrada sem definição será seguida por “v.” e o nome da entrada em que a definição será encontrada.

Somos gratos ao dr. Daniel G. Reid, editor sênior de livros acadêmicos e de referência da InterVarsity Press, pela visão no lançamento da série de dicionários de bolso, a direção na seleção do conteúdo desta obra e o encorajamento para completar a tarefa. Esperamos que cada leitor seja beneficiado por este material.

ARTHUR G. PATZIA
ANTHONY J. PETROTTA
Menlo Park, Califórnia

A

acádio. Comumente refere-se à linguagem do povo semita que habitava a baixa MESOPOTÂMIA, onde a cidade-Estado Acade se localizava. O acádio também é geralmente usado pelos dialetos babilônico e assírio. O idioma adotou a escrita CUNEIFORME silábica. Por fim, a língua de Acade substituiu a antiga língua SUMÉRIA, mesmo tendo o sumério continuado a ser usado nas escolas de escribas. Textos em acádio apareceram no terceiro milênio e continuaram até o primeiro milênio a.C.

acróstico. Forma poética em que as letras iniciais de cada linha formam uma palavra, frase ou alfabeto. Por exemplo, o salmo 119 está estruturado ao redor das 22 letras do alfabeto hebraico (oito linhas para cada letra). Os acrósticos são algumas vezes entendidos como artifícios mnemônicos, mas são mais prontamente entendidos como artifícios literários e estéticos por meio dos quais os autores podem usar o limite da forma para contribuir ao tema. No caso do salmo 119, um HINO em louvor à TORÁ, o autor usa as 22 letras para mostrar a total suficiência da TORÁ.

A.E.C. “antes da era comum”. Termo equivalente ao tradicional a.C., mas sem implicações teológicas ou cristãs. A “era comum” é a época “comum” (ou a mais abrangentemente compartilhada por) a judeus e cristãos. Essa designação é mais apropriada que a.C. em meios acadêmicos ou con versações que envolvam cristãos e judeus.

aforismo. Breve definição (grego *aphorismos*), afirmação, dito expressivo ou formulação de uma verdade. Exemplos bíblicos de aforismos incluem Provérbios 22.6 (“Instrua a criança segundo os objetivos que você tem para ela, e mesmo com o passar dos anos não se desviará deles”) e Mateus 6.21: (“Pois

onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração”.
(V. tb. PROVÉRBIOS.)

ágora. Praça central das cidades gregas, geralmente traduzida por “mercado”, cercada por prédios públicos, templos, lojas etc. Uma vez que muitas pessoas visitavam a *ágora* para negócios, compras, leitura e assembléias públicas, ela serviu de lugar ideal para a proclamação do Evangelho (v. At 16.19; 17.17).

Agostinho (354-430). Bispo de Hipona Régia, no Norte da África (atual Bona, na Argélia) de 395 a 430 d.C. Além de ter escrito obras importantíssimas como *Confissões*, *A doutrina cristã* e *A cidade de Deus*, Agostinho, como ATANÁSIO, foi peça-chave no estabelecimento dos limites do CÂNON bíblico adotado pelo Terceiro CONCÍLIO DE CATARGO, em 397. Em razão de sua inteligência excepcional, de seu discernimento espiritual e de sua exposição das verdades cristãs, tem sido chamado de “o maior escritor de língua latina”.

agostiniana, hipótese. Opinião de AGOSTINHO na qual a ordem canônica dos evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João) é a ordem cronológica real em que foram escritos.

agraphon. Termo grego (pl. *agrapha*) para declaração não-escrita atribuída a Jesus, mas que não é encontrada nos evangelhos canônicos. Entre os exemplos do NT estão Atos 20.35 (“... lembrando as palavras do próprio Senhor Jesus que disse: ‘Há maior felicidade em dar do que em receber’”), 1Coríntios 11.24,25, a variante textual de Lucas 6.5, algumas possíveis declarações de textos APÓCRIFOS neotestamentários como o *Evangelho de Tomé* e o *Evangelho de Filipe* e alguns fragmentos de PAPIROS.

akedah. V. AQEDAH.

Albright, William Foxwell (1891-1971). Estudiosos do AT e arqueólogo americano. Albright usou a pesquisa arqueológica

para estabelecer a Bíblia em um patamar historicamente sólido. E procurou, em particular, revelar a fidedignidade dos patriarcas e das leis e tradições mosaicas. Foi um crítico de WELLHAUSEN e da CRÍTICA DA FONTE, e por isso recebeu apoio de muitos estudiosos conservadores na América e em outros lugares. Tinha um conhecimento sem paralelos das línguas e culturas do antigo Oriente Próximo. Albright foi reconhecido por muitos como o “deão da arqueologia bíblica”.

alegoria. Estilo literário em que a história é contada pelo que significa em detrimento de como ela é por si mesma. Os personagens, e algumas vezes, os eventos e lugares são interpretados como idéias abstratas ou personificações de figuras históricas, o que tira o foco da identidade do personagem ou da natureza do próprio evento. Por exemplo, na história de Natã e da ovelha, o animal por si só não é o objeto da história, mas antes a personificação de Bate-Seba (2Sm 12.1-14). Da mesma forma, a vinha na parábola de Isaías é Israel (Is 5.1-10). Algumas das parábolas de Jesus têm obviamente certos aspectos alegóricos (p. ex., a parábola do semeador, as de Mt 13, Mc 4 e Lc 8). Geralmente, em alegoria, a questão não é tanto que cada item signifique alguma coisa, mas que a alegoria como um todo transmita virtude, imperfeição ou exemplo de personagem, ou por vezes, uma pessoa ou evento histórico correlato. (V. tb. METÁFORA.)

alegórico, método. Método de interpretação de texto pelo qual os personagens, eventos e lugares têm significado “mais profundo” do que seu sentido literal. O método alegórico foi especialmente empregado em textos difíceis (p. ex. o “sacrifício de Isaque” em Gn 22) ou em textos que não mantiveram a mesma força para leitores posteriores (p. ex., para os cristãos, o templo ou as leis quanto à alimentação receberam novos sentidos à luz da pessoa e obra de Jesus). Esses textos

receberam nova vida ou significado mais amplo, tornando-os mais acessíveis ou relevantes aos novos contextos. O perigo do método alegórico é a agressão ao texto, ao forçar correspondências que não se relacionam ou concordam naturalmente com ele. (V. tb. TIPOLOGIA.)

Alexandrina, Escola. Abordagem alegórica na interpretação do texto bíblico que, com a ESCOLA ANTIOQUENA (abordagem literal), exerceu grande influência durante a ERA PATRÍSTICA (c. 100-750 d.C.). A escola Alexandrina, enraizada na filosofia platônica e herdeira das tradições exegéticas de FILO e ORÍGENES, descobriu símbolos da verdade divina nos personagens e eventos retratados na Bíblia. Essa escola também defendeu um curso de ação e teologia cristã que com frequência foi além do próprio texto. Os adeptos empregavam o MÉTODO ALEGÓRICO de interpretação, que foi uma tentativa de tratar os termos do AT para o uso cristão; a abordagem adotou a convicção que toda Escritura é divinamente inspirada, e portanto, eventos históricos ensinam verdades divinas, e as passagens intelectualmente desagradáveis (p. ex., passagens com linguagem antropomórfica e outras afins) não devem ser entendidas literalmente. (V. tb. SENSUS PLENIOR.)

alfa e ômega. Primeira (*alfa*) e última (*ômega*) letra do alfabeto grego. A frase “Eu sou o Alfa e o Ômega” é usada por Deus (Ap 1.8; 21.6; v. Is 44.6; 48.12) e por Jesus Cristo (Ap 22.13; v. tb. 1.17; 2.8). Quando atribuída a Jesus, a frase o aponta como começo (primeiro) e fim (último) de todas as coisas, designando-o também como Criador, e como o objeto final de todo o universo (Rm 11.36; Ef 1.10).

aliança. Analogia mais amplamente utilizada na Bíblia para o relacionamento entre Deus e seu povo (outras analogias incluem pai—filho, pastor—rebanho). O relacionamento de aliança (heb. *brît*, gr. *diathekē*), como concebido no AT, é uma

relação bilateral na qual Deus oferece aos filhos de Israel condição especial entre as nações da terra. Ele será seu Deus, concedendo-lhes identidade e bênçãos, e eles serão o seu povo, obedecendo às estipulações da aliança (a *TORÁ*). Com frequência, se faz menção à natureza assimétrica da aliança — que é Deus como soberano e o povo como vassalo. Contudo, a mutualidade da aliança é na maioria das vezes figurada, cada parte com obrigações e responsabilidades (envolvendo as bênçãos e obediência). O AT retrata numerosas alianças (com Noé, Abraão, Moisés, Davi e a Nova Aliança), mas estas nunca são enumeradas; antes, são construídas umas sobre as outras e preenchem o que é entendido pela analogia do relacionamento de aliança. Os profetas do AT vislumbraram especialmente a Nova Aliança, que se estenderia e aumentaria o que já era inerente nesse relacionamento que Deus tinha com seu povo (v. Jr 31). (V. tb. SUSERANIA, TRATADOS DE.)

aliança, renovação da. Celebração representativa da renovação anual (Ano-Novo) da ALIANÇA de Israel com YAHWEH, garantindo paz e prosperidade ao povo. Alguns estudiosos (p. ex., Sigmund MOWINCKEL) fazem essa sugestão com base nos chamados salmos de entronização (Sl 93; 97; 99) e nas antigas e comuns celebrações do Ano-Novo que estavam associadas à entronização do rei, ou como em UGARÍTICO, à morte e ascensão de Baal.

alta crítica. Termo que se refere ao estudo crítico dos textos bíblicos, especialmente a avaliação de questões como autoria, data, fontes e composição. O termo se originou com J. G. EICHHORN e contrastava com CRÍTICA TEXTUAL, ou BAIXA. Entre os intérpretes conservadores, o termo “alta crítica” com frequência implica imposição das pressuposições modernas, científicas, ao estudo das Escrituras. Esses termos não são mais amplamente usados por estudiosos. (V. HISTÓRICA, CRÍTICA.)

amanuense. Pessoa que, como escriba ou secretário, era empregada para transcrever com base em ditado ou em carta resumida (do latim *manu*, mão). Tércio é intitulado o “escritor” de Romanos (16.22). Paulo também utilizou outras pessoas, e ele atrai atenção ao fato ao dizer que está encerrando a carta pela própria mão (v. 1Co 16.21; Gl 6.11; Cl 4.18, 2Ts 3.17). Silvano é identificado como amanuense de Pedro (1Pe 5.12). Esta prática de usar secretários (v. Jr 36.4) pode ser a razão por diferenças de estilo e linguagem em algumas das cartas neotestamentárias atribuídas a Paulo e Pedro.

Amarna, tabuinhas de. Tabuinhas CUNEIFORMES que consistiam na maior parte de cartas diplomáticas encontradas em *Tell el-Amarna*, no rio Nilo. Foram descobertas em 1887 por uma mulher que cavava a lama em busca de fertilizante. Estes textos, datados durante o reinado de Aqueenáton (c. 1350-1334 a.C.), representam a vida política e socioeconômica no antigo Oriente Próximo, incluindo Canaã e Síria, antes da chegada dos israelitas do Egito. É de grande interesse aos estudiosos bíblicos a menção de apiru, um povo que morava em Canaã na Era do Bronze Recente (1550-1200 a.C.) e algumas vezes identificados como hebreus. Provavelmente eram fugitivos ou refugiados de algum tipo, uma vez que a palavra foi usada mais em sentido social do que étnico.

amarração de Isaque. (V. *ĀQĒDĀĪ*)

Amenemope, Instrução de. Texto DIDÁTICO do novo reino egípcio (c. 1567-1085 a.C.). Esse texto exalta mais o desenvolvimento do comportamento disciplinado e modesto do que das habilidades políticas. Provérbios 22.17—23.11 é tido por muitos estudiosos como dependente dos provérbios egípcios de Amenemope. O estilo e a linguagem são notavelmente similares, mesmo que os provérbios bíblicos estejam delineados pelo contexto de fé israelita, e não pelo ensinamento egípcio.

Por exemplo, o provérbio contra roubar os pobres e oprimir os aflitos é explicado em Provérbios 22.23 (“pois o SENHOR será o advogado deles”) o que não ocorre no texto egípcio. (Uma característica das prescrições bíblicas é a “parte causal”, em que um motivo é fornecido como meio de instrução; v. tb. TORÁ.)

‘am-ha’arets. Expressão hebraica que significa literalmente “povo da terra”. Mesmo que haja referências ao povo da terra no AT (Ed 4.4; 10.2; Ne 10.30,31; Jr 1.18; 34.19; 37.2; 44.21), os intérpretes têm dado mais atenção a este grupo na literatura rabínica, uma vez que parece esclarecer textos como João 7.49: “... essa rale que nada entende da lei é maldita”. A maioria dos estudiosos questiona a antiga interpretação segundo a qual o “povo da terra” diz respeito a pecadores ímpuros, não merecedores da salvação, que foram então excluídos da adoração na SINAGOGA.

amoraítas. Designa os instrutores RABÍNICOS tanto da Palestina quanto da Babilônia do século III ao VI d.C. (o termo hebraico significa “oradores” ou “intérpretes”). Esses rabinos mantiveram a *MIXNÁ* como autoridade para a própria regulamentação e procuraram elucidar as discussões nesse sentido. A interpretação mudou o foco do conceito de adoração no templo (que foi destruído em 70 d.C.) para adoração na SINAGOGA e em casa, com ênfase na oração e moralidade, não ao CULTO.

anfictionia. Modelo utilizado para explicar a organização social das tribos de Israel antes da monarquia. Esse modelo, baseado principalmente na analogia com as antigas ligas sacras gregas, concebe Israel como uma confederação de doze tribos organizadas em volta do culto a YAHWEH, seu Deus, cuja adoração se localizou em um santuário central (p. ex., primeiro em Siquém e depois em Siló). É questionável se o modelo anfictiônico explica adequadamente a organização social de

Israel ou é a analogia mais clara. Contudo, o relato bíblico da origem israelita reflete que as tribos de Israel foram organizadas ao redor de instituições e crenças religiosas comuns.

anicônico. Termo que significa “sem representação”. É usado para descrever a tradição israelita, na qual Deus não podia ser representado por qualquer imagem (v. Êx 20.4).

anônimo. Literalmente “sem nome” (do grego *a*, “sem” + *onoma*, “nome”). Peça de literatura em que não se identifica o autor pelo nome é considerada anônima. Os quatro evangelhos, por exemplo, provavelmente circularam anonimamente por aproximadamente cinqüenta anos antes que os nomes correntes de Mateus, Marcos, Lucas e João fossem associados a eles. O livro de Hebreus também circulou como documento anônimo antes do nome de Paulo ser vinculado a ele por certo tempo. Os livros históricos do AT e muitos dos salmos não têm nomes ligados a eles. (V. tb. PSEUDONÍMICO.)

antilegomena. De acordo com Eusébio, os livros do NT (Hb, 2Pe, Tg, Jd, 1—3Jo, Ap) cuja canonicidade foi contestada (gr. *anti*, “contra” + *lego*, “falar, dizer”) pela igreja primitiva, em oposição aos livros que foram aceitos (HOMOLOGUMENA). (V. tb. CÂNON.)

antinomiano. Termo que designa crentes da igreja primitiva que pensavam erroneamente que a salvação por meio da fé em Jesus Cristo os libertava de todas as obrigações morais e que poderiam pecar impunemente (gr. *anti*, “contra”, + *nomos*, “lei”). O problema do antinomismo é apresentado em passagens do NT, como Romanos 6.1-11 e 1João (v. 1Jo 1.9,10). Alguns estudiosos associam essa atitude a formas primitivas de GNOSTICISMO, em que o conhecimento era posto acima da ética.

Antioquena, Escola. Método de interpretação das Escrituras, que com a ESCOLA ALEXANDRINA, exerceu grande influência

durante a ERA PATRÍSTICA (c. 100-750 d.C.). A Escola Antioquena construiu a hermenêutica baseando-se em princípios aristotélicos e foi profundamente influenciada pela forte população judaica em Antioquia. Em oposição ao sistema ALEGÓRICO da ESCOLA ALEXANDRINA, os antioquenos empregaram o que chamaram de *theoria* (“reflexão, contemplação”), que significava para eles um sentido mais profundo do texto do que uma abordagem simplesmente histórica, mas ainda firmemente enraizada no sentido literal e contexto histórico do antigo Israel. Essa abordagem está próxima ao entendimento atual de TIPOLOGIA, uma vez que se refere à ordenação que Deus deu à história (em contraste com a visão mais simbólica do MÉTODO ALEGÓRICO praticado em Alexandria). (V. tb. *SENSUS PLENIOR*.)

antíteses. Nos estudos do NT, os seis contrastes entre Moisés e Jesus no sermão do monte em Mateus 5.21-48. Cada antítese é introduzida pela fórmula: “Vocês ouviram o que foi dito” seguida pela resposta antitética: “Mas eu lhes digo”.

antítipo. (V. TIPOLOGIA.)

antropomorfismo. Na Bíblia e na teologia, é um recurso de linguagem no qual são atribuídos a Deus característica ou emoções humanas (conhecidas por ANTROPOPATISMO). Por exemplo, referências ao “braço direito”, ou ao “assento” nos céus, ou ao “riso” de Deus freqüentemente tratadas como antropomorfismo e como reflexo do pensamento “rudimentar” sobre Deus. Contudo, o antropomorfismo pode ser visto como a linguagem da imanência — a proximidade e a relação de Deus com sua criação. Assim, Deus “andar” pelo jardim quando soprava a brisa do dia (Gn 3.8) nada tem que ver com a atribuição de uma “forma humana” a Deus, mas com a maneira de expressar o envolvimento dele com o mundo. No caso de antropopatismo (p. ex. a ira ou o riso de Deus), a descrição não

é “irracional” (“acesso emocional”), mas pode ser interpretada como parte da resposta divina ao comportamento humano e parte de sua vontade pela criação. Deus, em certo sentido, pode de fato considerar algum pensamento ou ação “engraçado” ou a causa de “ira” (v. Sl 2,4,5). A dificuldade em lidar com antropomorfismos é ilustrada pelo que queremos dizer quando dizemos “Deus fala” ou que “Deus ouve”. Estaríamos dizendo que Deus tem cordas vocais e ouvidos, ou estamos dizendo que essa linguagem reflete como Deus se relaciona com as pessoas, em que o dar e o receber da linguagem falada e ouvida caracterizam o relacionamento? (V. tb. METÁFORA.)

antropopatismo. (V. ANTROPOMORFISMO.)

aparato crítico. Notas de rodapé encontradas no texto crítico da maioria das edições do AT hebraico e NT grego. Essas notas citam várias fontes manuscritas e variantes que apóiam ou diferem do texto impresso. Versões correntes da Bíblia em português por vezes indicam nas notas de rodapé importantes diferenças textuais com a frase “alguns dos manuscritos antigos omitem” ou “alguns dos manuscritos adicionam”. (V. tb. TEXTUAL, CRÍTICA.)

apocalipse. Literalmente “desvendamento” ou “revelação”. O termo é empregado nas palavras iniciais do último livro da Bíblia: “Revelação (*apokalypsis*) de Jesus Cristo” (Ap 1.1). Tem sido usado também pelos intérpretes para descrever certas porções “revelatórias” do livro de Daniel, de passagens como Isaías 24—27 e Marcos 13, e alguns livros não-canônicos. (V. tb. APOCALÍPTICO; APOCALIPTICISMO.)

apocalíptico. Termo usado para descrever o GÊNERO literário e visão de mundo em que os segredos sobre o mundo celestial e o Reino de Deus (e o fim do mundo) são revelados. Esses segredos são, em geral, entregues por meio de sonhos e visões ou por mensageiros sobrenaturais (p. ex., anjos) e são expres-

sos em símbolos vívidos ou METÁFORAS. Obras apocalípticas floresceram durante o período greco-romano (c. 200 a.C. a 200 d.C.) e não estão limitadas aos livros bíblicos, mas eram parte da cultura mais abrangente do mundo mediterrâneo. Com freqüência na literatura apocalíptica é fornecida *admoestação* para que a audiência se mantenha fiel e persevere. A comunidade é notificada que experimentará um tempo de sofrimento, mas que será seguido pela defesa dos justos e punição dos maus. (V. tb. APOCALIPSE; APOCALIPTICISMO.)

apocaliptismo. Geralmente usado para descrever o grupo social e especificamente a ideologia e as crenças dos que adotam a perspectiva APOCALÍPTICA. A origem do pensamento apocalíptico bem como as influências recebidas são debatidas, variando da profecia à SABEDORIA MÂNICA e ao MITO. Na tradição judaica, a escatologia apocalíptica contrasta com a escatologia profética (na qual os eventos futuros desdobram-se de dentro da história humana, como em Mq 4.1-4), com a primeira salientando a interrupção do curso normal dos eventos humanos realizada por Deus ou seus agentes, com freqüência revelando o fim da presente ordem mundial e a ressurreição dos que permanecerem fiéis. Apocalipticismo testifica o governo de Deus sobre a história, que fornece ao fiel estrutura de ação em vez de aceitação passiva ou desespero em um tempo de conflito e perseguição. (V. tb. APOCALIPSE; APOCALÍPTICO.)

apócrifo. Geralmente usado como adjetivo para descrever os APÓCRIFOS ou qualquer texto ou peça que tenha autoridade ou autenticidade duvidosas. A história da composição da *SEPTUAGINTA*, como registrada na *CARTA DE ARISTÉIAS*, por exemplo, é considerada apócrifa.

apócrifos. Nome dado à coleção de livros que foram considerados com conteúdo “escondido” ou com verdades “secretas”

(do gr. *apokryto*, “esconder, ocultar”). Os livros apócrifos são considerados canônicos pelos católicos romanos e pelas igrejas ortodoxas, mas não são incluídos nas Escrituras judaicas e na maioria das protestantes. Os apócrifos do AT incluem livros que são ainda considerados importantes para o judaísmo e o protestantismo, como *1 e 2 Macabeus* e *Sabedoria de Salomão*, mesmo que não sejam considerados canônicos. Esses livros estão em condição distinta dos evangelhos, cartas e literatura apocalíptica APÓCRIFA, escritos entre os séculos II e VI d.C., e não fazem parte de qualquer CÂNON cristão. (V. tb. DEUTEROCANÔNICOS, LIVROS; NAG HAMMADI, BIBLIOTECA DE; OXIRRINCO, PAPIROS DE; EVANGELHO.)

apodíctica, lei. Forma de lei caracterizada por endereçamento pessoal, em maneira imperativa de disposição “Vocês não devem”. Geralmente, não são fornecidas circunstâncias atenuantes ou detalhes, e as conseqüências não são especificadas, como em Êxodo 20.13: “Não matarás”. É contrastada pela lei CASUÍSTICA.

aporia. Na CRÍTICA DA FONTE dos evangelhos, é um termo técnico que indica transições aparentemente abruptas ou inconsistências estruturais que resultam da tentativa do autor de incorporar material de diferentes fontes em um único documento. O discurso de despedida de Jesus em João 14—16 é considerado por alguns intérpretes como contendo diversos tipos de alteração estrutural desse tipo.

apostólica, parúsia. A idéia de mesmo que Paulo não esteja presente pessoalmente em alguma das igrejas, a autoridade apostólica está, entretanto, presente ou deveria ser sentida tanto pela carta que escreve à igreja (v. Rm 1.8-15; 15.14-33; 1Co 4.14-21; 2Co 12.14—13.13; Fm 22) quanto por meio de um enviado designado, Timóteo (1Co 4.17-20; Fp 2.19-24; 1Ts 2.17—3.13).

apotegma. Transliteração do grego “falar livremente a opinião” (pl. *apophthegmata*). Nos estudos dos evangelhos (particularmente a CRÍTICA DA FORMA), o termo foi usado por Rudolf BULTMANN para os ditos proverbiais e de sabedoria de Jesus, transmitidos oralmente, mas que foram colocados em um contexto histórico quando os autores escreveram os evangelhos (v. Mc 3.1-6; 7.1-23; 10.17-22; 12.13-17). Martin Dibelius usou o termo paradigma para o mesmo tipo de material; Vincent Taylor usou “HISTÓRIA DE PRONUNCIAMENTO”. (V. tb. *CHREIA*.)

aqedah. Termo RABÍNICO referente à história e à interpretação do “sacrifício” de Isaque por Abraão (Gn 22; *ĀQEDĀH* significa “amarração” de Isaque). No relato, Deus instrui Abraão para sacrificar seu único filho, Isaque, no monte Moriá, como teste da fé e da perseverança do patriarca. Abraão foi obediente a esse teste extremo, e a bênção a Abraão é reiterada não por causa da obediência, mas como reafirmação da promessa e do reconhecimento do valor da obediência humana (Gn 22.15-18). Essa história é repleta de tradição para judeus, cristãos e muçulmanos, e é usada para reflexões teológicas em diversos temas, como obediência, martírio e providência divina.

Aquino, Tomás de (1225-1274). Teólogo italiano e monge dominicano da Idade Média cuja sistematização da teologia em sua *Suma teológica* (uma síntese da filosofia aristotélica e fé cristã) se tornou o ensino oficial aceito pela Igreja Católica Romana. Sua erudição bíblica está presente nos sermões, exposições e comentários tanto do AT quanto do NT.

aramaísmo. Influências da gramática, forma e conteúdo da língua aramaica nos textos gregos. No NT, influências aramaicas (ou semíticas) são observadas nas parábolas de Jesus e na interpretação (*MIDRAXE*) das histórias e conceitos do AT (p. ex., Lc 24.21 pega o tema da “libertação” e evoca um *midrax* que identifica Moisés como um dos que “libertariam Israel”).

Aramaísmos são especialmente notados no uso de termos como *Abba*, “pai” (v. Mc 14.36; Rm 8.15; Gl 4.6) e *Tabita*, nome aramaico (v. At 9.36). (V. tb. MARANÁIA.)

aretologia. Termo que descreve milagres, poderes sobrenaturais, grandes obras, atos de poder e qualidades de virtude de um deus ou um “homem divino” (gr. *arete*, “virtude”). Nos estudos dos evangelhos, refere-se aos milagres e relatos miraculosos de Jesus nos quatro evangelhos. (V. tb. DIVINO, HOMEM.)

arianismo. Crença dos adeptos dos ensinamentos de ÁRIO.

Ário (c. 256-336). Teólogo alexandrino (Egito) da igreja primitiva que acreditava que Jesus, mesmo sendo completamente humano e o mais elevado ser criado, não era totalmente divino pois não compartilhava da mesma substância que Deus. A crença de Ário (ARIANISMO) foi declarada herética pelo CONCÍLIO DE NICÉIA, em 325 d.C.

Aristéias, Carta de. Documento que supostamente descreve as circunstâncias que envolveram a tradução do AT para o grego. O autor, Aristéias, provavelmente judeu que vivia em Alexandria no século III a.C., escreveu uma carta a seu irmão, Filócrates, informando que 72 delegados, seis de cada tribo de Israel, foram enviados a Ptolomeu II, rei do Egito, para traduzir a Lei (*TORÁ*) para sua biblioteca, que continha livros de todo o mundo. A tarefa, de acordo com o documento, foi completada em 72 dias, e todos os tradutores concordaram com a tradução final. A história tem muitos elementos concretizados, mas a tradução do AT para o grego foi de encontro às muitas necessidades dos judeus de fala grega que viviam em Alexandria. A tradução, iniciada no século III a.C., não foi completada até o século I. (V. tb. APÓCRIFO; *SEPTUAGINTA*.)

Aserá. Nome de uma divindade materna cananita, a companheira do deus El e a contraparte do deus Baal. Na Babilônia ela era conhecida como a “dama da volúpia” e em outros lu-

gares por seu apetite sexual. As referências bíblicas a Aserá geralmente dizem respeito a postes de madeira (postes ídolos) ou árvores associados a instituições CULTUAIS proibidas (v. Êx 34.13), especialmente a prostituição ritual (v. Os. 4.12-14). A acusação profética de adoração a Aserá é testemunho da sedução que esta prática proporcionou ao longo da história de Israel.

asmoneus, dinastia dos. Nome da família de sacerdotes e reis macabeus que governaram Israel de 160 a.C. até a tomada pelos romanos de Jerusalém em 63 a.C. O relato dos asmoneus é contado em *1 e 2 Macabeus*. O nome “asmoneu” não é usado nesses textos, mas é utilizado por Josefo, outra fonte histórica importante para os eventos que levaram ao domínio dos asmoneus. O nome parece vir de um antigo nome predecessor, *hashmônay* (gr. *asmonaios* em Josefo). Sob a dinastia dos asmoneus, o reino de Judá estendeu suas fronteiras a uma extensão igual às que o rei Davi estabeleceu durante seu reinado. No final, a dinastia dos asmoneus foi vítima das facções competitivas que tinham surgido na região sob seu governo, e obviamente, pelo poder do novo Império Romano que trouxe “paz” a uma região em que os governos “helenísticos” tinham sido incapazes de manter. (V. tb. *PAX ROMANA*.)

Atanásio (c. 296-373). Teólogo e apologista da igreja primitiva que foi treinado na escola CATEQUÉTICA de Alexandria. Conhecido principalmente por sua oposição à doutrina herética de ÁRIO, ele também desenvolveu diversos princípios importantes de interpretação bíblica. Como bispo de Alexandria, dedicou grande parte de sua 39.^a carta comemorativa (festival) às igrejas para anunciar a data da Páscoa em 367 d.C. e arrolar os livros do AT e do NT que ele considerava que deveriam ser CANÔNICOS. Essa lista de livros foi adotada como base do Terceiro CONCÍLIO DE CATARGO, em 397 d.C.

atestação múltipla, critério de. Critério para descobrir a autenticidade das afirmações de Jesus. A pressuposição implícita neste critério é que se palavras e feitos similares de Jesus são atestados multiplamente em diferentes fontes nos EVANGELHOS (Marcos, Q, M, L), provavelmente são autênticas. (V. tb. COERÊNCIA, CRITÉRIO DE; CRITÉRIO DE AUTENTICIDADE; DESSEMELHANÇA, CRITÉRIO DE.)

A.U.C. Abreviatura do latim *ab urbe condita*, ou *anno urbis conditae* (literalmente “da fundação da cidade”), referindo-se à fundação da cidade de Roma. Dionísio, monge cita, considera o início da era cristã como relacionada à fundação da cidade de Roma, que datou em 754 a.C. Dionísio errou: foi em 750 a.C. Dessa forma, temos o inusitado fato do nascimento de Jesus ser atualmente datado em 4-6 a.C.

autógrafo. Manuscrito original ou documento da obra de um autor (gr. *autographos*, “escrito pela própria mão”). Uma vez que nenhum autógrafo de qualquer livro bíblico foi descoberto, os estudiosos devem trabalhar com cópias posteriores.

autor sugerido. Termo da crítica da narrativa que faz distinção entre a pessoa que é apresentada no texto e o autor real. O autor sugerido é criação do autor real, e o caráter do primeiro está subentendido e embutido no texto. O autor sugerido escreve para o leitor sugerido. Em alguns casos, o termo “autor sugerido” é usado quando a autoria de certo documento é questionada. Eruditos que duvidam da autoria paulina de Efésios, por exemplo, podem escolher falar de um autor sugerido em vez de Paulo.

B

abilônico, exílio. Período de tempo desde a destruição do primeiro templo (587 a.C.) e da deportação do rei Zedequias

e outros à Babilônia até o edito de Ciro que permitiu aos judeus retornarem à terra de Israel e reconstruir o templo em 538 a.C. (v. 2Cr 36.22,23). O reino do Norte (Israel) havia sido conquistado pelos assírios e seus habitantes deportados em 721 a.C. Os profetas, Oséias e Amós em particular, haviam anunciado a destruição em razão das práticas idólatras desse reino. Miquéias e Isaías, contemporâneos de Oséias e Amós, disseram que o mesmo ocorreria com Judá, o reino do Sul, se persistissem nos mesmos caminhos. O exílio babilônico teve efeito decisivo na teologia da Bíblia. A perda dos símbolos nacionais — terra, templo, reino — colocou em perigo a identidade de Judá como povo de Deus. A resposta do povo à crise foi a aceitação da acusação profética contra a idolatria e o “retorno” à fé da ALIANÇA. O exílio foi visto tanto como punição (pelos pecados; Lm 1.5) quanto promessa (que Deus não abandonaria seu povo; Lm 3.21-24). Muitos judeus permaneceram nas novas terras e não retornaram à terra de Israel. (V. tb. DIÁSPORA.)

baixa crítica. Crítica textual. O termo foi desenvolvido por J. G. EICHHORN em contraste com a ALTA CRÍTICA, que investiga criticamente as questões de autoria, datas, fontes e composição. Nenhum dos dois termos tem sido usado em estudos recentes.

Bar Kokhba. Judeu zelote (nome hebreu: Shimôn *ben* Kôḵav) que liderou a segunda revolta judaica (132-135 d.C.) contra os romanos. Alguns estudiosos sugerem que o nome adquirido Bar Kokhba (aramaico, também na forma *bar Kôḵbā*), “filho da estrela” era título messiânico derivado de Números 24.17, que afirma que “uma estrela procederá de Jacó, de Israel subirá um cetro”. Na literatura RABÍNICA, um trocadilho aviltante de seu nome descreve-o como Bar Koziba, “filho da mentira”, em virtude da frustração de suas aspirações messiânicas.

Barth, Karl (1886-1968). Teólogo suíço e pai da neo-ortodoxia. Talvez o mais influente teólogo do século XX, salientou a transcendência de Deus que, apesar disso, revelou-se em Jesus Cristo. Foi educado por estudiosos liberais da época, mas em seu famoso comentário de Romanos, escrito enquanto exercia o pastorado após a Primeira Guerra Mundial, rompeu com o liberalismo e buscou redescobrir a realidade da soberania de Deus como foi testemunhada pelos apóstolos e profetas. O maciço *Church dogmatics* [*Dogmática da igreja*] contém muitos exemplos detalhados e instrutivos sobre sua EXEGESE das Escrituras.

bat-qôl. Hebraico “filha da voz”. O termo é usado pelos judeus para referir-se à voz celestial, mas é distinto de profecia, que é recebida por intermédio de alguém em um relacionamento já existente com Deus. Um exemplo neotestamentário de *bat-qôl* é a voz divina ouvida no batismo de Jesus (Mt 3.17; Mc 1.11; Lc 3.22).

Baur, Ferdinand Christian (1792-1860). Professor de história da igreja e teologia dogmática na Universidade de Tübingen, Alemanha, de 1826 a 1860. Baur desenvolveu a radical abordagem HISTÓRICO-CRÍTICA da Bíblia que, entre outras coisas, questionava os relatos sobrenaturais das origens do cristianismo, a unidade do CÂNON e a autoria apostólica da maioria das cartas do NT. Aplicou a filosofia de G. W. F. Hegel (tese—antítese—síntese) à história da igreja primitiva ao propor que a oposição entre o judaísmo cristão de Pedro (tese) e o cristianismo gentio de Paulo (ANTÍTESE) levou à reconciliação (síntese) na igreja católica primitiva do século II d.C. (V. tb. TÜBINGEN, ESCOLA DE.)

Beda (c. 673-735). O “pai da história inglesa” e um dos homens mais versados da época. Quando o continente entrou na Era das Trevas, a igreja em Úmbria do Norte, onde Beda

vivia, beneficiou-se da erudição provinda da Itália (trazida por Teodoro de Tarso, arcebispo de Cantuária) e da devoção da igreja celta. Beda é conhecido pelos escritos e erudição, incluindo comentários de muitos livros bíblicos, como os evangelhos de Marcos e Lucas.

Benedictus. Nome tradicional latino atribuído à profecia de Zacarias com respeito a João Batista (Lc 1.68-79). Em latim, a primeira sentença inicia com *Benedictus Dominus Deus Israel* [*Bendito seja o Senhor Deus de Israel*], mas continua como hino de louvor a Deus pelas promessas ALIANCÍSTICAS e em favor do seu povo, e como prognóstico do papel profético de João Batista. (V. tb. *MAGNIFICAT*; *NUNC DIMITTIS*.)

Bernardo de Claraval (c. 1090-1153). Eloquentemente pregador medieval e fundador de 68 monastérios por toda a Europa. Como intérprete, é mais conhecido por seus sermões sobre o Cântico dos Cânticos. Esses sermões alcançaram extensa audiência ao instigar a imagem sensual relacionando-a à experiência afetiva e pessoal do amor de Deus por nós e do nosso amor a ele. Por meio da ALEGORIA, o SENTIDO LITERAL foi transferido para o desejo por Cristo (e união com ele).

bíblica, crítica. Aplicação do método e julgamento racional ao estudo do texto bíblico pela perspectiva de perceber os diferentes estágios de composição e as diferenças literárias dentre os livros bíblicos. O termo é usado também de forma mais geral para referir-se à atual interpretação do texto bíblico. A crítica bíblica, como interpretação distintiva, tem sido praticada desde quando as comunidades aceitaram primariamente o texto como autoridade; contudo, a crítica bíblica tomou um novo rumo no século XVIII com o estudo da Bíblia como “empreendimento” científico e não necessariamente pela perspectiva da fé. Os métodos e abordagens têm se multiplicado desde o princípio, mas a pressuposição implícita de que a Bí-

bíblia deve ser lida como qualquer outro livro permanece, usando-se os métodos históricos e literários para julgar a origem e significado do texto. Um perigo da crítica bíblica reside na perda potencial de uma leitura distintamente teológica do texto como a Palavra de Deus. (V. tb. *BÍBLICA, MOVIMENTO DA TEOLOGIA; CRÍTICA CANÔNICA.*)

Bíblica, Movimento da Teologia. Após a Segunda Guerra Mundial, um grupo de estudiosos procurou encontrar unidade dentro da Bíblia por meio das pressuposições básicas e padrões de pensamento do texto, mesmo que cada autor ou livro possa expressar esses padrões em diferentes palavras ou imagens. O movimento acolheu a *CRÍTICA BÍBLICA* e suas conclusões, mas ainda procurou restabelecer a dimensão teológica nas Escrituras. A revelação divina na história tornou-se o ponto central do empreendimento, mesmo a *HISTÓRIA DA SALVAÇÃO*, mais do que qualquer evento verificável, tenha sido a chave para o evento (a distinção tem sido considerada mais nitidamente para alguns do que para outros). A teologia bíblica, para esses estudiosos, era uma forma de mostrar a importância e a relevância permanente da Bíblia para o cristão. Os leitores foram encorajados a pensar “hebraicamente” e salientar temas e conceitos; deveriam transportar-se para o “mundo bíblico” e suas categorias, e não pensar em termos abstratos das categorias gregas. O movimento foi severamente criticado em seus pontos centrais, mesmo por pessoas de dentro do movimento (p. ex. Brevard CHILDS), e sua influência enfraqueceu-se. Contudo, abordagens recentes ao estudo da Bíblia, especialmente a *CRÍTICA CANÔNICA*, buscaram recuperar a necessidade de leitura teológica, ao mesmo tempo em que evitaram o perigo da colocação de mentalidade bíblica ou unidade temática entre os Testamentos.

biblicismo. Termo depreciativo que descreve a adesão não-crítica e inquestionável à Bíblia e à interpretação literal dela.

bibliolatria. Termo pejorativo usado para expressar uma atitude de pessoas que focalizam muita atenção na Bíblia, *como um livro a ser venerado e idolatrado em si mesmo*, e esquecendo dos aspectos mais importantes da Bíblia, como a revelação de Deus transmitida pela autoria humana.

binitarismo. Doutrina que nega a divindade do Espírito Santo ao defini-lo como um poder impessoal do Pai e do Filho, que juntos compartilham a mesma essência e substância. Inicialmente, a doutrina estava ligada à íntima associação de Deus Pai com Jesus, o Filho, em textos como Romanos 4.24, 2Coríntios 4.14 e 1Timóteo 2.5,6. Como tal, difere do trinitarismo, que afirma a divindade das três pessoas da Trindade (Pai, Filho e Espírito). Em debates sobre a adoração dos cristãos primitivos, a devoção cristã inicial a Deus Pai e ao Filho é algumas vezes descrita como binitária ou como tendo “contorno binitário”.

birkat-humimim. Lit., “a bênção dos hereges”, mas geralmente visto como uma “maldição” contra os judeus cristãos que foram expulsos das sinagogas quando aumentaram as tensões entre judeus cristãos e incrédulos (v. Jo 9.22; 12.42; 16.2). As 18 bênçãos que foram lidas em algumas sinagogas incluem esta frase: “Para os apóstatas, não há mais esperança. E no julgamento, o reino da arrogância logo será destruído. *Bendito sejas Tu, ó Senhor, que humilhas o orgulhoso*”.

Bornkamm, Günther (1905-1990). Estudioso alemão do NT que ensinou principalmente em Heidelberg, Alemanha. Embora tenha sido aluno de Rudolf BULTMANN, não seguiu o ceticismo radical de seu mestre com relação ao Jesus histórico (v. BUSCA DO JESUS HISTÓRICO). A significativa monografia de Bornkamm, *Jesus de Nazaré* (1960), procurou demonstrar a continuidade entre Jesus de Nazaré, como apresentado nos evangelhos, e o Cristo da fé, como crido e proclamado pela

igreja. Também foi um dos primeiros estudiosos a aplicar os princípios da CRÍTICA DA REDAÇÃO ao Evangelho de Mateus.

Bruce, Frederick Fyvie (1910-1991). Prolífico e influente estudioso evangélico britânico que consumiu a maior parte da carreira acadêmica na Universidade de Manchester, na Inglaterra. Conhecido pelos muitos comentários de livros do NT, também prestou grande contribuição ao estudo do AT, à teologia bíblica, história do NT e à história do CÂNON.

Bultmann, Rudolf (1884-1976). Estudioso alemão do NT que teve notável carreira de ensino na Universidade de Marburgo (1921-1951). Foi talvez o mais influente estudioso do NT do século XX, e seus estudos, que refletem a influência da teologia dialética e da filosofia existencialista, compreendem grande lista de temas, incluindo HERMENÊUTICA, o JESUS HISTÓRICO, a CRÍTICA DA FORMA, a teologia joanina, a teologia paulina, a teologia do NT e a escola da HISTÓRIA DA RELIGIÃO. (V. tb. APOTEGMA; DESMITIFICAÇÃO; *HISTORIE*.)

busca do Jesus histórico, a. Busca acadêmica para se descobrir a figura real, histórica, de Jesus que está por trás dos relatos dos EVANGELHOS. O termo é tirado do título inglês do famoso livro de Albert SCHWEITZER, *The quest of historical Jesus* [A busca do Jesus histórico]. Essa frase tornou-se referência para diversas e progressivas tentativas de escrever um relato historicamente confiável sobre Jesus. O relato que essa escola procura tem sido até mesmo classificado por períodos: A Velha Busca (1778-1900); “Nenhuma Busca” (1900-1940); a Nova Busca (1940-1980); e a Terceira Busca (1980-presente). Esta última busca, cunhada por N. T. Wright, procura entender Jesus primeiramente dentro do contexto da cultura judaica do século I e tende a confiar menos no CRITÉRIO DE AUTENTICIDADE (particularmente no CRITÉRIO DE DESSEMELHANÇA) do que em ver Jesus como personagem digno de aceitação histórica do século I do JUDAÍSMO PALESTINO.

C

cânon. Termo referente à condição de autoridade da formação e coleção final dos livros bíblicos (o termo significa “vara de medir, padrão”). A ordem desses livros algumas vezes difere (v. *TANAK* para a ordem hebraica do cânon) e os livros que o compõem variam (o cânon católico contém os APÓCRIFOS, que são algumas vezes chamados de “deuterocanônicos”), mas a lista de livros do cânon é sancionada como a norma da qual a doutrina e a prática são derivadas. O cânon judaico foi discutido em *JÂMNIÁ/ Yavneh* após a primeira guerra judaica (66-74 d.C.), mesmo que as disputas tenham continuado no século II. A lista dos 27 livros do cânon do NT recebeu a condição de autoridade por ATANÁSIO, bispo de Alexandria, no século IV. Dessa forma, *cânon* refere-se aos próprios livros ou à função de autoridade na comunidade de crentes e testemunhá-lhes a adaptabilidade e estabilidade das Escrituras. Canonização refere-se ao processo pelo qual esses escritos se tornaram reconhecidos como autoridade única. (V. tb. CONCÍLIO DE CARTAGO; DEUTEROCANÔNICOS, LIVROS.)

canônicos, evangelhos. Os quatro evangelhos que circularam por todas as igrejas do mundo Mediterrâneo, foram em seguida reunidos e finalmente canonizados pela igreja no TERCEIRO CONCÍLIO DE CARTAGO em 397 d.C. (em oposição aos evangelhos APÓCRIFOS).

canto fúnebre oriental. (V. LAMENTO, SALMOS DE.)

carisma. Termo derivado do grego *charis* (“dom, graça”) e usado no NT para descrever vários dons espirituais (*charismata*) presentes na igreja, como línguas, profecia, sabedoria, conhecimento e fé (v. Rm 12.6-8; 1Co 12.8-10; 1Pe 4.10,11).

carismático. Pessoa que possui e manifesta qualquer dos dons espirituais (v. CARISMA). Contudo, no uso popular comum,

descreve a pessoa com dom de GLOSSOLALIA, ou “línguas”. Também é usado para alguém com personalidade forte e encantadora, que é capaz de inspirar a dedicação de outros. No AT, o “Espírito do SENHOR” sobre certos indivíduos permitia que profetizassem (v. Jz 3.10; Nm 11.25, 29; Is 42.1; 62.1,2; Jl 2.28,29; Zc 12.10).

casuística, lei. Forma de lei caracterizada por uma condição “se ... então”, na qual a ação e as conseqüências são estipuladas, e as considerações ou circunstâncias atenuantes são especificadas. Um exemplo é Êxodo 21.12,13: “Quem ferir um homem e o matar terá que ser executado. Todavia, se não o fez intencionalmente, mas Deus o permitiu, designei um lugar para onde poderá fugir”. Contrastá-se com a LEI APODÍCTICA.

Catálogo de vícios e virtudes. Lista de males e virtudes feita pelos escritores do NT. Esse dispositivo, encontrado na filosofia estoica, foi adaptado e utilizado por diversos escritores do NT no contexto de instrução ética. Com freqüência, os termos *Lasterkatalog* (lista de males) e *Tugendkatalog* (lista de virtudes) aparecem em estudos bíblicos como palavras emprestadas do alemão. O NT contém extensas listas ou catálogos de males (p. ex. Rm 1.29-31; Gl 5.19-21; Ef 5.3-5) e virtudes (p. ex. 2Co 6.6,7; Gl 5.22-26; Fp 4.8).

Cartago, Concílio de. (V. CONCÍLIO DE CARTAGO.)

catequese, catequético. Material moral e religioso em forma oral ou escrita para instrução de fiéis em matérias de fé e ética dentro do contexto comunitário religioso (do gr. *katēcheō*, “informar, instruir, ensinar”). Seções de Deuterônômio, dos evangelhos (esp. Mt) e da literatura epistolar foram usadas originalmente para este fim. (V. tb. PARÊNESE.)

cativoiro, epístolas do. Termo usado para as cartas de Paulo consideradas como tendo sido escritas durante sua prisão (primeiramente em Roma, mas alguns argumentam em Cesaréia

e Efésios, também chamadas epístolas da prisão). Para muitos estudiosos, essas cartas incluem Efésios, Filipenses, Colossenses, Filemon, 1 e 2 Timóteo e Tito.

católicas, epístolas. Designação de sete cartas neotestamentárias (Tg, 1 e 2Pe, Jd, 1, 2 e 3Jo) em razão de não terem sido endereçadas a uma igreja específica, ao contrário das cartas paulinas, mas para cristãos em geral (*católico* significa “geral” ou “universal”). Por exemplo, Tiago escreveu às “doze tribos da Dispersão” (1.1), e 1 Pedro é endereçada aos “exilados da Dispersão” (1.1) de várias províncias romanas. A epístola aos Hebreus não está incluída porque é endereçada a uma audiência particular, mesmo que não possamos identificá-la com precisão.

catolicismo primitivo. Termo técnico dos estudos do NT baseado na hipótese que a igreja primitiva se desenvolveu de uma COMUNIDADE CARISMÁTICA vagamente organizada sob a direção do Espírito Santo na era apostólica para uma comunidade formal ou “institucionalizada” na era pós-apostólica, especialmente em áreas como organização da igreja, doutrina, liderança e sacramentos. As Epístolas Pastorais são comumente propostas como exemplos desse desenvolvimento posterior. (V. tb. *FRÜHKATHOLIZISMUS*.)

Ceia do Senhor. (V. EUCHARISTIA.)

Childs, Brevard S. Erudito americano do AT. É mais conhecido pela crítica do MOVIMENTO DA TEOLOGIA BÍBLICA, do qual fazia parte, e pela defesa da CRÍTICA CANÔNICA, mesmo que evite os termos como metodologia. O interesse de Child está em apresentar uma interpretação coerente do texto bíblico como Escritura sagrada tanto para a igreja quanto para a SINAGOGA. É a “forma” do texto canônico — seu escopo e propósito — que guia a interpretação, e não a metodologia ou teoria particular da pré-história do texto.

chreia. Termo técnico (pl. *chreiai*) usado em retórica no grego antigo para afirmações incisivas e ditos curtos (EPIGRAMAS), para ações sobre ou em honra a alguém importante e que sejam úteis para a vida diária. *Chreia* significa algo “indispensável” e “necessário”. Parte dos estudiosos crê que a igreja primitiva adaptou certos ditos e ações de Jesus ao formato *chreia* (v. Mc 1.14,15; Lc 3.10,11; 19.45,46; Jo 4.43,44).

cinismo. Movimento filosófico fundado por Diógenes de Sínope (c. 400-325 a.C.) e era mais de um estilo de vida do que uma escola de princípios filosóficos. Seu fundador recebeu o nome “Diógenes, o Cão” (“cínico” deriva do grego *kynōn*, “cão”) em virtude de seu comportamento sem constrangimento em público. Os “cínicos” viviam “de acordo com a natureza”, salientando mais a simplicidade e a frugalidade da vida do que a luxúria.

Cirilo de Alexandria (375-444). Patriarca de Alexandria e exegeta excepcional da ESCOLA ALEXANDRINA. Cirilo aderiu firmemente ao MÉTODO ALEGÓRICO, mas, em virtude de seu contato com JERÔNIMO e a ESCOLA ANTIOQUENA, também se preocupou com o sentido literal do texto bíblico. Para Cirilo, entretanto, o sentido literal derivava do sentido do objeto que significava e não apenas das próprias palavras. Desse modo, para ele, o sentido espiritual com freqüência era o sentido “literal” da passagem, uma vez que tudo, em um texto, poderia ter sentido além do simples significado do termo. Por exemplo, de acordo com Cirilo, quando o profeta Miquéias diz “Ele será a sua paz” (Mq 5.5) está se referindo ao próprio Cristo e não simplesmente à paz produzida por Cristo.

Ciro. Líder da associação militar dos exércitos da Pérsia e da Média que conquistou a Babilônia em 539 a.C. A Babilônia experimentava um período de instabilidade quando Nabonido, o último monarca e defensor do deus-lua Sin, enfrentava opo-

sição dos sacerdotes de Marduk, a divindade babilônica principal. Ciro tirou vantagem dessa ruptura e “adentrou a Babilônia sem batalhar”, talvez ajudado pelos sacerdotes que receberam-no em nome de Marduk e escreveram uma entusiástica inscrição sobre sua vitória. Ciro declarou paz a todos, emitindo um edito aos judeus em exílio para que retornassem à sua terra e reconstruíssem o templo (2Cr 36.22,23). Isaías chama Ciro de “pastor” do Senhor (44.28) e seu “ungido” (45.1). (V. tb. BABILÔNICO, EXÍLIO; DIÁSPORA.)

Clemente de Alexandria (c. 155-220). Primeiro estudioso a se tornar notável na ERA PATRÍSTICA (c. 100-750 d.C.). Foi empossado como o principal da escola catequética de Alexandria em 190 d.C., onde escreveu a maioria de suas obras. Apesar de ser conhecido mais pelos escritos teológicos, escreveu um comentário das Escrituras nos moldes da ESCOLA ALEXANDRINA. Também é conhecido por ter sido professor de ORÍGENES.

códice. Documento em formato de livro (em oposição ao formato de rolo) de manuscrito antigo ou mesmo de papiro ou pergaminho. O códice foi usado primeiramente pelos romanos para negócios e transações legais, mas também foi utilizado pela igreja primitiva para coletar e guardar manuscritos do NT em um único volume.

código da aliança. Designação feita por estudiosos modernos para o código de lei encontrado em Êxodo 21—23, também chamado LIVRO DA ALIANÇA. O termo é algumas vezes usado para o documento encontrado no templo pelos rei Josias que resultou em suas reformas (v. 2Rs 22; 2Cr 34).

código de santidade. Designação dada por estudiosos às leis encontradas em Levítico 17—26. Alguns estudiosos postulam que essas leis circularam de forma independente do Pentateuco e foram escritas talvez no último período da monarquia. A denominação “Código de Santidade” deriva do

refrão “Sejam santos porque eu, o SENHOR, o Deus de vocês, sou santo” (Lv 19.2 etc.). De acordo com a Hipótese Documentária, o Código de Santidade advém da FONTE SACERDOTAL [P].

código familiar. Regras ou tabelas encontradas no NT e na literatura grega que lidam com os relacionamentos domésticos entre marido e mulher, crianças e pais, escravos e mestres, no lar ou na igreja (Ef 5.21—6.9; Cl 3.18—4.1; 1Pe 2.18—3.7). Em muitos aspectos, as regras do NT correspondem às estruturas sociais do século I, mas em virtude de serem cristãos, incorporam princípios de responsabilidade mútua, respeito, amor e sinceridade. O termo alemão, *Haustafeln*, é usado com freqüência em estudos e comentários do NT.

coerência, critério de. Um dos critérios utilizados pelos estudiosos da Bíblia para determinar a autenticidade de certas declarações de Jesus. Seriam consideradas autênticas as que “combinam” ou “concordam” em forma e conteúdo com material estabelecido por outros princípios como o CRITÉRIO DE DESSEMELHANÇA e ATESTAÇÃO MÚLTIPLA. (V. tb. CRITÉRIO DE AUTENTICIDADE.)

- **coiné.** Língua comum grega do período do NT (em oposição ao grego ático da era clássica) e o tipo de grego usado pelos escritores do NT.

Comma Johanneum. Variante textual em 1João que deveria ser excluída do texto (gr. *kōmma*, “pedaço que deve ser cortado”). A controversa variante textual ocorre em 1João 5.7,8 (“Há três que dão testemunho: o Espírito, a água e o sangue; e os três são unânimes”) e foi inserida no texto grego por ERASMO. Foi posteriormente incluída na *King James Version*. As palavras em grifo não são autênticas e deveriam ser “cortadas”, ou seja, não deveriam estar incluídas no NT.

comparativo, midraxé. (V. INTRABÍBLICA, EXEGESE.)

Composto. Texto constituído que é baseado em diferentes fontes ou textos. No NT, 2Coríntios e Filipenses são algumas vezes descritos como textos compostos, porque alguns estudiosos acreditam que incorporaram mais de uma fonte (cartas, no caso) ao texto final.

Concílio de Cartago. Terceiro Concílio de Cartago, em 397 d.C., que provavelmente foi o primeiro concílio da igreja a endossar os 27 livros que constituem o CÂNON do NT.

Concílio de Jâmnia. (V. JÂMIA, CONCÍLIO DE.)

Concílio de Jerusalém. Encontro dos líderes da igreja primitiva, como Tiago, Pedro, Paulo, vários apóstolos e anciãos em Jerusalém por volta de 49 d.C. (At 15.1-35). Foi uma reunião crucial no desenvolvimento da igreja primitiva pois legitimou a missão de Paulo e Barnabé para os gentios. Ao fazer isso, o Concílio reconheceu que os gentios poderiam se tornar crentes sem aderir à lei mosaica, mesmo tendo sido exortados a “Que se abstenham de comida contaminada pelos ídolos, da imoralidade sexual, da carne de animais estrangulados e do sangue” (At 15.20; v. Gl 2.1-14; NOÉTICA, ALIANÇA).

Concílio de Nicéia. Concílio ecumênico convocado pelo Imperador Constantino em 325 d.C. para lidar com a controvérsia ariana. (V. tb. ÁRIO; ARIANISMO.)

Concílio de Trento. Concílio teológico (1545-1563) da Igreja Católica Romana organizado para responder ao desafio teológico que surgiu da Reforma protestante. Além do debate de vários temas teológicos, o concílio também fez vários pronunciamentos sobre o texto bíblico, sua interpretação e o CÂNON das Escrituras. O concílio aceitou o cânon do AT reconhecido por judeus e protestantes, mas também incluiu alguns livros dos APÓCRIFOS.

conflito, relato do. Breve narrativa nos evangelhos que registra um pronunciamento de Jesus em um contexto de conflito

com alguém, geralmente uma ou mais autoridades religiosas, como escribas e fariseus (v. Mt 12.1-8; 21.23-27; 23.1-39). Uma expressão intimamente relacionada é diálogo de controvérsia, como no confronto de Jesus com Satanás durante a tentação (Mt 4.1-11 e paralelos).

Constantino (c. 288-337 d.C.). Primeiro imperador romano cristão. Buscou unificar a igreja e expandir sua influência. Em 330 d.C. estabeleceu Constantinopla como capital na cidade grega de Bizâncio.

Conzelmann, Hans (1915-1989). Erudito alemão do NT. É muitas vezes associado a Gunter BORNKAMM e Ernest KÄSEMANN como “pós-bultmannianos” que romperam com seu professor Rudolf BULTMANN em certo número de assuntos, especialmente quanto à credibilidade do Jesus histórico apresentado nos evangelhos (v. *A busca pelo Jesus histórico*). Por meio de seu trabalho pioneiro na CRÍTICA DA REDAÇÃO, Conzelmann produziu seu mais famoso livro: *Die Mitte der Zeit* (1954, literalmente “O centro do tempo”, traduzido de forma infeliz para o inglês como *The theology of St. Luke [A teologia de são Lucas]*, (1960). Nessa obra, ele alega que Lucas substituiu a ESCATOLOGIA de Marcos do retorno iminente do Filho do Homem por uma perspectiva mais arraigada na história da igreja demonstrada na obra bíblica de dois volumes, LUCAS—ATOS.

corporação, personalidade de. Idéia de que no antigo Israel o indivíduo tinha ligação estreita com a comunidade. Deste modo, alguém poderia responder pelo grupo, como nos salmos, nos quais um indivíduo, “eu”, (em geral um rei, Davi) responde pela nação de Israel. Alguns estudiosos, como William Robertson Smith, unem essa noção com a teoria da psicologia hebraica, na qual cada indivíduo se misturava quase que de forma fluída com o grupo. A teoria hoje é amplamente desa-

creditada, mas noções revisadas da personalidade de corporação continuam a representar certo papel no estudo bíblico, uma vez que é amplamente reconhecido que nas culturas bíblicas a comunidade era considerada, no mínimo, mais importante que o indivíduo.

corpus. Corpo (do latim *corpus* significa “corpo”; pl. *corpora*) ou coleção de escritos de um tipo específico. Desse modo, no NT, nos referimos ao *corpus* paulino e *corpus* joanino para tratar da literatura atribuída a Paulo e João, respectivamente. O uso do termo pode variar entre estudiosos contemporâneos. Por exemplo, os que questionam a autoria de certas cartas podem referir-se a um *corpus* paulino e outro deuteropaulino.

credo. Manifesto formal ou confessional de fé, geralmente extraído da vida RELIGIOSA/CULTUAL de comunidades de crentes (latim *credo*, “eu creio”). No AT, credos resumidos envolvem temas como o Êxodo, a conquista da Terra Prometida, a ALIANÇA do Sinai, e outros similares (v., p.ex., Dt 6.1-11, 20-24; 20.5-9; Js 24.2b-13; 1Sm 12.8; Sl 78; 105; 135; 136). Deuteronômio 26.5 (“Então vocês declararão perante o SENHOR, o seu Deus: O meu pai era um arameu errante. Ele desceu ao Egito com pouca gente e ali viveu e se tornou uma grande nação, poderosa e numerosa”) é considerado o credo mais antigo do AT. No NT, declarações de fé aparecem como fórmulas fixas, em diversos lugares, por exemplo, em 1Coríntios 15.3-5 (“Pois o que primeiramente lhes transmiti foi o que recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, foi sepultado e ressuscitou no terceiro dia, segundo as escrituras, e apareceu a Pedro e depois aos doze”). (V. tb. Fp 2.5-11 e 1Tm 3.16.)

Crisóstomo, João (c. 354-407). Bispo de Constantinopla que se destacava pela excelente pregação (*Chrisostomos* [gr.] significa “boca de ouro”). Pertencia à ESCOLA ANTIOQUENA e foi,

talvez, o mais destacado pregador da ERA PAIRÍSTICA. Sua EXEGESE pode ser encontrada na série de sermões pregados principalmente na Catedral de Antioquia. Eram caracterizados pela aplicação moral e espiritual do sentido literal das Escrituras. Crisóstomo com frequência anunciava as lições para o culto seguinte e encorajava a congregação para que as lesse, obtendo assim, melhor compreensão do sermão.

cristofania. Aparição ou manifestação de Cristo a seus discípulos, como depois da Ressurreição (Mt 28.1-10,16,17; Mc 16.9-14; Lc 24.13-49), na Transfiguração (Mt 17.1-8; Mc 9.2-8; Lc 9.28-36) e a aparição do Senhor a Paulo no caminho de Damasco (At 9.3-16).

cristológicos, títulos. Diversos títulos atribuídos a Jesus de Nazaré no NT, como Cristo, Senhor, Filho de Deus, Filho do Homem, Messias, Salvador e Servo. Esses títulos servem de padrão para a definição da natureza e missão de Cristo; contudo, para o entendimento completo da cristologia neotestamentária, outros fatores também devem ser levados em conta.

critério de autenticidade. Termo genérico referente aos vários testes que os estudiosos do NT utilizam para determinar a autenticidade histórica de declarações de Jesus nos evangelhos. (V. tb. COERÊNCIA, CRITÉRIO DE; DESSEMELHANÇA, CRITÉRIO DE; ATESTAÇÃO MÚLTIPLA, CRITÉRIO DE.)

crítica canônica. Abordagem que busca interpretar os livros bíblicos com respeito à condição de autoridade e contexto teológico dentro da Bíblia. Saliencia mais a forma final do texto bíblico do que o estado inicial de composição ou transmissão (mesmo que o reconhecimento dos estágios represente papel integral em certas utilizações dessa abordagem). Além disso, a crítica canônica argumenta que o objeto da interpretação bíblica é a reflexão teológica dentro da comunidade cristã. Por exemplo, a *TORÁ* e os evangelhos têm uma função especi-

al no CÂNON. Eles estão separados como primeiros e fundamentais; por esta razão, os PROFETAS no AT e Paulo no NT devem ser lidos à luz da *Torá* e dos evangelhos, respectivamente, mesmo que os Profetas e as cartas paulinas possam anteceder a forma atual da *Torá* e dos evangelhos. A crítica canônica considera a Bíblia como Escritura, como os escritos de autoridade da comunidade da fé, e incorpora a reflexão teológica como parte da leitura do texto. (V. tb. CHILDS, BREVARD S.)

crítica da composição. Termo técnico extraído do alemão *Kompositionsgeschichte*, que assim como a CRÍTICA DA REDAÇÃO, salienta o papel criativo, teológico e literário dos evangelistas na composição dos quatro EVANGELHOS.

crítica da fonte. Abordagem textual que busca descobrir as fontes literárias de um documento. Pressupõe-se que certos textos bíblicos foram submetidos a um extenso processo de adição e composição, tanto oral quanto escrito. Críticos da fonte examinam um texto a fim de descobrir evidências de fontes com base na linguagem e estilo, uso de nomes divinos, relatos duplos e qualquer discrepância interna ou dentre passagens. No estudo do AT, o campo mais proeminente de crítica da fonte tem sido o Pentateuco. Os críticos observam, por exemplo, que Gênesis 1—2.4a usa o nome *‘elohîm* quando se refere a Deus, e é uma narrativa ordenada e resumida da criação, com a humanidade, homem e mulher, como o clímax dela. Em contraste, Gênesis 2 usa *YAHWEH ‘elohîm*, e é um relato (e não uma narrativa dia a dia) e tem Adão sendo criado primeiro, antes de Eva. Dessa forma, os críticos da fonte concluem que existem duas fontes diferentes, a SACERDOTAL (P) e a JAVISTA (J), respectivamente. No estudo dos evangelhos, os críticos utilizam os quatro evangelhos, especialmente os três SINÓPTICOS, para compará-los entre si a fim de construir as

fontes literárias utilizadas. A crítica da fonte relaciona o problema da disparidade entre os estilos e narrativas a um único documento, mas não responde às questões de como essas narrativas atualmente se encaixam em uma composição unificada. (V. tb. DOCUMENTÁRIA, HIPÓTESE; HIPÓTESE DAS QUATRO FONTES; HIPÓTESE DAS DUAS FONTES.)

cronista. Autor dos livros de Crônicas (e talvez Esdras e Neemias). Crônicas, escrito após o EXÍLIO BABILÔNICO, dramatiza a história de Israel, de Adão até o fim da monarquia; Esdras e Neemias descrevem os eventos que envolveram o retorno à terra e a reconstrução do templo. O cronista tinha profunda preocupação com o templo e a monarquia, e interpreta as bênçãos e punições como justiça retributiva das ações dos reis. Nesses livros, os discursos e orações dos reis e profetas são empregados de forma a quase formar um sermão, o que contribui para a estrutura total do livro. O cronista inspira e persuade seus leitores a seguir a *TORÁ*, especialmente no que está centrada na adoração no templo.

crux interpretum. Passagem essencial ou intrigante que requer resolução e se torna o ponto central de debate (o termo é latino para “cruz” ou “tormento” de interpretação). Por exemplo, Jesus disse: “Desde os tempos de João Batista até agora o reino dos céus é tomado por esforço, e os que se esforçam se apoderam dele” (Mt 11.12). Esta e outras passagens têm apresentado extensos problemas para tradutores e intérpretes e influenciam em como entendemos o Reino de Deus.

Cullmann, Oscar (1902-1999). Erudito alemão do NT. Cullmann lecionou na Universidade de Strasbourg e é lembrado e apreciado especialmente pela insistência em que Jesus Cristo deve ser entendido à luz da HISTÓRIA DA SALVAÇÃO divina inteira (v. *Heilsgeschichte*) — conceito desenvolvido em *Cristo e o tempo* e *Salvation in history* [*Salvação na história*]. Sua

crisologia — *Christianity of the New Testament* [*Cristianismo do Novo Testamento*] — é descrita como “crisologia funcional”, porque Cullmann focalizou mais na obra do que na natureza e no ser de Cristo.

culto, cultus. Termo usado para a adoração pública em geral, especialmente às festas, rituais e sacrifícios no serviço a Deus ou aos deuses. Popularmente, é usado como designação pejorativa para os novos movimentos religiosos [no contexto americano], mas os estudiosos o empregam como termo descritivo para qualquer tipo de adoração. Por exemplo, a distinção entre animais puros e impuros no PENTATEUCO era uma distinção de culto (ritual), um lembrete diário aos judeus vigilantes a serem “santos”; as leis de alimentação eram memoriais de santidade e da prática desta, e preparavam a pessoa para a adoração ao Senhor mesmo em questões mundanas como as refeições diárias e para separar pessoas das práticas profanas que afastavam da adoração.

cuneiforme. Estilo de escrita na qual um tablete de barro ou cera era inscrito por um instrumento de molde, resultando em padrões “cunhados” (latim *cuneus*) que representavam símbolos e sílabas. Esse método de escrita era a forma padrão por todo o antigo mundo mediterrâneo iniciado em 3100 a.C. Mesmo que a forma alfabética de escrita tenha surgido em aproximadamente 1700 a.C., a maneira cuneiforme continuou a ser usada até o século I a.C. Muito da história e tradição do antigo Oriente Próximo está preservada em textos cuneiformes. (V. tb. HIERÓGLIFOS.)

D

Damasco, Documento de. Três documentos (porções em siríaco, uma do *Testamento de Levi* e o *Documento de Damasco*) en-

contrados na *GENIZA* (apósito de armazenagem) de uma antiga SINAGOGA no Cairo em 1896 e publicado em 1910 sob o título de *Fragments of a zadokite work* [*Fragmentos de uma obra zadoquita*]. O mais proeminente destes documentos é chamado de *Documento de Damasco*, porque Damasco é mencionada diversas vezes, mas também é chamado Cairo/ Damasco (C/D) em virtude do local de sua descoberta. Cópias do documento também foram encontradas em QUMRAN e são designadas como QD. O documento contém admoestação e uma série de leis, e menciona o Mestre da Justiça, de quem se crê ser uma figura de fundação da comunidade essênica de Qumran.

Decálogo. Declaração resumida, proibições amplamente negativas (literalmente “dez palavras” *deka logoi*, mas comumente conhecidas por Dez Mandamentos) encontradas em Êxodo 20.1-17 e (com pequenas variações) em Deuteronômio 5.6-21 que servem de sumário da *TORÁ*. O Decálogo tem influenciado grandemente a filosofia ocidental e o pensamento ético, mas seu propósito era dar ao povo de Deus identidade no RELACIONAMENTO DE ALIANÇA que Deus estabeleceu no monte Sinai após o êxodo do Egito. Seu caráter especial pode ser percebido de diversas formas, mais notavelmente, que essas palavras foram transmitidas diretamente ao povo de Deus sem a mediação de Moisés, diferentemente de outras leis do PENTATEUCO. Além disso, tem um nome especial: o termo Decálogo deriva da designação hebraica encontrada em Êxodo 34.28 (*aseret had'varim*, “dez palavras/ coisas”). Os aspectos característicos do Decálogo, as breves e negativas proibições (“Não ...”), apontam para sua natureza especial, assim como o endereçamento pessoal e a ausência de punições específicas a violações. A enumeração dos Dez Mandamentos varia dentro de diferentes comunidades da fé. O Decálogo é descrito como um dom de Deus e expressão de sua vontade, não como código de ética abstrato. (V. tb. APODÍCTICA, LEI; CASUÍSTICA, LEI.)

declaração dominical. Derivado do latim *Dominus* (Senhor), é uma referência a qualquer declaração atribuída a Jesus, como “Eu sou a luz do mundo” (Jo 9.5).

demiurgo. Divindade inferior ou subordinada que se acredita ser a responsável pela criação do mundo material. Nos escritos de FILÓ, o termo é muitas vezes usado nos debates da criação, mas apenas para contrastar o Deus Criador (*ktistes*) com o mero “artesão” (*demiurgos*). No pensamento GNÓSTICO, o termo refere-se a um ser ignorante e inferior que é o criador do mundo material mas que é menos do que um deus supremo (v. MARCIÃO).

derash. Exposição homilética das Escrituras no judaísmo RABÍNICO (a raiz hebraica significa “buscar” por conseguinte “expor”). Os rabinos desenvolveram regras e técnicas para chegar ao uso não-literal de um texto bíblico para o propósito de aplicações éticas e práticas. O termo é usado em contraste a *PESHAT*, o significado comum do texto. (V. tb. *MIDRASH*.)

desconstrução. Abordagem textual que não é tanto método quanto reconhecimento ou filosofia de como o texto funciona. Geralmente, considera-se que o texto tem significado claro, mas em desconstrução, o seu propósito declarado é indeterminado, uma vez que o ponto de vista do texto está oculto. Por exemplo, nos capítulos de abertura de JÓ, a doutrina da “justiça retributiva” (v. *LEX TALIONIS*) parece ser aceita por todos: JÓ é uma pessoa justa e ele é devidamente recompensado por sua justiça. Nos poemas seguintes, a doutrina é questionada, se não rejeitada de fato. Finalmente, no epílogo, JÓ é restaurado, o que parece arruinar todo o questionamento da doutrina nos poemas. Alguns argumentariam que o livro “desconstrói” a doutrina e então desconstrói a própria desconstrução. Desconstrução está intimamente associada ao pensamento pós-moderno, que salienta a pluralidade e a diversidade em textos e nas visões do mundo.

demitologização. Termo técnico (alemão *Entmythologisierung*) geralmente associado à hermenêutica de Rudolf BULTMANN. O método de Bultmann era extrair antigos elementos míticos do texto, como anjos, demônios, universo de três celebridades, o nascimento virginal, ressurreição e outros, como realidades objetivas e interpretar a linguagem mitológica existencialmente, que seria, perguntar o que estes mitos revelam sobre a existência humana.

dessemelhança, critério de. Critério de autenticidade pela qual declarações de Jesus são julgadas como autênticas se forem “dessemelhantes”, ou seja, diferentes ou sem paralelo em declarações ou crenças comuns à igreja primitiva ou ao judaísmo antigo. (V. tb. COERÊNCIA, CRITÉRIO DE; CRITÉRIO DE AUTENTICIDADE; ATESTAÇÃO MÚLTIPLA, CRITÉRIO DE.)

deuterocanônicos, livros. Livros que não estão incluídos no CÂNON hebraico mas que são encontrados no AT grego (*SEPTUAGINTA*; *LXX*). Esses livros são comumente chamados APÓCRIFOS, em alguma extensão fazem parte do cânon católico romano das Escrituras. Os reformadores protestantes, seguiram MARTINHO LUTERO, e aceitaram apenas os livros que eram encontrados no cânon hebraico, mas o CONCÍLIO DE TRENTO, da Igreja Católica Romana, em 1546 d.C., declarou os APÓCRIFOS (com a exclusão de *1 e 2 Esdras*, *Oração de Manassés* e *3 e 4 Macabeus*) como canônicos. Desse modo, o adjetivo deuterocanônico, que significa literalmente “segundo cânon”, pode ser entendido de forma pejorativa pelas comunidades cristãs que incluem esses livros em seus cânones das Escrituras.

Deutero-Isaías. (V. SEGUNDO ISAÍAS; ISAÍAS, AUTORIA MÚLTIPLA DE.)

deuteronomista. De acordo com a HIPÓTESE DOCUMENTÁRIA, o(s) autor(es) da fonte D do PENTATEUCO. A fonte D é essen-

cialmente a matéria-prima de Deuteronômio, embora sua perspectiva possa ser encontrada em Josué, Juízes e nos livros de Samuel e Reis. Considera-se que essa fonte preserva tradições que circularam no reino do Norte, provavelmente em círculos proféticos, antes da queda de Samaria em 721 a.C., mas que não foi transcrita até o EXÍLIO BABILÔNICO. A então chamada fonte D emprega estilo altamente retórico, prolixo e PARENÉTICO, exortando o povo de Deus à pureza na adoração e à obediência em amor no RELACIONAMENTO DE ALIANÇA com Deus. (V. tb. DEUTERONOMÍSTICA, HISTÓRIA; DOCUMENTÁRIA, HIPÓTESE.)

deuteronomística, história. Designação feita à obra do(s) autor(es) responsável por Deuteronômio e à história de Israel como narrada em Josué, Juízes, Samuel e Reis (PROFETAS ANTERIORES). Martin NÖTH argumenta que a similaridade de linguagem e temas destes livros apontam para um indivíduo em vez de múltiplos autores (como na CRÍTICA DA FONTE, que posiciona diversos autores, ou a visão tradicional que Samuel e Jeremias escreveram de Josué a Reis). Estudiosos que seguem esta perspectiva têm falado atualmente sobre uma “Escola Deuteronomica” em lugar de um único autor, mas a unidade e a perspectiva teológica ainda estariam preservadas. De acordo com essa visão, o historiador deuteronomista interpreta a história de Israel por meio das lentes da obediência ou desobediência à ALIANÇA, como expresso em Deuteronômio, e selecionou o material de acordo com esses princípios. (V. tb. DOCUMENTÁRIA, HIPÓTESE.)

deuteropaulino. Significa “segundo [de *deutero*] Paulo”. O termo é usado em estudos do NT para epístolas atribuídas a Paulo, mas cuja autoria é questionada em virtude de fatores lingüísticos, teológicos e históricos (p. ex. 2Ts; Cl; Ef; 1 e 2Tm; Tt). (V. tb. PSEUDEPIGRAFOS; PSEUDONÍMICO.)

Dez Mandamentos. (V. DECÁLOGO.)

Diáspora. Referência aos judeus que vivendo fora da terra de Israel, em lugares como Egito, Ásia Menor, Mesopotâmia, geralmente por meio de coação de uma nação conquistadora, como no EXÍLIO BABILÔNICO (os judeus com frequência usarão o termo *galût*, que significa “cativo, exílio”). De fato, a história dos judeus na Diáspora é mais extensa do que a da permanência em um Estado judaico na Palestina. A escravidão egípcia dos israelitas é o PARADIGMA para o exílio judaico e a esperança que Deus reunirá seu povo novamente (Dt 30.3-5).

Diatessaron. Antiga narrativa contínua da vida de Cristo baseada nos quatro evangelhos, composta por volta de 170 d.C. por Taciano (c. 120-173), apologista cristão da Síria. O nome *Diatessaron* é derivado do grego *dia tessaron*, “por meio de quatro [evangelhos]”. O *Diatessaron* foi extensamente utilizado pelas igrejas siríacas por diversos séculos até a ordenação de finalmente substituí-lo pela coleção de quatro evangelhos.

diatribe. Na Antigüidade, era a forma de retórica identificada por pequenos discursos éticos, questões retóricas, diálogos e discurso argumentativo, na qual o autor ou orador debatia com uma pessoa imaginária (interlocutor) para instruir a audiência. Apesar de utilizado inicialmente por escolas filosóficas como a ESTÓICA e CÍNICA, algumas de suas características estão refletidas no NT (v. Rm 6.1-4; 12—15; Gl 5 e 6; Ef 4—6).

didache. Termo que se refere ao ensino (gr. *didache*) ou instrução da igreja primitiva, distinto da pregação (gr. *kerygma*).

Didaquê. Manual ANÔNIMO de instrução da igreja (também conhecido por *O ensino dos doze apóstolos*), que, acredita-se, foi escrito entre 85-150 d.C., possivelmente na antiga Síria. Era uma coleção singular de declarações dos cristãos primitivos e instruções litúrgicas para adoração, batismo, eucaristia e lide-

rança da igreja. Suas três divisões incluem uma seção nos “dois caminhos” (1.1—6.2), um manual de regras da igreja (6.3—15.4) e um encerramento APOCALÍPTICO (16.1-8).

didático. Adjetivo usado para versos ou textos que buscam instruir (v. *didache*), com freqüência com intenção moral, ou para influenciar a conduta. Muitos PROVÉBIOS são denominados declarações didáticas por CRÍTICOS DA FORMA. Provérbios 19.17 é um exemplo: “Quem trata bem os pobres empresta ao SENHOR, e ele o recompensará”.

discurso, análise de. É o estudo da estrutura de unidades coerentes de texto que têm um contexto distinguível. Focaliza como a língua é usada em um texto e inclui subdisciplinas de lingüística textual, que examinam a coesão textual e o desenvolvimento do argumento, além da pragmática, que estuda a interação entre o discurso e as pressuposições que permanecem não articuladas. Na busca desses objetivos, a análise de discurso envolve os campos da RETÓRICA, antropologia, sociologia, semiótica, CRÍTICA LITERÁRIA e CRÍTICA DO LEITOR-REAÇÃO.

discurso de despedida. Termo técnico que descreve o GÊNERO bíblico e da literatura extrabíblica que retrata discurso de despedida de alguém prestes a morrer (com freqüência incluindo instruções e alertas) a um grupo de membros da família, amigos ou discípulos. Esses discursos foram proferidos por Jacó (Gn 48 e 49), Moisés (Dt 31—34) e Josué (Js 23 e 24). O *TESTAMENTOS DOS DOZE PATRIARCAS* é exemplo notável na literatura PSEUDOEPÍGRAFA do AT. Exemplos do NT incluem os discursos de despedida de Jesus aos discípulos (Jo 13—17) e a despedida de Paulo aos anciãos de Éfeso (At 20.17-38). A palavra alemã *Abschiedsrede* é geralmente (“discurso de despedida”) mantida nas traduções inglesas dos originais alemães.

ditografia. Duplicação não-intencional de uma letra, palavra, frase ou sentença no processo de cópia de manuscrito. Por exemplo, o texto massorético de 2Reis 7.13 repete uma frase inteira “pois toda a multidão de Israel que ficou aqui de resto terá a mesma sorte da multidão dos israelitas”, enquanto a *SEPTUAGINTA* e outros textos e traduções mais antigas omitem a segunda ocorrência. Em alguns manuscritos gregos, a duplicação é encontrada em passagens como Marcos 12.27; Atos 19.34; e 1^o Tessalonicenses 2.7. (V. tb. HAPLOGRAFIA; HOMEOTELEUTO.)

divino, homem. Pessoa ou líder espiritual dotado de poderes miraculosos manifestos por meio de milagres, cura, exorcismo e coisas semelhantes. No antigo mundo mediterrâneo, um filósofo neopitagórico chamado Apollonius de Tyana (c. 98 d.C.), representava esse tipo de indivíduo, chamado de *theios aner*. Exageros posteriores de sua vida e conduta de virtude foram muitas vezes usados por anticristãos para compará-lo a Jesus. Quando estudiosos do NT fazem referência a “homem divino cristologicamente”, geralmente, focalizam os poderes miraculosos da pessoa e ministério de Jesus. (V. tb. ARETOLOGIA.)

docetismo. Antiga heresia cristã surgida no século I que negava a completa natureza humana de Jesus e por conseguinte a realidade dos seus sofrimentos e morte. Em outras palavras, Jesus apenas “parecia” (gr. *dokeo* “parecer, supor”) ser Deus totalmente encarnado. Um bom exemplo de tentativa para combater esta heresia está em 1João (p. ex. 1.1-4; 4.1-3).

documentária, hipótese. Teoria sobre as origens e composição do PENTATEUCO. Esta hipótese surgiu durante o século XVIII como resultado de novos métodos de estudo do texto (v. CRÍTICA DA FONTE). Postula que em vez da autoria mosaica do Pentateuco, o livro atravessou um processo de composição durante séculos, nos quais várias fontes foram compiladas ao texto final. O questionamento da autoria mosaica não é novo,

uma vez que na Idade Média, o comentarista Ibn Ezra colocou em dúvida a idéia de que Moisés não fora o único autor do Pentateuco. No século XVIII, a nova metodologia (medir e empregar o conhecimento pelo método empírico) providenciou as ferramentas analíticas para a crítica que sustentava a hipótese de autoria única. Apenas no século XIX é que Julius WELLHAUSEN, fundamentando-se na obra de K. H. Graf, reuniu não apenas a análise literária mas também o esquema histórico para explicar as fontes, uma abordagem *RELIGIONSGESCHICHTLICHE*. A chave principal na reconstrução histórica foi a suposição que os profetas eram inovadores da religião mono-teísta e que os sacerdotes com as práticas CULTUAIS vieram após os profetas e suas demandas éticas. Wellhausen identificou quatro fontes em sua ordem histórica: JAVISTA (J), ELOÍSTA (E), DEUTERONOMISTA (D) e a SACERDOTAL (P). Essas fontes são comumente chamadas como JEDP. Recentemente, a hegemonia da hipótese documentária tem se desgastado pelo fato de muitos estudiosos encontrarem enredos e temas unificadores nas histórias do Pentateuco. A maioria dos estudiosos ainda utiliza a hipótese documentária como seu ponto inicial de discussão, mas a atenção voltou-se para a natureza da narrativa hebraica e como as palavras e temas unem histórias e tópicos. (V. tb. LITERÁRIA, CRÍTICA.)

Dodd, Charles Harold (1884-1973). Estudioso britânico do NT. Foi, com freqüência, denominado principal estudioso britânico do NT do meio do século XX. Seu legado inclui obras sobre as parábolas, a pregação na igreja primitiva e o quarto evangelho. *The interpretation of the Forth Gospel [A interpretação do quarto evangelho]* (1953) é considerado seu melhor livro. Contudo, sua ênfase na ESCATOLOGIA REALIZADA nas palavras e feitos de Jesus tem sido criticada pela falha em considerar a dimensão futura da ESCATOLOGIA do NT.

doxologia. No NT, forma de louvor, bênção ou glória a Deus (gr. *doxa* “louvor, glória” + *lego* “falar”) usada no contexto de adoração e com frequência terminada com um “Amém”. Filipenses 4.20 oferece um exemplo: “A nosso Deus e Pai seja a glória para todo o sempre. Amém” (v. Rm 1.25; 16.27; Ef 3.21; 1Tm 1.17; Ap 1.6; 7.12).

Driver, Samuel Rolles (1846-1914). Estudioso britânico do AT e de hebraico. Driver mediou a erudição crítica alemã para uma mais vasta audiência de fala inglesa. Ganhou respeito por sua moderação, argumentação lúcida e tratamento relevante da Bíblia. É mais conhecido pela obra *Hebrew and English lexicon of the Old Testament* [*Léxico hebraico e inglês do Antigo Testamento*] e seus comentários de Gênesis, Deuteronômio e Jó.

DtrH. Abreviatura de História Deuteronomística (ingl. Deuteronomistic History).

dupla, tradição. No estudo dos evangelhos, refere-se ao fato de declaração similar de Jesus aparecer duas vezes nos evangelhos — uma vez em um contexto do evangelho de Marcos e uma segunda vez em Mateus e Lucas. Isto, supostamente, demonstra que Mateus e Lucas utilizaram uma segunda fonte para as declarações de Jesus (Q).

E

ebionitas, ebionismo. Seita judeu-cristã que foi mencionada primeiramente nos escritos de IRENEU, um pai da igreja do século II. Tanto o grego *ebionaiotai* quanto o latim *ebionaei* são transliterações do hebraico e aramaico da palavra “o pobre”. Os ebionitas possivelmente se estabeleceram a oeste do Jordão, adotando o estilo de vida ascético e salientando a completa observância da lei mosaica, reduzindo, por conseguinte, o significado da pessoa e obra de Cristo.

Ebla. Cidade cujas ruínas foram encontradas em Tell Mardikh, ao sul de Aleppo, na Síria. As escavações da colina começaram em 1964, e por consequência mais de quatro mil textos foram encontrados. Apesar de não ter sido mencionada na Bíblia, a cidade era grande e importante para o antigo Oriente Próximo, tendo sido habitada desde o terceiro até o primeiro milênio a.C. Inicialmente, os estudiosos pensavam que os textos encontrados em Ebla tinham relevância direta nos estudos bíblicos (afirmações foram feitas em referência a Sodoma e Gomorra e nomes bíblicos), mas a maioria dos estudiosos atualmente adota avaliação mais modesta, que esses textos melhoram o conhecimento geral da linguagem semítica e da herança cultural dos vizinhos de Israel (esp. a cultura síria c. 2400-1600 a.C.) em vez de oferecerem referências diretas a caracteres ou práticas bíblicas.

E.C. “Era Comum” (i.e., comum a cristãos e judeus). Essa abreviatura é com frequência preferida em meio acadêmico e em conversações com participação de judeus e cristãos em vez do termo derivado do cristianismo d.C. (V. tb. A.E.C.)

Eichhorn, Johann Gottfried (1752-1978). Pai das modernas “introduções” bíblicas. Lecionou o AT, NT, LÍNGUAS SEMÍTICAS e literatura e cultura e a relação com a história mundial. Apesar de aceitar a noção da revelação divina das Escrituras, reservou-se ao direito de interpretar a revelação por meio do conhecimento moderno. Aplicou a nova CRÍTICA HISTÓRICA à Bíblia, traçando o desenvolvimento histórico da literatura em vez de seguir a ordem tradicional do CÂNON.

Eichrodt, Walther (1890-1978). Erudito alemão do AT que buscou restabelecer a legitimidade da teologia veterotestamentária. Combinou a pesquisa literária e histórico-crítica como princípio sistemático para obter um quadro coerente e compreensível da fé no AT. Eichrodt argumentou que as uni-

dades das crenças do AT (que havia enfraquecido sob o questionamento levantado pela CRÍTICA HISTÓRICA) são encontradas na idéia de ALIANÇA. Sua *Old Testament theology* [*Teologia do Antigo Testamento*], que estruturou em três partes — Deus e o Povo, Deus e o Mundo, Deus e o Homem — é considerada uma das mais influentes obras de teologia que emergiram do Movimento de Teologia Bíblica. (V. tb. RAD, GERHARD VON.)

eisegese. Interpretação do sentido *para* o texto em vez de interpretação de um sentido *do* texto (EXEGESE).

ekklesia. Termo grego geralmente traduzido por “igreja”, “reunião”, “assembléia” ou “congregação”. Fora das Escrituras pode ser usado para qualquer grupo que se reúne; na *SEPTUAGINTA* por vezes refere-se ao *qahal* de Israel (o povo de Israel reunido para ouvir a Palavra de Deus). No NT se tornou um termo padrão para igreja.

eloísta. De acordo com a HIPÓTESE DOCUMENTÁRIA, o(s) autor(es) da fonte E do PENTATEUCO que prefer(e)m a palavra *elohîm* quando se refere a Deus. A existência de uma fonte E separada e contínua tem sido vista crescentemente na atualidade como problemática, e críticas de fonte têm com frequência se inclinado a eliminá-la ou tratá-la como um ajuste editorial. Mas na formulação clássica da Hipótese Documentária, e então chamada fonte E, é considerada como tendo sido escrita no reino israelita do Norte, talvez já no século IX. A ênfase em lugares como Betel, o uso de “Horebe” para o monte Sinai e os paralelos entre Moisés e Elias sugerem essa origem. Os relatos refletidos em E começam com o chamado de Abraão e terminam com a morte de Moisés. Teologicamente, a ALIANÇA se posiciona como o centro da perspectiva eloísta, e a obediência à aliança é superior. Deve-se “temer” a Deus, o que exige tanto respeito quanto obediência. Para o eloísta,

todo o povo seria profeta, como Abraão, Jacó, José e Moisés: “Quem dera todo o povo do SENHOR fosse profeta e que o SENHOR pusesse o seu Espírito sobre eles!” (Nm 11.29).

emenda. Correção feita ao manuscrito baseada nas considerações da crítica textual. São feitas geralmente quando existe uma leitura superior seja de outro manuscrito ou versão mais antiga. Um exemplo de emenda poderia ser a correção de erro óbvio do escriba (DITOGRAFIA; HAPLOGRAFIA etc.) ou a solução textual para texto particularmente difícil que aparentemente faz pouco ou qualquer sentido sem algum tipo de emenda. Essa correção posterior é chamada de emenda “conjectural”, porque não existe apoio textual para tal; antes, repousa no julgamento do(s) estudioso(s). (V. tb. TEXTUAL, CRÍTICA.)

encômio. Louvor ou elogio entusiasmado (gr. *enkômion*). Originariamente, essas frases poéticas eram usadas por Píndar, poeta lírico grego (c. 518-c.438 a.C.), para celebrar vitórias militares e atléticas.

Enoque, livros de. Livros PSEUDEPÍGRAFOS atribuídos a Enoque (v. Gn 5.21-24), de natureza grandemente APOCALÍPTICA. Os livros existentes são conhecidos atualmente como *1*, *2* e *3Enoque*. Mesmo que haja uns poucos fragmentos gregos e aramaicos de *1Enoque*, o único manuscrito completo está preservado em etíope, que era considerado escritura sagrada na Etiópia (*2Enoque* está preservado em eslavo, *3Enoque* em hebraico). Uma referência em Judas 7 ao material encontrado em *1Enoque* indica que a literatura era conhecida — e talvez considerada até mesmo de autoridade — por alguns cristãos no século I. Mais tarde, entretanto, essa literatura foi rejeitada pela igreja e a maioria das cópias se perdeu.

Ensino dos doze apóstolos. (V. DIDAQUÊ.)

entronização, salmos de. Salmos que falam da exaltação ou entronização do Senhor. Um exemplo de tema de entronização

é visto em Salmos 97.9: “Pois tu, SENHOR, és o Altíssimo sobre toda a terra! És exaltado acima de todos os deuses!”. Os salmos de entronização (47; 93; 96—99) compartilham duas características: conclamam as nações e a criação ao louvor de YAHWEH, e dão a razão para o louvor (algo que o Senhor tem feito ou algum atributo seu). (V. tb. ALIANÇA, RENOVAÇÃO DA; HINO.)

Enuma Elish. Texto babilônico da criação que relata como o deus Marduk matou a divindade Tiamat e em seguida criou o mundo e suas partes desmembradas. Hermann GUNKEL argumenta que a história bíblica da Criação em Gênesis é dependente desta narrativa, especialmente pelo fato da ordem das coisas criadas nos dois relatos serem notavelmente similares. Contudo, os estudos mais recentes evitam a argumentação pela dependência; as diferenças entre as duas histórias são tão surpreendentes quanto as semelhanças. Fragmentos do *Enuma Elish* foram encontrados em meados do século XIX, e o relato pode ser datado até o segundo milênio a.C.

épico. Termo usado por críticos literários para longos poemas narrativos que tratam de assuntos vastos ou sérios. Esses poemas são escritos em estilo elevado e centram-se em uma figura heróica (com freqüência quase divina) em que de suas ações depende o destino de um povo. O termo é expandido por alguns estudiosos para referir-se mais modestamente às obras que exibem espírito épico no tratamento de assunto importante. Neste sentido, o livro de Jó pode ser classificado como épico, mas o todo do realismo doméstico das histórias bíblicas e o papel do Senhor no assunto da criação resistem à forma épica clássica. (V. tb. LITERÁRIA, CRÍTICA.)

epifania. Manifestação divina (gr. *epiphaneia*, “aparecer, manifestar”) à humanidade. No AT, por exemplo, Deus “apareceu” a Adão e Eva (Gn 1—3), Abraão (Gn 17.1), Moisés (Êx 3)

e assim por diante. No NT, epifania refere-se a várias ocasiões em que Jesus apareceu à humanidade (Lc 1.78,79; Jn 1.1-18; 2Tm 1.10; Tt 2.11-14) e aparecerá novamente em seu retorno (2Ts 2.8; 1Tm 6.14). A igreja cristã celebra a Festa da Epifania em 6 de janeiro (doze dias após o Natal), comemorando a manifestação de Jesus aos gentios por meio da visita dos magos (Mt 2). (V. CRISTOFANIA.)

epigrafia. O estudo e interpretação de inscrições antigas como a PEDRA MOABITA.

epigrama. (V. PROVÉRBIO.)

episcopado. Sistema de governo eclesiástico do cristianismo dirigido por bispos (gr. *episkopeo* “supervisionar, tomar conta de”). As referências do NT a bispos indicam líderes que proporcionam cuidado e supervisão na igreja (Ep 1.1; 1Tm 3.2-7; Tt 1.7-9; 1Pe 2.25).

epônimo. Termo usado para a pessoa cujo nome representa as características do grupo, geralmente os seus descendentes (gr. *epi+onoma* “nome em”). Em Gênesis 12—50, os patriarcas são algumas vezes chamados epônimos, já que, por exemplo, Esaú está explicitamente identificado como Edom, e cada filho de Jacó é identificado com as tribos de Israel (“Israel”, que significa “o que lutou com Deus”, é propriamente uma mudança de nome depois de Jacó lutar com Deus; v. Gn 32.22-32).

Erasmo, Desidério (c. 1466-1536). Holandês, estudioso bíblico, PATRÍSTICO, filólogo e CRÍTICO TEXTUAL. Ele traduziu, editou e interpretou grande número de manuscritos gregos e latinos. Foi reconhecido com a publicação da primeira edição crítica do NT grego em 1516, em Basel, Suíça, texto que foi revisado diversas vezes em anos posteriores. Os tradutores da *King James* de 1611 confiaram maciçamente no texto grego de Erasmo e de outras edições de sua obra. (V. tb. *TEXTUS RECEPTUS*.)

escatologia. Termo derivado do grego que significa o estudo (ou crença sobre) os últimos tempos (gr. *eschatos* “últimas coisas”). Linguagem e pensamento escatológico estão espalhados no AT e NT, e no Segundo Templo do judaísmo e na antiga literatura cristã. No AT, encontramos o pensamento escatológico especialmente nos PROFETAS, com o uso das frases “Dia do SENHOR” e “naquele dia”. Para os profetas israelitas, esse dia seria um tempo de julgamento divino pela desobediência de Israel (Am 5.18-20). Contudo, os profetas também vislumbraram um tempo de restauração no julgamento quando o REMANESCENTE retornaria à terra de Israel em fidelidade e obediência a Deus (Os 14.1-7). A restauração inauguraria um tempo de paz no qual a lei do Senhor instruiria todos os povos (Mc 4.1-4). A escatologia do NT assimila essa imagem e, por meio da combinação com o PENSAMENTO APOCALÍPTICO, as expande para tratar do tempo em que Deus realizará o fim da velha era e o começo da nova, quando mesmo a própria morte não terá poder e Deus habitará no meio da criação (Ap 21.1-5). (V. tb. PARUSIA; REALIZADA, ESCATOLOGIA.)

Escritos. Terceira seção do CÂNON hebraico, chamada *K'tuvim* em hebraico. (V. tb. TANAK.)

essênios. Uma das seitas judaicas (à parte de fariseus e saduceus, entre outros) que existiam na Palestina durante o período do NT. Por motivos que permanecem obscuros, os essênios não são mencionados especificamente no NT, mas JOSEFO descreve-os em suas obras. Com a descoberta dos rolos do mar Morto, em 1947, estudiosos renovaram o interesse no grupo, já que um dos rolos era o REGULAMENTO DA COMUNIDADE, que detalhava as práticas da comunidade de QUMRAN. O relacionamento exato entre a comunidade de Qumran (mar Morto) e os essênios ainda está exposto à conjectura (Josefo menciona dois grupos de essênios, em um havia casamento e no outro

não). Dos fragmentos conhecidos que se pode juntar, parece que os essênios viam a si mesmos como o verdadeiro Israel que aderiu estritamente à ALIANÇA feita com Deus. Alguns podem ter se separado completamente de qualquer forasteiro (mesmo de outros judeus), ainda que participassem na adoração no templo de forma limitada.

estela. Pilar de pedra em comemoração a um evento. Esse pilar pode ser entalhado e inscrito com uma descrição celebratória do evento comemorado, geralmente uma vitória militar. (V. tb. MERNEPTÁ, ESTELA DE; MOABITA, PEDRA.)

estruturalismo. Método de estudo que compartilha aspectos dos estudos literários mas que alarga seu escopo ao incluir não apenas os relatos mas também os elementos lingüísticos e culturais. As estruturas de interesse do estruturalismo estão agrupadas em conjuntos e esquematizadas em pólos opostos (ou “opostos binários” também chamados de “estruturas profundas”) que estão enraizadas na experiência humana universal (bom/ mau; homem/mulher; vida/ morte). Em vez de tentar encontrar o significado inerente das palavras ou considerações em si, os estruturalistas examinam a maneira na qual os homens dão forma a seus pensamentos e expressões. A metodologia surge da antropologia social de Claude Lévi-Strauss e foi aplicada a outras literaturas por A. J. Greimas e à literatura bíblica por Roland Barthes.

etiologia. Relato (SAGA) que narra a origem do nome de um lugar, de uma tribo ou de um ritual. Por exemplo, a criação da mulher em Gênesis 2 é vista como uma etiologia do casamento “Por essa razão o homem deixará pai e mãe, e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne uma só carne” (Gn 2.24). A história de Jacó nomeando o lugar onde teve o sonho de uma escada que alcançava os céus e de Deus reiterando a promessa a Abraão (Gn 28.10-22) pode ser vista como uma

etiologia do nome Betel (“casa de Deus”), que fora outrora chamada de Luz (Gn 28.19). (V. LENDA.)

eucaristia. Outro termo para Ceia do Senhor. Tirado do verbo grego *eucharisteo* (“dar graças”), referindo-se à oração de agradecimento oferecida ao corpo e sangue de Cristo (v. 1Co 11.23-26). As referências mais antigas ao sacramento como eucaristia estão no *DIDAQUÊ* 9.1, Inácio (*Phld.* 4) e JUSTINO MÁRTIR (*Apol.* 1.66).

Eusébio (c. 260-340). Bispo de Cesaréia, comumente mencionado como o “pai da história da igreja” em virtude de ter escrito *História eclesiástica*. Essa história consiste em dez livros, e cobre eventos e a doutrina cristã da igreja desde a era apostólica até o tempo de CONSTANTINO. A obra de Eusébio faz parte dos estudos bíblicos por diversas razões, mas com mais frequência pela evidência que fornece sobre o que os cristãos dos primeiros séculos pensavam sobre a autoria e CANONICIDADE dos livros do NT.

evangelho. Termo derivado do grego *euangelion* (“boas novas”) e dessa forma é referência à mensagem cristã. Marcos inicia seu relato de Jesus com “Princípio do evangelho [*arche tou euangeliou*] de Jesus Cristo” (Mc 1.1) e logo então este, e os outros relatos de Jesus feitos por Mateus, Lucas e João foram chamados como *um* ou *o(s)* Evangelho(s). Os quatro evangelhos, como atualmente os conhecemos, eram ANÔNIMOS, ou seja, provavelmente circularam por aproximadamente cinquenta anos antes que os nomes específicos de Mateus, Marcos, Lucas e João fossem associados a eles.

evangelhos sinópticos. (V. SINÓPTICOS, EVANGELHOS.)

exaltação de Cristo. Termo sinônimo da ascensão e ressurreição de Cristo. Lucas, por exemplo, usa tanto ressurreição, ascensão ou exaltação quanto continuação à cruz. Em outras

partes do NT, a exaltação afirma que Jesus está entronizado como Senhor da glória nos céus com Deus (Êf 1.20; 2.6; Fp 2.9; Hb 7.26).

execração, textos de. Maldições a inimigos escritas em utensílios, que depois eram despedaçados. No Egito, arqueólogos encontraram vasos quebrados (e outros materiais), a maioria deles datados do Reino Médio (c. 2100-1800 a.C.) nos quais os nomes dos inimigos egípcios estavam inscritos. Uma maldição (ou execração) era lançada ao inimigo ao se escrever seus nomes nos vasos, que eram despedaçados em seguida. Os nomes encontrados em alguns dos fragmentos indicam que o Egito interagiu ou então controlava Canaã durante esse período (menção feita a Asquelon, Ecron, Hazor e Jerusalém).

exegese. Interpretar uma passagem nos próprios termos desta (gr. *exegeomai*, “conduzir, extrair”). Geralmente refere-se mais especificamente à explanação versículo a versículo, frase a frase. O objetivo da exegese é analisar passagens cuidadosamente, a fim de que as palavras ou intenções do texto estejam tão claras quanto possível. A especulação não é apreciada, mas a atenção ao significado, forma, estrutura, contexto (histórico e bíblico) e teologia da palavra é o que se busca. A exegese tende a ser mais descritiva do que prescritiva; contudo, muitos leitores se engajam na exegese da Bíblia com o propósito maior de encontrar direção para as questões espirituais, e desse modo a relevância se torna parte da tarefa de interpretar a passagem. (V. tb. EISEGESE; HERMENÊUTICA.)

exílio. (V. BABILÔNICO, EXÍLIO; DIÁSPORA.)

Êxodo. Libertação dos israelitas da escravidão no Egito para uma nova terra (v. Êx 3.1-12). Historicamente, é difícil reconstruir a movimentação do povo de Deus na ida e saída do Egito porque faltam referências aos israelitas na história egípcia. Contudo, este é o evento definitivo no trato divino com

os israelitas e continua a ser fonte de relevância teológica para judeus e cristãos.

exortatório. Ensino caracterizado por dar conselhos ou exortações. (V. tb. PARÊNESE.)

F

feminista, hermenêutica; feminista, crítica. Abordagens à interpretação que se iniciam com menor preocupação com o texto bíblico do que com os aspectos do feminismo como visão de mundo. Reconhece que as mulheres têm sido marginalizadas pelos homens ao longo da história. Ou seja, as mulheres não têm tido acesso a posições de autoridade e, portanto, não têm tido influência adequada nas estruturas e papéis sociais. A crítica feminista adota diferentes abordagens ao texto, mas a estratégia principal é expor os meios pelos quais as mulheres têm escrito e a conseqüente justificativa para esses textos. A CRÍTICA BÍBLICA feminista abrange tanto as que buscam e expõem as muitas formas que as mulheres são suprimidas na Bíblia (mesmo quando uma mulher tem nome, com freqüência tem pouca ou nenhuma voz de expressão; por exemplo, a história de Sara tendo de passar por irmã de Abraão) até as que pensam que, mesmo em um texto predominantemente masculino, elementos “pró-mulheres” podem ser encontrados e utilizados. A abordagem feminista, então, não apenas busca entender o que está sendo dito a respeito da mulher no texto, mas também avalia o texto à luz dos interesses feministas.

Fértil, Crescente. A terra que vai dos rios Tigre e Eufrates no Golfo Pérsico, passando pela Palestina e mar Mediterrâneo, e desce até o rio Nilo no Egito. O egiptólogo J. H. Breasted

cunhou o termo em 1917 em virtude dessa área formar massa de terra em formato de arco ou meia-lua. Os rios Tigre, Eufrates e Nilo são as fontes de fertilidade, provendo água para a agricultura e comodidades associadas (lã, couros, linho etc.). Por conseguinte, as terras se tornaram densamente povoadas e o comércio floresceu. O Crescente Fértil tornou-se também lugar de muitas batalhas dos reinos pelo controle das rotas comerciais ou pela independência das práticas opressivas das dinastias que se desenvolveram. A história da Bíblia apresenta-se contra esse cenário social, político e econômico, no qual Israel é a terra pela qual os reinos egípcios e mesopotâmicos passavam.

fertilidade, culto da. Adoração de deuses que prometem colheitas abundantes em resposta aos sacrifícios de seus adeptos. A agricultura tinha importância central na vida do antigo Oriente Próximo, e a produtividade da terra foi com frequência associada às crenças religiosas e práticas CULTUAIS. No estudo do AT, os textos UGARÍTICOS que se centram no deus Baal simbolizam a ligação entre a fertilidade da terra e a abundância de chuva. O relato de Elias e os profetas de Baal (1Rs 18) reflete a influência desse pensamento em Israel e a oposição profética a isso.

Festschrift. Coleção de obras acadêmicas publicadas para comemorar ou honrar um estudioso de destaque, geralmente lançada na data de aniversário ou encerramento de sua carreira acadêmica. O termo alemão é combinação de duas palavras: *Fest* (celebração) e *Schrift* (escrito).

Filon de Alexandria (c. 20 a.C. a 50 d.C.). Judeu helenístico que era filósofo, estadista, exegeta e contemporâneo de Jesus e Paulo. Sua diplomacia foi exibida na liderança da delegação a Roma para reclamar sobre levantes contra a comunidade helenístico-judaica em Alexandria. A delegação obteve algum

sucesso. Sua importância para os estudos bíblicos reside em muitos de seus escritos filosóficos, que incluem comentários de Gênesis e Êxodo em particular. O uso do MÉTODO ALEGÓRICO de interpretação por Filon influenciou grandemente intérpretes cristãos (p. ex. CLEMENTE DE ALEXANDRIA, ORÍGENES e AGOSTINHO). Seus comentários também são importantes em virtude de preservar as interpretações de seus predecessores, mesmo que não especifique de quem está se valendo.

forma, crítica da. Abordagem interpretativa que busca descobrir a TRADIÇÃO ORAL que está inserida nos textos escritos que possuímos e classificá-las em certas categorias ou “formas” (alemão *Formgeschichte* “história das formas”). Essas formas literárias (LAMENTOS, HINOS etc.) são consideradas como tendo forma particular no *STIZ IM LEBEN* (“ambiente de vida”) na qual se originaram. Por exemplo, o salmo 24 tem a forma de liturgia de abertura e pode ter se originado com a cerimônia na qual a arca era trazida ao templo, ou com o festival anual no qual a ENTRONIZAÇÃO do Senhor era celebrada. O salmo, entretanto, funciona igualmente bem como qualquer abertura simbólica ao ambiente de adoração (p. ex., uso por Handel desse salmo em seu oratório, o *Messias*). No estudo do NT, estudiosos da crítica da forma, como Martin Dibelius, Rudolf BULTMANN e Vincent Taylor classificam as declarações de Jesus em categorias como PARADIGMAS, LENDAS, PARÁBOLAS, relatos de MILAGRE e relatos de PRONUNCIAMENTOS. A crítica da forma é útil na identificação de diferentes formas de literatura (v. GÊNERO) e dos elementos típicos dessas formas (realçando, deste modo, as diferentes maneiras em que os autores usam tais formas), mas é mais especulativa e com menor êxito no estabelecimento do ambiente de vida dessas formas. (V. tb. FRAGMENTÁRIA, HIPÓTESE; *GATTUNG*; ORAL, TRADIÇÃO.)

Formgeschichte. V. CRÍTICA DA FORMA.

fórmulas pré-paulinas. Expressões, frases, confissões, CREDOS, MATERIAL DE HINOS e outros que são encontrados por todas as cartas paulinas mas que foram herdados da igreja primitiva. O próprio Paulo escreveu que recebera (*paralambano*) um corpo de tradição e depois transmitiu-o (*paradidomi*) à sua congregação pessoalmente em suas cartas (p. ex. Rm 1.3-5; 4.24,25; 10.9,8; Fp 2.5-11; 1Tm 3.16 *PARÁDOSIS*).

Fragmentária, Hipótese. Teoria usada no contexto de debate da formação de documentos bíblicos, como o PENTATEUCO e os EVANGELHOS. Para o Pentateuco, é teoria alternativa para a HIPÓTESE DOCUMENTÁRIA que sustenta que em vez do Pentateuco ter sido composto tomando-se por base poucos documentos (J, E, D, P), cada um destes sendo uma obra literária contínua com perspectiva particular, tenha sido composto com base em numerosos e variados fragmentos de tradição escrita. Para os evangelhos, estudiosos sugerem que os discípulos e outros seguidores de Jesus lembravam de uma quantidade significativa das palavras e obras de Jesus. Mas, antes que essas testemunhas oculares morressem, seria necessário ouvir os relatos deles novamente. Esses “fragmentos” podem ter sido coletados e categorizados de acordo com a forma e o conteúdo. (V. tb. FORMA, CRÍTICA DA; ORAL, TRADIÇÃO.)

Frühkatholizismus. (V. CATOLICISMO PRIMITIVO.)

G

Gattung. Padrão textual convencional (composto de pequenas unidades identificáveis chamadas *formas*) que pode ser classificado com outros do mesmo tipo. O termo alemão *Gattung* é usado para essa classificação geral ou gênero (p. ex. SAGA, LENDA, EVANGELHO), enquanto uma unidade menor convencio-

nal é chamada de forma (p. ex. HINO, RELATO DE MILAGRE, RELATO DE PRONUNCIAMENTO, ORÁCULO DE DOR). Um termo correlato, *Gattungsgeschichte*, refere-se ao estudo bíblico dessas classificações ou gêneros. Dessa forma, *Gattungsgeschichte* (“história do gênero”) deve ser diferenciado de *Formgeschichte*, uma vez que esta focaliza unidade menor que era originariamente de natureza oral. (V. tb. FORMA, CRÍTICA DA; GÊNERO; GÊNERO, CRÍTICA DO.)

geena. “Vale de Hinom” (heb. *gê-hinnom*; gr. *geenna*; latim *gehenna*), é uma ravina a sudoeste de Jerusalém que se conecta com o Vale de Kidron e uma imagem de destruição dos ímpios. No AT, um lugar onde as crianças eram sacrificadas e queimadas ao deus Moloque (2Rs 23.10; 2Cr 28.3; 33.6), mas também era um lugar onde o lixo e animais mortos eram queimados. No NT, *geena* é uma imagem gráfica da punição de destruição dos ímpios (Mt 5.22; 10.28; 23.33; Mc 9.43-47; v. Is 66.24) e desse modo é com frequência traduzido por “inferno”.

gênero. Termo usado por críticos literários para se referir a espécies ou formas literárias (do francês é a palavra para “estilo”). As questões de assunto, estrutura e estilo são levadas em conta na identificação do gênero. Os autores neotestamentários empregam os gêneros de EVANGELHO, de CARTA e APOCALÍPTICO, entre outros. (V. tb. GÊNERO, CRÍTICA DO.)

gênero, crítica do. Abordagem textual que busca classificar a literatura em formas ou espécies. Classificações de gênero são numerosas e variadas, abrangendo da tragédia e comédia até o lírico e a sátira. Os critérios de classificação são variados, e deve-se tomar cuidado ao classificar os gêneros literários da Bíblia, uma vez que não existem trabalhos teóricos em poética do período bíblico, que expliquem como os vários gêneros literários foram empregados. Ademais, uma mera classificação não é necessariamente útil, a menos que algum comentário sobre

sua relevância seja incluído. Todavia, o estabelecimento do gênero de uma passagem pode ajudar no entendimento ou para evitar uma má compreensão das Escrituras. Por exemplo, um entendimento do salmo 51 como exemplo do gênero de lamento poderia ajudar o leitor a não focalizar muito detalhadamente elementos bibliográficos do sobrescrito. Em um esforço em conectar as palavras do salmo a eventos na vida de Davi, o leitor poderia perder a óbvia natureza de lamento e penitência do salmo, bem como a chamada emotiva à contrição que o salmo está buscando para os leitores aceitarem. A crítica do gênero busca classificar as passagens e textos de acordo com a forma, estilo e conteúdo; e presume ser essa classificação essencial para o entendimento do texto.

geniza. Câmara ou quarto de armazenagem (despensa) nas antigas SINAGOGAS para guardar cópias velhas ou ainda não usadas dos textos sagrados. (V. DAMASCO, *DOCUMENTO DE.*)

geônôm. Professores RABÍNICOS na Babilônia de meados do século VI a meados do século VII d.C. Os judeus da DIÁSPORA confiavam-lhes o estabelecimento das questões de fé e prática. Eles estabeleceram o *TALMUDE babilônico* como o padrão textual acima do *TALMUDE palestino*.

Geschichte. (V. *HISTORIE.*)

Gilgamesh, Êpico de. Relatos envolvendo o famoso rei MESOPOTÂMICO, Gilgamesh, que viveu durante o terceiro milênio a.C. Os relatos lidam com o destino da humanidade, com a vida e a morte, e outras questões, mas é a narrativa de um dilúvio que tem chamado a atenção da maioria dos estudiosos bíblicos e acendido muitos debates sobre a singularidade do relato bíblico. Os relatos de Gilgamesh passaram por várias revisões e têm sido encontrados por todo o antigo Oriente Próximo (incluindo em Megido e Israel). Os estudiosos estão, em geral, mais cautelosos atualmente no estabelecimento de conec-

xões com os relatos bíblicos, mas essas narrativas extrabíblicas adicionam o entendimento do contexto cultural bíblico e dessa forma podem ajudar no entendimento de palavras, formas, costumes e assuntos.

glosa. Nome dado a palavras, frases ou verbos que primeiro apareceram como esclarecimentos e correções nas margens de um texto, mas que foram adicionados e incorporados posteriormente ao próprio texto. Por exemplo, o esclarecimento que um escriba acrescentou à margem de João 5.3,4, com respeito ao movimento da água no tanque de Betesda, foi finalmente acrescido ao texto em diversos manuscritos (v. notas de rodapé da *New Revised Standard Version*).

glossolalia. O fenômeno do discurso extático (do gr. *glossa* “língua” + *laleo* “falar”) que ocorreu a primeira vez no dia de Pentecostes (At 2.1-13) e em ocasiões subseqüentes na igreja primitiva (v. At 10.44-46; 19.6). O apóstolo Paulo refere-se ao falar em “vários tipos de línguas” como um dos dons espirituais (1Co 12.10, 28) e como legítima manifestação de inspiração profética no culto de adoração de Corinto (1Co 12—14). Continuam a existir perguntas entre os estudiosos se é uma língua especial de anjos, alguma língua estrangeira desconhecida ou um dialeto de língua conhecida (At 2.6). Algumas tradições eclesiásticas acreditam que esse fenômeno cessou com a era apostólica e não deveria ser desejado ou buscado hoje, enquanto outros acreditam em sua manifestação contemporânea e encorajam os que têm o dom a praticá-lo.

gnosis. Substantivo grego que significa “conhecimento” (verbo *ginosko* “conhecer”). (V. tb. GNÓSTICO; GNOSTICISMO.)

gnosticismo. Em sentido amplo, é uma religião complexa e um movimento filosófico que floresceu entre o século I a.C e o século IV d.C., que alegava que o verdadeiro entendimento de Deus, do eu e da salvação vem mediante revelação especi-

al e conhecimento. Uma vez que não existe um único sistema gnóstico como tal, não há unanimidade entre os estudiosos em sua definição e ensino. Mas, se tratando do século 1, é comum referir-se ao gnosticismo como heresia cristã primitiva que salientava principalmente o conhecimento revelado de forma particular acima do que está geralmente disponível a todas as pessoas por meio das Escrituras. Uma vez que o gnosticismo não tinha se tornado um movimento significativo até depois da época do NT, tem sido comum nos estudos do NT referir-se a um protognosticismo ou a um gnosticismo incipiente no primeiro século do cristianismo.

gnóstico. Adepto do GNOTICISMO, ou alguém que atribui uma quantidade incomum de valor ao conhecimento espiritual esotérico.

Griesbach-Farmer, hipótese. Teoria sobre a composição dos evangelhos que afirma que Mateus, em vez de Marcos, foi o primeiro evangelho a ser escrito, e que fora usado por Marcos e Lucas na composição de seus evangelhos. Esta teoria foi proposta inicialmente por J. J. GRIESBACH, e caiu em descrédito por estudiosos, mas foi então retomada por William Farmer. (V. tb. AGOSTINIANA, HIPÓTESE; HIPÓTESE DAS QUATRO FONTES; HIPÓTESE DAS DUAS PONTES.)

Griesbach, Johann Jakob (1745-1812). Erudito alemão do NT. Griesbach era conhecido pelas importantes contribuições à ciência da crítica textual, incluindo correções ao *TEXTUS RECEPTUS* e por cunhar o termo EVANGELHOS SINÓPTICOS. (V. tb. GRIESBACH-FARMER, HIPÓTESE.)

Guemará. (V. TALMUDE.)

guerra santa. Devoção total a YAHWEH por meio do holocausto ou sacrifício (heb. *herem*) de todas as pessoas, animais e bens tomados em batalha durante a conquista de Canã após o êxodo do Egito (v. Dt 7.1,2). Josué 6 é o exemplo principal da

guerra santa executada pelos israelitas. Uma vez que a guerra era uma ameaça e realidade sempre presente no mundo antigo, o termo *guerra santa* também é usado por estudiosos para ressaltar o fato de que a guerra não era exclusivamente política, mas vinculada à vida e prática religiosas dos israelitas e de outros povos. Em Israel, a guerra santa estava associada ao RELACIONAMENTO DE ALIANÇA que era político e CULTUAL; rituais religiosos eram realizados em preparação e na condução da guerra (Dt 20). A noção de guerra santa, contudo, não deve ser tomada no sentido de que os israelitas do passado pensavam que YAHWEH sempre lutaria em seu favor já que, se não vivessem de acordo com a aliança, poderiam experimentar o julgamento de YAHWEH por meio da guerra de invasores estrangeiros.

Gunkel, Hermann (1862-1932). Erudito alemão do *RELIGIONSGESCHICHTLICHE SCHULE* e pioneiro da CRÍTICA DA FORMA. Trabalhou inicialmente no método de crítica da forma em dois comentários de influência de Gênesis e posteriormente de Salmos. Buscou demonstrar que os relatos e poemas do AT tomaram forma originariamente na TRADIÇÃO ORAL do povo, antes destas obras terem sido transcritas, expandidas e editadas em período posterior. (V. tb. MOWINCKEL, SIGMUND [1884-1965].)

H

hagadah. Designação para o conteúdo não legal do *TALMUDE* e dos *MIDRASHIM* (palavra hebraica que significa “narrações” ou “recitais”). Esses comentários, incluindo ensino moral, especulação teológica, relatos, declarações, orações e outros, buscam explicar algum problema textual ou aplicar o texto a nova situação. No uso atual, *hagadah*, (tb. escrito *agadah*) é usado para referir-se à cerimônia da Páscoa. (V. tb. HALACA.)

hagiógrafa. (V. *K^hTUVÍM.*)

halaca. Decisões legais do judaísmo RABÍNICO que funcionam como regras definitivas ou mandatórias (o termo hebraico significa “andar”) que apontam a forma de todos os aspectos da prática judaica (v. Êx 18.20). A tradição das decisões legais se iniciou na própria Bíblia, com Deuteronômio (“Segunda Lei”), que funciona como “comentário” das leis anteriores do PENTATEUCO. Foram levadas adiante com Esdras e com as tradições dos escribas depois do EXÍLIO BABILÔNICO e codificadas pelos rabinos no *TALMUDE*. O processo de decisões legais da vida e práticas judaicas continuou por meio de comentários e outros escritos. Desse modo, *halaca* é a aplicação contínua da TORÁ.

Hamurábi, Código de. O mais extenso dos códigos legais descobertos do antigo Oriente Próximo. Hamurábi foi rei da Babilônia em meados do século XVIII a.C. O *Código de Hamurábi* parece ser compilação e reforma das leis existentes. Essas leis cobrem questões criminais e civis, e o código contém um prólogo e um epílogo relatando sua procedência. A influência do *Código de Hamurábi* no antigo Oriente Próximo é evidente, já que cópias foram encontradas por toda a região e [datando] diferentes períodos. As similaridades de forma e conteúdo com as leis bíblicas são notáveis, assim como as diferenças também o são, particularmente no contexto das leis bíblicas como parte do êxodo e da ALIANÇA no Sinai e as sentenças [que revelam] os motivos para muitas das leis. (V. tb. CASUÍSTICAS, LEIS; TORÁ.)

hapax legomenon. Expressão grega (pl. *hapax legomena*) que significa algo que foi dito apenas uma vez. Certa palavra, por exemplo, pode ocorrer apenas uma vez em todas as cartas de Paulo e ser chamada de *hapax legomenon*. O conceito tem se tornado importante com relação à autoria de certas cartas paulinas em

que um alto número de *hapax legomena* em um documento pode sugerir que Paulo não tenha sido o verdadeiro autor. Efésios, por exemplo, contém 51 *hapax legomena*, palavras não encontradas nas cartas de Paulo com autoria não disputada.

haplografia. Erro manuscrito do copista de omissão de uma letra, palavra ou frase, geralmente em circunstâncias em que letras similares, palavras ou frases são adjacentes (vizinhas) uma às outras (em contraste com DITOGRAFIA). Por exemplo, em 1Samuel 9.16, o TEXTO MASSORÉTICO apresenta: “Eu tenho visto meu povo”, onde a SEPTUAGINTA apresenta: “Eu tenho visto a aflição do meu povo”. Uma vez que é a terceira ocorrência de “meu povo” no versículo, e uma vez que “aflição de” compartilha de letras similares [em hebraico] que “meu povo”, alguns estudiosos sugerem que “aflição de” foi inadvertidamente omitida na transmissão do texto (a frase “aflição do meu povo” também ocorre em Êx 3.7). Certo número de manuscritos gregos do NT omite uma das duas frases “tem o Pai” encontradas em 1João 2.23. Duas longas omissões em Mateus 5.19,20 podem ser em virtude da repetição de “Reino dos céus” que ocorre três vezes nesses versículos. (V. tb. HOMOTELEUTO; TEXTUAL, CRÍTICA.)

harmonia (dos evangelhos). Obra que visa harmonizar os relatos dos quatro evangelhos. Algumas vezes, “harmonia” é usada de forma sinônima com SINOPSE dos evangelhos ou evangelho paralelo, mas a função da harmonia é inter-relacionar os relatos dos evangelhos em uma única e contínua narrativa sobre Jesus. Sinopse é uma ferramenta para o estudo crítico dos evangelhos que estabelece as várias PERÍCOPES de Mateus, Marcos e Lucas (e algumas vezes João) em colunas paralelas para análise e comparação detalhadas. Até onde se sabe, o *DIATESSARON*, de Taciano (c. 170) foi a mais antiga tentativa de prover harmonia dos evangelhos.

Harnack, Adolf von (1851-1930). Historiador eclesiástico, exegeta bíblico e teólogo alemão. Harnack tentou desvincular a exegese das declarações dogmáticas e teológicas da igreja por meio da retirada da “casca” com o propósito de descobrir a “essência” do evangelho. Provavelmente, é mais conhecido pelo livro popular: *What is Christianity [O que é cristianismo]* (1900), em que afirmava que a essência do ensino de Jesus pode ser reduzida à paternidade de Deus, o parentesco da humanidade e o valor infinito da alma humana. Seu trabalho acadêmico é ilustrado pela obra de três volumes *History of dogma [História do dogma]* (1880-1889; 1896-1899).

hassidim. No judaísmo antigo, foi o grupo que se opôs ao HELENISMO durante a revolta dos asmoneus, (*1Macabeus 2.42-48*). Em épocas mais recentes, os *hassidim* foram um movimento de renovação judaica iniciado em meados do século XVIII na Europa Oriental (o termo hebraico significa “os piedosos”). Geralmente se refere a qualquer um que siga fielmente a *HALACA*, as decisões legais para os judeus como um todo. A literatura hasídica, especialmente as narrativas HOMILÉTICAS, é muito popular entre judeus e religiosos.

Hauptbriefe. Termo alemão (lit. cartas “chefe” ou “principais”) que se refere, geralmente, às quatro cartas de Paulo: Romanos, 1 e 2Coríntios e Gálatas. Esse termo não deve ser confundido com a lista das sete cartas amplamente consideradas na atualidade como cartas paulinas “autênticas”, que incluem Filipenses, 1 Tessalonicenses e Filemom e mais as quatro *Hauptbriefe* (mesmo na perspectiva mais radical de F. C. BAUR, as quatro *Hauptbriefe* foram, de fato, as únicas cartas paulinas autênticas). (V. tb. DEUTEROPAULINO; PAULINAS, HOMOLOGOUMENA.)

Haustafeln. (V. CÓDIGO FAMILIAR.)

hebraica, Bíblia. AT. O termo *Bíblia Hebraica* tem sido empregado em anos recentes como tentativa tanto de ser descritivo

quanto demonstrar mais respeito ao judaísmo, uma vez que “AT” carrega conotações de ter sido suprimido pelo NT. Alguns estudiosos, entretanto, argumentam que os termos AT e NT revelam a importância da morte e ressurreição de Jesus Cristo, e dessa forma a distinção entre antigo e novo ainda tem seu lugar na teologia cristã. (V. tb. TANAK.)

Heilsgeschichte. Termo alemão geralmente traduzido por “história da salvação” ou “história da redenção”. (V. tb. CULLMANN, OSCAR; SALVAÇÃO, HISTÓRIA DA.)

helenismo, helenização. Influência cultural iniciada com Alexandre, o Grande (334 a.C.), na qual a cultura grega (idéias, costumes, governo, arquitetura, língua, religião etc.) se espalhou por todo o mundo mediterrâneo e foi aceita por muitas culturas e sociedades não-gregas. A Palestina, p. ex., foi “helenizada” em larga extensão durante essa época. A maioria dos judeus na DIÁSPORA foi identificada como “judeus helenísticos” em virtude de falarem o grego, terem adotado muitos costumes gregos e usado a *SEPTUAGINTA* como Escritura (v. “helenistas” em At 6.1). (V. tb. HELENÍSTICO, JUDAÍSMO.)

helenístico, judaísmo. Designação para um tipo de judaísmo (ou judaísmos) que adotou muitos valores da cultura e língua grega. FÍLON de Alexandria (c. 20 a.C. a 50 d.C.), por exemplo, foi um judeu helenístico estudioso que buscou interpretar o AT por meio da utilização da filosofia grega e EXEGESE ALEGÓRICA. O apóstolo Paulo foi judeu helenístico em virtude de ter nascido e ter sido criado na cidade judeu-helênica de Tarso (v. HELENISMO). É importante reconhecer que todos os judeus durante o período intertestamentário foram influenciados pela cultura grega de alguma forma, e sendo assim, judaísmo helenístico designa vários níveis de aceitação.

henoteísmo. Envolvimento com um deus sem negar a existência de outros deuses. A crença parece ser evidenciada algu-

mas vezes na religião dos patriarcas e suas famílias e provavelmente existiu na cultura popular da história mais recente de Israel. Por exemplo, Miquéias 4.5 apresenta: “Pois todas as nações andam, cada uma em nome dos seus deuses, mas nós andaremos em nome do SENHOR, o nosso Deus, para todo o sempre”.

hermenêutica. A disciplina que estuda teorias de interpretação. O termo hermenêutica foi usado primeiramente com respeito aos métodos interpretativos e às discussões da interpretação bíblica; atualmente, o termo tem uso mais abrangente, como a teoria e arte de interpretação de qualquer texto. Essa consideração filosófica mais ampla da hermenêutica tem introduzido certas tensões nos modos mais tradicionais de interpretação dos textos bíblicos, mas também tem produzido discussões frutíferas sobre o ato de leitura em geral, a natureza e autoridade dos textos, e a relação entre teoria e prática. (V. tb. EXEGESE.)

Héxapla. Arranjo em seis colunas de ORÍGENES (no século III d.C.) das várias traduções gregas do AT lado a lado com o texto hebraico e a transliteração do hebraico para as letras gregas feita pelo próprio Orígenes. Exceto por alguns fragmentos, esse texto foi perdido, mesmo que porções maiores sobreviveram na *Héxapla siríaca*, uma tradução siríaca da obra de Orígenes que data do século VII d.C. A *Héxapla* oferece evidências importantes para o estabelecimento do texto hebraico durante a ERA PATRÍSTICA. (V. tb. SEPTUAGINTA; TEXTUAL, CRÍTICA.)

Hexateuco. Os primeiros seis livros do AT, vistos como entidade literária integrada. Alguns estudiosos argumentam que o livro de Josué deve ser agrupado ao PENTATEUCO, dessa forma perfazendo seis (*hex*) livros em vez dos cinco da divisão tradicional. Estes seis livros têm unidade baseada nas considera-

ções da CRÍTICA DA FORMA (p. ex., a repetição de breves credos; v. Dt 26.5-11 com Js 24.1-28) e na inclusão das tradições de conquista que completam a promessa da terra a Abraão. Contudo, o papel canônico do Pentateuco testifica a unidade adicional que a divisão tradicional não deve ser negligenciada, pois é o lugar onde os fundamentos da fé bíblica são demonstrados na eleição, ALIANÇA, lei e libertação. (V. tb. PENTATEUCO; TORÁ.)

hieróglifo. Escrito pictorial. Derivado do termo grego que significa “sinal sacerdotal”, os hieróglifos originariamente se referiam aos escritos religiosos egípcios. Mas também começou a ser usado para se referir a qualquer escrito pictórico. O uso de figuras para representar objetos pode se tornar enfadonho, em virtude do grande volume de sinais necessários. O “princípio de rébus”, em que um sinal é lido como um som em vez de um significado, finalmente expandiu a amplitude da escrita e levou ao sistema alfabético de escrita que a maioria das culturas utiliza atualmente.

Hillel. Rabino proeminente do final do século I a.C. e início do século I d.C. Hillel, o Ancião, foi praticamente contemporâneo de Jesus e Paulo, e na tradição rabínica foi considerado a pessoa mais influente da história pós-bíblica judaica, com frequência comparado a Moisés e Esdras. A tradição afirma que era o líder dos fariseus (30 a.C. a 10 d.C.) assim como o presidente do Sinédrio. Suas perspectivas da lei foram continuadas por seus seguidores (a casa ou escola de Hillel) e prevaleceram depois da destruição de Jerusalém em 70 d.C. (V. tb. SHAMMAL.)

hino. Louvor a Deus que descreve a mudança de ventura da doença ou perigo para a libertação ou vitória, ou simplesmente relata a majestade e a benevolência de Deus. Das duas formas mais comuns de salmos do AT (hinos e LAMENTOS), os

hinos têm a forma menos complexa. Baseados em estilo, estrutura, conteúdo e ânimo, os hinos têm forma de três partes, enquanto os lamentos são formados de seis partes. Os hinos iniciam com chamado ao louvor, seguido do(s) motivo(s) para o louvor e concluindo com um retorno à convocação inicial ao louvor. O salmo 117, o mais curto dos salmos, é um bom exemplo de hino. Cada um dos cinco livros do SALTÉRIO termina com um hino, e o Saltério como um todo termina com cinco hinos. A designação hebraica do Saltério é *sefer t'hillim*, que significa “livro dos louvores”, nome apropriado para o material de hinos. Os hinos podem incluir agradecimentos, salmos reais, SALMOS DE ENTRONIZAÇÃO, e qualquer salmo que compartilhe formas similares com o padrão básico de hino. São encontrados fora do Saltério, por exemplo, o cântico de Moisés (Êx 15). Também são encontrados no NT, onde os mais significativos estão no evangelho de Lucas (*MAGNIFICAT*, 1.46-55; *BENEDICTUS* 1.68-79; *Gloria*, 2.14; *NUNC DIMITTIS*, 2.29-32). Outras passagens do NT indicam que cantar, na forma de salmos, hinos e cânticos espirituais (1Co 14.26; Ef 5.19; Cl 3.16) era parte importante da adoração cristã primitiva. Estudiosos têm identificado certas passagens no NT (Ef 1.3-14; Fp 2.6-11; Cl 1.15-20; 1Tm 3.16) como material hímico.

hipótese das duas fontes. Teoria que tenta explicar a composição dos EVANGELHOS SINÓPTICOS afirmando que Mateus e Lucas usaram materiais de duas fontes distintas (Marcos e Q). A teoria está fundamentada no fato de Mateus reproduzir aproximadamente 90% de Marcos, Lucas reproduz cerca de 57% de Marcos, e que existem aproximadamente 230 versículos em Mateus e Lucas que podem ser atribuídos à fonte Q.

hipótese das quatro fontes. Também conhecida como HIPÓTESE DOS QUATRO DOCUMENTOS, é a teoria de que os EVANGELHOS SINÓPTICOS estão baseados em quatro fontes distintas.

No estudo das fontes que os evangelistas usaram para compor os evangelhos, B. H. Streeter expandiu a HIPÓTESE DAS DUAS FONTES e propôs que, além de Marcos e Q, houve também as fontes M e L, que representam o material que é exclusivo de Mateus e Lucas, respectivamente.

hipótese dos quatro documentos. (V. tb. HIPÓTESE DAS QUATRO FONTES.)

hipótese Graf-Wellhausen. (V. DOCUMENTÁRIA, HIPÓTESE.)

História da Religião, Escola da. Escola (alemão *Schule*) ou movimento escolar do final do século XIX e início do XX que buscou interpretar o judaísmo e o cristianismo com respeito a seu ambiente religioso e legado histórico mais amplo. Esses estudiosos, que eram em sua maioria alemães (como H. GUNKEL, W. Bousset, R. Reitzenstein, W. WREDE, R. BULTMANN, W. Heitmüller) argumentavam que judaísmo e cristianismo emprestaram conceitos, linguagens e práticas de outros movimentos religiosos. Assim, por exemplo, a cristologia cristã primitiva emprestou o mito gnóstico pré-cristão do “homem primitivo”, e que havia antecedentes nas religiões de mistério para o batismo cristão. Esse movimento ficou conhecido também por *RELIGIONSGESCHICHTLICHE SCHULE*.

histórica, crítica. Abordagem textual que busca descobrir “o que realmente aconteceu”. O *método histórico-crítico* refere-se ao esforço de reconstruir o contexto e significado histórico de um texto. Esta abordagem, caracteristicamente, responde a perguntas sobre a *origem* dos textos (v. CRÍTICA DA FONTE) preferivelmente sobre a forma final (v. CRÍTICA CANÔNICA). Também procura encontrar o *significado original* do texto, o que significava aos primeiros leitores antes dos leitores atuais e subseqüentes. O “verdadeiro” significado da passagem é o sentido que as palavras tinham no contexto histórico, e não o

que a igreja ou outra autoridade possa dizer com respeito a um texto. A questão final sobre autoridade é a força motriz por trás da crítica histórica: críticos históricos buscavam o estudo sem preconceito, crenças ou credos prévios; buscavam ser *observadores neutros* com respeito ao sentido do texto. A crítica histórica tem recebido críticas em anos recentes por uma variedade de razões, sendo uma dessas a de que seus adeptos não têm sido históricos ou críticos o suficiente. Da mesma forma, toda a questão da “neutralidade” na interpretação tem sido severamente criticada à luz das preocupações pós-modernas em como lemos os textos (v. DESCONSTRUÇÃO; CRÍTICA DO LEITOR-REAÇÃO). Contudo, a crítica histórica é inestimável em dizer o que um texto *pode* ou *não pode* significar, mais do que ele *significou*. Pode ser corretiva nos abusos de interpretação, ou pode limitar o número de interpretações. Contudo, dizer que um texto significa algo exige apenas a questão de quais propósitos alguém tem ao ler um texto, e o propósito “histórico” não é o único que alguém pode ter ao ler um texto. (V. tb. TIPOLOGIA.)

histórico, Jesus. (V. BUSCA DO JESUS HISTÓRICO.)

Historie, historisch. Na teologia alemã, particularmente nos escritos de Rudolf BULTMANN sobre Jesus e os evangelhos, distinções importantes foram feitas entre diversos conceitos em alemão que são difíceis de distinguir em português. “História” (alemão *Historie*; adj. *historisch*) é usado para descrever historicamente fatos objetivos (datas, lugares etc.) que podem ser verificados por meio do estudo e pesquisa, como “Jesus era um judeu que viveu no primeiro século”. *Geschichte*, em contrapartida, é usado para indicar eventos de relevância histórica, alegações que são historicamente (no sentido *historisch*) não-verificáveis, como “Jesus é o Filho de Deus”. O famoso título do livro de Martin Kahler, *The so-called historical [historische]*

Jesus and the historic [geschichtliche] biblical Christt [O assim chamado Jesus histórico (historische) e o Cristo bíblico histórico (geschichtliche)] representam os dois termos separados um do outro.

hitita. Povo de origem indo-européia, cuja influência se espalhou da Ásia Menor por todo o LEVANTE durante o segundo milênio a.C. Os hititas aparecem nos relatos dos PAIRIARCAS (Gn 23), da Conquista de Canaã (Jz 3.5,6) e mesmo durante a monarquia (2Sm 11 e 12). Os tratados hititas são considerados por muitos estudiosos como o modelo da ALIANÇA do AT.

homeoteleuto. Literalmente, “final similar”. Na cópia de manuscritos, finais similares eram com frequência ocasiões para erros de visão, nos quais palavras ou mesmo linhas inteiras foram omitidas. Um exemplo é João 17.15 no manuscrito *CÓDICE Vaticano*, em que um escriba omite uma linha inteira do texto. (V. tb. DITOGRAFIA; HAPLOGRAFIA; TEXTUAL, CRÍTICA.)

homilética. Disciplina que lida com a preparação, estrutura e entrega de sermões (HOMILIAS).

homilia. Termo adicional para sermão ou discurso proferido dentro do contexto de adoração na SINAGOGA (At 13.13-41) ou na igreja primitiva. A ênfase está mais na exortação e interpretação das Escrituras para crentes do que a proclamação (KERYGMA) do EVANGELHO para não-cristãos. Alguns estudiosos sugerem que as homilias dos cristãos primitivos podem estar incluídas em certos livros do NT, como Efésios, Hebreus e Tiago.

homologoumena. Nas categorias de EUSEBIO do CÂNON do NT, são os livros que foram reconhecidos pela igreja por Escritura. Para ele, os *homologoumena* (gr. *homologeō* “confessar, reconhecer publicamente”), os escritos reconhecidos pela igreja como Escritura em seus dias, incluíam os quatro evangelhos, Atos, catorze cartas de Paulo (incluindo Hebreus) 1Pedro, 1João e talvez Apocalipse. (V. tb. ANTILEGOMENA; PAULINAS, HOMOLOGOUMENA.)

Hort, Fenton John Anthony (1828-1892). Crítico textual britânico notável. Muito da obra de Hort está associada a seu colega, Brooke F. Westcott, com quem ele colaborou em importante texto crítico do NT grego, *The New Testament in the original greek, with introduction and appendix* [O Novo Testamento em grego original, com introdução e apêndice] (1881). Foi um grande contribuinte para a *English Revised Version* [Versão Revisada Inglesa] de 1881.

I

Ibn Ezra (1092/1093-1167). Intérprete judeu conhecido pela erudição e atenção ao “sentido comum” (*PESHAAT*) do texto. Seus comentários, especialmente de Isaías e da TORÁ, anteciparam muitos dos interesses atuais dos comentaristas. (V. tb. ISAÍAS, AUTORIA MÚLTIPLA DE; DOCUMENTÁRIA, HIPÓTESE.)

imprecatórios, salmos. Salmos que conclamam Deus a destruir os inimigos do povo de Deus, também chamados de salmos de maldição ou de vingança. São perturbadores ou até mesmo repulsivos a alguns leitores atuais (p. ex. Sl 137.9 “Feliz aquele que pegar os seus filhos Babilônia e os despedaçar contra a rocha!”). Algumas pessoas extirpam esses versículos pela omissão na leitura ou uso dos salmos, especialmente na adoração, ou argumentam que foram suplantados pelo chamado neotestamentário para o amor aos inimigos. Outros vêem esses salmos como expressões honestas de profundos sentimentos e argumentam que como *orações a Deus*, permitem que o salmista apresente sua ira a Deus. Nessa última perspectiva, Deus tratará com os inimigos em justiça e misericórdia, havendo então possibilidade para reconciliação e restauração.

Inácio (c. 35-107 d.C.). Pai da igreja primitiva, bispo de Antioquia. Escreveu certo número de cartas às igrejas da Ásia Menor como também a Roma, onde foi martirizado pelo imperador Trajano. Suas cartas revelam diversos desenvolvimentos da teologia cristã do período apostólico até o século II d.C.

inclusio. Termo técnico referente ao enquadramento ou fechamento (latim “confinamento”), no qual a idéia ou frase inicial de uma passagem é repetida no final. Por exemplo, o salmo 8 inicia (v. 1) e termina (v. 9) com: “SENHOR, Senhor nosso, como é majestoso o teu nome em toda a terra!” (v. Sl 1; Ez 25.3-7; Am 1.3-5), dessa forma reforça a importância dessas palavras.

intertextualidade. Fenômeno em que todos os textos estão envolvidos em interação com outros textos, que resulta em um princípio interpretativo de que nenhum texto pode ser visto como isolado ou independente. Essa interação é especialmente verdadeira na literatura bíblica, já que cada documento ou texto é parte autoconsciente de uma corrente de tradição. O estudo da intertextualidade dá atenção aos fragmentos, ou “ecos”, dos textos mais antigos que aparecem em textos mais novos, examinando passagens que compartilham palavras e temas. Geralmente, o estudo da intertextualidade bíblica focaliza mais o *processo* pelo qual os textos bíblicos foram retrabalhados e as *diferenças* entre esses textos: são estendidos em seu significado, mas também transpostos ou mesmo refutados. A ênfase tende a explorar mais a *pluralidade* de possíveis interpretações do que a *conformidade* de interpretações. (V. tb. INTRABÍBLICA, EXEGESE.)

intrabíblica, exegese. Abordagem textual que busca tratar a reinterpretação e reaplicação de texto bíblico mais antigo por meio de um mais novo. A descoberta da exegese intrabíblica é mais desenvolvida no estudo do AT, grandemente em virtu-

de do magnífico estudo de M. Fishbane, *Biblical interpretation in ancient Israel* [Interpretação bíblica no antigo Israel] (1985). Citações diretas são a aplicação mais óbvia deste método, mas a exegese intrabíblica também observa as GLOSAS em um texto, o arranjo do material em sua forma presente e o uso das palavras, temas e tradições em outros textos. Por exemplo, um estudo acadêmico de exegese intrabíblica pode examinar a relação entre Isaías 2.2-4, Joel 3.10 e Miquéias 4.1-3, ou o uso que Oséias faz das tradições de Gênesis 32 com respeito a Esaú e Isaque. Esta abordagem compartilha aspectos como interpretar “Escritura à luz da Escritura”, mas salienta mais o relacionamento literário e histórico do que o espiritual ou teológico. Alguns estudiosos usam o termo “midrash comparativo” como equivalente aproximado a exegese intrabíblica. (V. tb. INTERTEXTUALIDADE.)

ipsissima verba Jesu. Latim de “as próprias palavras de Jesus”. Estudiosos têm tentado descobrir nos evangelhos as declarações autênticas de Jesus. *Ipsissima verba Jesu* designa as palavras que foram mais provavelmente ditas por ele. (V. tb. CRITÉRIO DE AUTENTICIDADE; *IPSISSIMA VOX JESU*.)

ipsissima vox Jesu. Latim de “a própria voz de Jesus”. Um estudioso poderia concluir que mesmo as palavras de Jesus em questão poderiam não ser suas próprias palavras (*ipsissima verba*), elas poderiam expressar sua mente, intenções e sentidos; ou seja, alguém as ouve na própria “voz” de Jesus. (V. tb. CRITÉRIO DE AUTENTICIDADE; *IPSISSIMA VERBA JESU*.)

Ireneu (c. 135-c. 202). Pai cristão primitivo, nascido em Esmirna na Ásia Menor, Ireneu foi posteriormente bispo de Lião e viajou por todo o Império Romano. Durante o último quarto do século II, o cristianismo ortodoxo contendia com o Gnosticismo pelos corações e mentes do povo. A principal obra de Ireneu foi *Contra as heresias*, na qual desafiava os

GNÓSTICOS por sua falsa interpretação das Escrituras. Para Ireneu, a verdadeira interpretação está de acordo com “a regra de fé da igreja”, seu testemunho a Cristo e sua conformidade à pregação apostólica.

ironia. Afirmação na qual o sentido implícito das palavras difere do uso explícito destas. Quando Elias disse aos profetas de Baal no monte Carmelo “Gritem mais alto [...] já que ele é um deus. Quem sabe está meditando, ou ocupado, ou viajando. Talvez esteja dormindo e precise ser despertado” (1Rs 18.27) estava sendo irônico — ele não crê que os deuses deles são de fato deuses, e os profetas não passarão no teste. O perigo da ironia é ela não ser notada. O livro de Jonas, por meio de muitos relatos, é um tratado irônico de justiça (e graça); é o relato de Jonas, não os oráculos de Jonas como encontrados em outros livros proféticos. O problema de muitos tratados contemporâneos de ironia na Bíblia é que a ironia, o “sarcasmo” (H. Davenport), é encontrado em todo lugar e pode significar simplesmente algo não pretendido ou simplesmente estranho. Este problema é especialmente crítico na conjuntura atual, em que a intenção do autor é menosprezada. Para ser capaz de encontrar ironia em um texto, o leitor deve ser capaz de confiar no que é dito e discernir o motivo pelo qual o que foi dito não é o que se pretende dizer. No NT, Jesus usa a ironia ao lidar com os escribas e fariseus em Mateus 23 (esp. no v. 32) e Paulo recorre à ironia em suas discussões com os de Corinto (v. 1Co 3 e 4).

Isaías, autoria múltipla de. É o problema da autoria múltipla e da composição do livro de Isaías. Os estudiosos críticos do final do século XVIII postularam três Isaías baseados nos diferentes estilos, temas e ambientes (ainda que já no início da época medieval, comentaristas como IBN EZRA observaram diferenças de estilo). O primeiro Isaías era o Isaías de Jerusa-

lém, que escreveu no século VIII a.C.; o segundo Isaías (Deutero-Isaías) foi identificado com os capítulos 40—55, nos quais o ambiente EXÍLICO era pressentido; o Terceiro-Isaías (Trito-Isaías) identificado nos capítulos 56—66, refletia temas de um ambiente pós-exílico na terra de Israel. Muitos estudiosos que mantêm a múltipla autoria de Isaías não mais salientam as diferenças e individualidade dos três “Isaías”; antes, argumentam como as partes contribuem ao todo literário, especialmente em como os temas são tomados e usados em contextos posteriores.

J

Jâmnia, Concílio de. Concílio RABÍNICO realizado em JÂMÂNIA (tb. escrita Yavneh), na Palestina. Quando os judeus fugiram de Jerusalém durante a Primeira Revolta Judaica (66-70 d.C.), muitos foram a JÂMÂNIA, cidade na planície da costa da antiga Palestina, ao sul de Jope, sob a liderança do rabino Yohanan ben Zakkai. Uma escola foi estabelecida ali, e por meio de encontros por diversos anos, muitas questões acerca da reconstrução do judaísmo foram discutidas. (Muitos estudiosos atualmente duvidam que um “concílio” foi feito, mas certamente os debates aconteceram.) Para os cristãos, os debates com respeito aos livros da BÍBLIA HEBRAICA foram o aspecto mais importante já que esses debates levaram à canonização final da terceira seção, os Escritos, das Escrituras Hebraicas. (V. tb. CÂNON.)

javista. De acordo com a HIPÓTESE DOCUMENTÁRIA, é o autor da fonte J (J do alemão *jahwist*) do PENTATEUCO, caracterizada por sua preferência pelo nome YAHWEH quando se refere a Deus. O javista narra a história de Israel da origem da humanidade e

proliferação do pecado nos primeiros capítulos de Gênesis até o chamado de Abraão, a libertação por meio de Moisés e a culminação desse relato como revelação de YAHWEH no monte Sinai. A fonte J é considerada por alguns como tendo sido escrita no início do período monárquico (séc. X a.C.). O javista é visto como um hábil contador de histórias com um toque teológico profundo e distinto. Na perspectiva javista, a humanidade está propensa a transgredir os limites estabelecidos por YAHWEH, mas em vez de simplesmente usar medidas punitivas, YAHWEH busca proteger a humanidade da destruição. O javista tem sido considerado por alguns como o primeiro grande teólogo em Israel. (V. tb. DOCUMENTÁRIA, HIPÓTESE.)

JEDP. (V. DOCUMENTÁRIA, HIPÓTESE.)

Jeremias, Joachim (1900-1979). Estudioso alemão do NT. Jeremias consumiu a maior parte de sua carreira acadêmica na Universidade de Göttingen (1935-1968). Acreditava que o NT deveria ser interpretado dentro do ambiente lingüístico e histórico do século I e que o Jesus histórico, como descoberto nos evangelhos, é importante à fé cristã. Ambas as convicções são demonstradas adequadamente no *Eucharistic words of Jesus [Palavras eucarísticas de Jesus]* (1955), *Teologia do Novo Testamento: a pregação de Jesus* (1971) e *As parábolas de Jesus* (1954).

Jerônimo (c.347-420). Pai da igreja primitiva e estudioso bíblico. Foi um dos mais interessantes e complexos entre os pais da igreja primitiva, sendo incomparável em extensão, profundidade e versatilidade no aprendizado. Nascido de pais cristãos na Itália, foi a Roma aos doze anos estudar grego, latim, retórica e filosofia. Posteriormente, viajou para o oriente e estudou hebraico, finalmente chegando a Belém, onde morou o restante de sua vida. O seu método de interpretação era estabelecer a sua nova tradução do hebraico lado a lado com a *SEPTUAGINTA* e comentar cada trecho. Interpretou cada versículo

literalmente valendo-se das fontes RABÍNICAS e então interpretava cada versículo espiritualmente pela utilização da *Septuaginta* e de ORÍGENES. A tradução de Jerônimo da Bíblia hebraica e grega chegou até nós como *VULGATA*.

Jerusalém, Concílio de. V. CONCÍLIO DE JERUSALÉM.

Jesus, Seminário. Grupo de estudiosos (aproximadamente de 50 a 75) que geralmente se encontram duas vezes por ano para debater questões sobre o Jesus histórico. São popularmente conhecidos por votar a autenticidade das declarações de Jesus de acordo com uma escala de probabilidade. Diferentes códigos de cores correspondem a cada nível; vermelho indica que Jesus proferiu uma declaração específica; rosa para a possibilidade de Jesus ter dito algo parecido com aquilo; cinza para significar que uma declaração talvez seja a idéia de Jesus mas não suas palavras; e preto para indicar que Jesus não disse aquilo. O grupo tem também incluído o apócrifo *Evangelho de Tomé* em seu estudo. O resultado de seu trabalho tem sido publicado em *The five Gospels: the search for the authentic words of Jesus* [*Os cinco evangelhos: pesquisa sobre as palavras autênticas de Jesus*] (New York: Macmillan, 1993).

Jesus, tradição de. As declarações e relatos de Jesus como foram disseminados e transmitidos em forma oral e escrita. O termo é usado com frequência em estudos contemporâneos sobre Jesus nos quais os estudiosos tentam traçar o desenvolvimento e identidade das transformações das declarações e relatos de Jesus como foram transmitidas. Esta investigação inclui questões como se e em qual extensão os escritos de Paulo ou Tiago revelam acesso à tradição de Jesus. Para alguns estudiosos, como os do Seminário Jesus, a investigação move-se além da literatura canônica para incluir obras como o *Evangelho de Tomé*. (V. tb. TRADIÇÃO, CRÍTICA DA.)

Joanina, Comma. (V. COMMA JOHANNEUM.)

Josefo, Flávio. Historiador judeu. Josefo viveu no século I (c. 37/38-110 d.C.), e suas obras são importante fonte para o entendimento do mundo histórico e religioso da Palestina durante o domínio romano. Josefo foi recrutado à luta contra os romanos pelas forças judaicas na Galiléia, foi feito prisioneiro, e posteriormente se tornou cidadão romano. Seus escritos incluem uma autobiografia (*Vida*), uma apologia ao judaísmo (*Contra Ápion*), uma história dos judeus da criação do mundo até a guerra judaica contra os romanos (*Antigüidades judaicas*) e um relato da guerra contra Roma (*Guerras judaicas*). Alguns estudiosos duvidam da confiabilidade de sua obra, já que se mostra sem critério em suas fontes mais antigas, nas quais ele confia fortemente; contudo, se mantém como uma inestimável fonte de informação sobre a comunidade na Palestina durante o período helenístico. Seus escritos foram mais valorizados por cristãos do que judeus, pois menciona João Batista e Jesus. Também aprendemos muito do que ocorreu em Massada durante a PRIMEIRA REVOLTA JUDAICA por meio de seus escritos.

Jubileu, Ano do. É o ano no qual se conclui o ciclo de sete anos sabáticos nos quais a “liberdade” era proclamada para todos (pessoas, posses e terra) e a restauração das posições iniciais era concedida. Levítico 25 estabelece as regulamentações com respeito à posse da terra e de escravos. A terra e as pessoas não deveriam ser possuídas por outros homens, pois ambas pertencem ao Senhor (24.23,42). O solo deveria ter um “sabático” a cada sete anos, mas no quinquagésimo ano ($7 \times 7 + 1$), a própria terra deveria ser entregue de volta ao seu dono original. Da mesma forma, um escravo, alguém contratado em virtude de dívida, poderia ser resgatado por um parente ou pela ocasião do ano de Jubileu. O profeta Ezequiel também falou acerca de um ano de “descanso”, quando a propriedade era devolvida a seu dono (Ez 46.16-18), e a imagem é usada no

NT da mesma forma quando Jesus usa as palavras de Isaías 61.1,2 (“O Espírito do SENHOR está sobre mim [...] para pregar boas novas aos quebrantados, enviou-me a curar os quebrantados de coração [...] a apregoar o ano aceitável do SENHOR”) na SINAGOGA em Nazaré (v. Lc 4.18,19).

Judaica, Revolta. Guerra judaica contra Roma em 66-70 d.C. Mesmo que haja certo número de revoltas judaicas contra o poder estrangeiro por toda a história (assírios, babilônicos, gregos), a mais aludida na história bíblica é aquela contra Roma iniciada em 66 d.C., que levou à destruição de Jerusalém e do templo em 70 d.C. sob o general romano Tito. A segunda revolta contra Roma, conhecida por REVOLTA DE BAR KOKHBA, ocorreu em 132-135 d.C. (V. tb. ZELOTES.)

judaizantes. Grupo de cristãos judeus que acreditavam que todos os cristãos gentios deveriam “viver como judeus” (Gl 2.14) por meio da adoção dos costumes judaicos. Mesmo que a palavra “judaizante” não apareça no NT, as tentativas de “judaizar” entraram em conflito com a insistência de Paulo que a salvação “não é por obras da lei mas, mediante a fé em Cristo Jesus” (Gl 2.16). É importante entender que Paulo jamais encorajou os CRISTÃOS JUDEUS a abandonarem seu modo judaico de vida e a identidade nacional, mesmo tendo sido acusado falsamente de tê-lo feito (At 21.21).

judeus, cristãos. Judeus que foram discípulos de Jesus ou se converteram ao cristianismo pela confissão de Jesus como o Messias e foram batizados “no nome de Jesus” (At 2.38). Algumas vezes este grupo de cristãos judeus primitivos é descrito como cristãos palestinos em virtude do movimento estar grandemente confinado à Palestina. Parece que eles, sob a liderança de Tiago (At 15.1-35; 21.17-26), especialmente os que moravam ao redor de Jerusalém, mantiveram muito de suas tradições e crenças judaicas — em outras palavras, conti-

nuaram a viver da maneira judaica e não viam necessidade de fazer cessar os costumes judaicos em virtude da conversão ao cristianismo. É provável que alguns desses cristãos judeus/palestinos, os chamados de JUDAIZANTES pelos autores atuais, insistiram que Paulo exigisse dos convertidos gentios a obediência às leis judaicas além de depositarem a fé em Jesus Cristo (Gl 2 e 3). (V. tb. EBIONITAS.)

Justino Mártir (c. 100-165). O primeiro grande apologista da igreja. A *Primeira apologia*, escrita de Roma por volta de 155 d.C. ao imperador Antonino Pio (138-161), apresentava e interpretava a fé cristã mediante o debate das falsas acusações de imoralidade levantadas contra a igreja. Em outras obras, Justino buscou reconciliar as idéias de fé e razão. Ele, com alguns de seus discípulos, foi denunciado como cristão e executado em virtude de recusar-se a sacrificar a Roma.

K

Käsemann, Ernst (1906-1998). Estudioso alemão do NT. Teve um longo período de ensino na Universidade de Tübingen. Embora tenha sido pupilo de BULTMANN, diferenciava-se por ter sido o mentor de diversas publicações, incluindo *The quest of historical Jesus [A busca do Jesus histórico]*. Com outros estudiosos pós-bultmannianos (BORNKAMM, CONZELMANN, Ebeling, Fuchs), procurou criar uma ponte entre o Jesus terreno e o Jesus proclamado pela igreja. A teologia de Paulo, especialmente as doutrinas da justificação e da retidão, e a centralidade da cruz (*THEOLOGIA CRUCIS*) são os pontos centrais da obra de Käsemann.

kenosis. É o “esvaziamento” de Cristo na encarnação. O verbo grego *kenoo* (“esvaziar”) ocorre na declaração cristã em Fili-

penses 2.6-11, que afirma que Cristo “mas esvaziou-se, a si mesmo, vindo a ser servo” (Fp 2.7). O problema cristológico que surgiu com respeito à interpretação desse versículo centraliza-se na questão se “esvaziar” significa que Jesus temporariamente “deixou” o exercício de certas *prerrogativas* divinas ou se ele deixou certos *atributos* divinos.

kerygma. Do substantivo grego *kerygma*, que significa o que é pregado (verbo *kerysso*) como o EVANGELHO. *Kerygma*, dessa forma, se refere tanto ao conteúdo quanto ao ato de pregar (1Co 1.21). Alguns estudiosos contemporâneos do NT continuam a seguir ou modificar a proposta de C. H. DODD que o conteúdo principal do *kerygma* declarava que: 1) a era messiânica predita pelos profetas chegou; 2) o cumprimento da era messiânica é demonstrado pela vida, morte e ressurreição de Jesus; 3) pelo valor de sua ressurreição, Jesus é o Senhor exaltado; 4) a presença do Espírito Santo na igreja é o sinal da presença de Deus com seu povo; 5) Cristo voltará como Juiz e Salvador do mundo; e 6) o chamado ao arrependimento inclui oferta de perdão de pecados e o recebimento do Espírito Santo como garantia da salvação.

Kĕtavîm. É a terceira seção do CÂNON hebraico, os ESCRITOS (tb. conhecido pelo nome latino, *hagiographa*). Essa seção compreende Salmos, Jó, Provérbios, os “Livros Festivos” (heb. *MEGILLÔT*: Rute, Cântico dos Cânticos, Eclesiastes, Lamentações e Ester), Daniel, Esdras, Neemias, e 1 e 2Crônicas. (V. tb. *TANAK*.)

Kittel, Gerhard (1888-1948). Erudito alemão conhecido principalmente por editar os nove volumes do *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament* (1933-73) traduzido para o inglês por Geoffrey W. Bromiley por *Theological dictionary of the New Testament* [Dicionário teológico do Novo Testamento] (1964-74).

Kohleth. Nome hebraico para Eclesiastes. (V. tb. *QOHLETH*.)

koinomia. Palavra grega que significa “companheirismo, parceria, compartilhar”. Lucas indica que *koinonia* foi uma das marcas distintivas da igreja primitiva, em que foi vivida na adoração, especialmente no compartilhar do “partir do pão” (At 2.42).

Kultgeschichtliche Schule. (V. MITO E RITUAL, ESCOLA DO.)

kyrios. Termo grego traduzido por “Senhor, mestre, dono” quando usado como forma de atribuição. Na teologia do NT, é o título dado a Jesus como conseqüência de sua ressurreição e exaltação: “Deus o fez Senhor [*kyrios*] e Cristo [*christos*]” (At 2.36). Tornou-se termo comum para expressar o senhorio de Cristo no mundo greco-romano (Rm 10.9; 1ª P 2.11). (V. tb. CRISTOLÓGICOS, TÍTULOS.)

L

L, tradição. Material que é encontrado unicamente no evangelho de Lucas. Na proposta de B. H. Streeter da hipótese das quatro fontes, L significa o material que é exclusivo ao evangelho de Lucas, como a parábola do bom samaritano (Lc 10.29-37) e o filho pródigo (15.11-32).

lamento, salmos de. Queixa ou petição a Deus feita por indivíduo ou comunidade em virtude de sofrimento, opressão ou até mesmo da negligência divina. Lamentos, talvez melhor representados como “queixas” (alemão *Klage*) são uma das duas formas de salmos (HINOS e lamentos) que são distinguíveis com base no estilo, estrutura, conteúdo e ânimo. Os lamentos têm estrutura mais complexa que os hinos. Iniciam com um chamado por Deus, seguido pela descrição da necessidade ou queixa, um pedido por ajuda, pelas razões

pelas quais Deus deve intervir, uma afirmação de confiança e uma oração de conclusão. Os lamentos encerram canções tristes e queixas, entre outros GÊNEROS. O salmo 13 é um belo e breve exemplo de lamento.

Lasterkatalog. (V. CATÁLOGO DE VÍCIOS E VIRTUDES.)

latinismo. Palavra ou construção gramatical derivada do latim.

Latinismos são encontrados no NT, especialmente nos evangelhos e em Atos (gr. *kenturion*/ lat. *centurion*; gr. *praitorion* / lat. *praetorium*). A interpretação bíblica está repleta de latinismos. Por exemplo, a palavra *lexicon* (dicionário) deriva do latim *lexis*, “palavra”.

leccionário. Da palavra latina para “leitor”, é uma coleção de passagens da Escritura e outros materiais litúrgicos usados na adoração pública e na devoção particular. Leccionários, geralmente organizados e usados de acordo com os calendários eclesiásticos e seculares, foram originados na igreja primitiva. Entre outras coisas, os cristãos primitivos forneceram evidências úteis para os estudiosos na busca de reconstruir o texto grego primitivo da Bíblia.

Leitmotiv. Palavra alemã que se refere à imagem, qualidade, ação ou objeto que ocorre periodicamente em uma narrativa, poema ou oráculo (literalmente “tema/ motivo-guia”). O *Leitmotiv* pode ser simbólico, mas pode também fornecer coerência à narrativa e sustentar um tema básico de narrativa. Por exemplo, nos relatos dos PATRIARCAS, os temas do mais novo suplantarem o mais velho ou da esposa passar por irmã são incorporados à arte narrativa e contribuem para o significado do relato. No caso do mais jovem suplantarem o mais velho, não é a primazia de nascimento, mas a promessa e propósito de Deus que determinam por meio de quem as bênçãos de Deus virão. (V. tb. LITERÁRIA, CRÍTICA; *LEITWORT*.)

leitor-reação, crítica do. Abordagem literária ao texto que se move do autor para o leitor para preencher as lacunas do texto. Em sua forma mais radical, esta abordagem considera o sentido não da estrutura e das palavras do texto, mas sim o ponto de encontro entre o leitor e o texto. Por essa razão, neste método, o leitor é com frequência o “criador” do significado, já que no ato da leitura, pode fazer o que deseja do que estão lendo. Por exemplo, um leitor poderia encontrar defesa para um estilo de vida vegetariano nos capítulos iniciais de Jó, no qual os animais domésticos representam importante papel na economia agrícola da época, mas que não são explicitamente referidos como criados para consumo de carne. O livro não está defendendo o vegetarianismo, mas os leitores com esses interesses poderiam encontrar apoio para sua posição. Os interesses e preocupações do leitor se tornam o ponto central da interpretação, mais até do que o intento ou propósito do autor. (V. tb. DESCONSTRUÇÃO.)

leitor sugerido. Termo da crítica da narrativa que faz distinção entre o leitor sugerido em um texto e o leitor real. O leitor sugerido tem o perfil de leitor que melhor entenderia e responderia ao texto, algumas vezes chamado de leitor ideal. Mesmo quando os leitores são identificados como “todos os santos em Cristo Jesus [...] em Filipos” (Fp 1.1), a crítica da narrativa examinará cuidadosamente o texto em busca de indicações de leitores sugeridos no texto. Isto é mais proveitoso na leitura de Efésios, onde não se sabe ao certo se os verdadeiros leitores estavam, de fato, ligados a uma igreja particular em Éfeso ou às regiões em volta. De forma mais comum, textos narrativos, como o quarto evangelho, convidam os leitores a detectar o leitor sugerido.

Leitwort. Palavras que ocorrem periodicamente de forma significativa em uma perícope ou em um relato extensivo, poema

ou oráculo (literalmente do alemão “palavra guia”). Ao seguir a repetição da palavra e os diferentes usos da ocorrência, o intérprete pode alcançar o significado do texto, algumas vezes com resultados impressionantes. No AT, não é simplesmente uma palavra, mas a forma e variações da raiz que podem ser exploradas para expressar nuances de significado. Por exemplo, nas conseqüências do dilúvio, o radical vida é repetido de várias formas, salientando tanto a destruição quanto o resgate ou renovação da vida (Gn 6.9—8.19). (V. tb. LITERÁRIA, CRÍTICA; *LETTMOTIV.*)

lenda. GÊNERO literário similar à SAGA mas que salienta mais o *caráter* e os *dons* do personagem central da história. Tende para a exortação, chamando os leitores para um curso de ação. Por exemplo, as histórias de José e Daniel em cortes estrangeiras focalizam o caráter destes indivíduos e apelam pela fidelidade e sabedoria em situações difíceis. Quando estudiosos falam de relato como lenda, não estão necessariamente julgando sua historicidade; estão principalmente falando do gênero. (V. ETIOLOGIA.)

Levante. Terras da costa do leste do mar Mediterrâneo (que incluem a Palestina/ Israel, Síria e Líbano). Situado ao redor do deserto sírio, o Levante era importante tanto para o controle do Egito quanto da Mesopotâmia, já que foi a única massa de terra pela qual o comércio pôde ser conduzido razoavelmente. (V. tb. FÉRTIL, CRESCENTE.)

levirato, casamento de. Instituição do antigo Israel que preservava os direitos de herança de um homem que tivesse morrido sem filhos. Por ocasião da morte de um homem, a obrigação do irmão mais velho era casar-se com a viúva e ter filhos que levariam o nome e se tornariam o herdeiro do marido morto (Dt 25.5-10). Esta instituição também providenciaria prestígio para a viúva. O livro de Rute pressupõe a ins-

tuição (Rt 3.13); Boaz resgata tanto o campo quanto Rute, de forma que se fazia uso do “parente redimidor” em algumas vezes para a pessoa. O relato também sugere que a simples herança não era a única questão, já que tanto Noemi quanto Rute estavam mais interessadas com a vida na comunidade do que com os direitos estabelecidos pelas estruturas sociais, mesmo os direitos sendo fruto natural da nova posição social (Rt 4.1-10).

léxico. Em estudo bíblico, é a designação comum para um dicionário de palavras em hebraico, grego ou latim.

lex talionis. Termo latino que significa “lei da retribuição”. O termo é aplicado caracteristicamente às leis do AT incorporadas com o princípio da “proporção fixa” de justiça não baseada na condição ou dinheiro mas do *GÊNERO*: “olho por olho, dente por dente”. Mesmo que isso pareça uma forma severa de punição, deve-se ter em mente que a penalidade não estava especificada com base na condição social, mas era aplicada igualmente a todos (em contraste com, p. ex., *CÓDIGO DE HAMURÁBI*). Limitava a punição não pela exigência de grande quantidade em retribuição. Era um *princípio legal*, e não um princípio para relacionamentos interpessoais.

libertinagem. (V. ANTIINOMISMO.)

Lightfoot, Joseph Barber (1828-1889). Erudito britânico do NT. Foi bispo de Durham e era conhecido pela paixão hermenêutica na interpretação do texto bíblico dentro do contexto de línguas e culturas do tempo em que foram escritos. Além de ser um estudioso brilhante, defendeu diversas causas para a igreja, como o ministério leigo e a participação feminina na liderança. Sua obra *The Christian ministry* [O ministério cristão] no comentário de *St. Paul's epistle to Philippians* [Carta de São Paulo aos filipenses] (1897) permanece um manifesto perdurável sobre o assunto.

literária, crítica. Abordagem textual bíblica que reconhece sua natureza literária e busca interpretá-la como tal. A crítica literária procura interpretar o todo de uma obra literária, seja salmo, narrativa que se desenvolve em diversos capítulos (p. ex., o relato de Jacó ou José) ou um livro (Jó). Seu objetivo é ver as partes em função do todo, não simplesmente como partes individuais. Muitos críticos literários chegam a dizer que a obra literária deve ser interpretada dentro e de si mesma, sem referência a qualquer reconstrução histórica. A própria obra contém em sua maioria, se não toda, a informação para interpretá-la. Por exemplo, o relato do casamento de Oséias com Gomer pode ser visto como uma parábola do relacionamento entre Deus e seu povo e não necessita ser tomado como casamento “histórico”, com o problema implícito para se explicar a situação desconfortável de Deus pedir que Oséias se case com uma prostituta. Discussões sobre o enredo, personagens e temas são o que interessa ao crítico literário, e não questões de autoria e data de composição. O perigo de algumas formas de crítica literária é perder de vista o contexto histórico desses relatos. A evidência dessas narrativas é que Deus está agindo nesses eventos e vidas; não são apenas enredos e personagens expressando em ações o seu destino. Abordagens literárias mais antigas, ainda amplamente empregadas, procuram mostrar como a composição literária chegou a existir e quais fontes estão por trás da obra em questão. (V. tb. HISTÓRICA, CRÍTICA; FONTE, CRÍTICA DA.)

Livro da Aliança. (V. CÓDIGO DA ALIANÇA.)

Livro dos Doze. Coleção dos doze PROFETAS MENORES, que consiste em Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias. (V. tb. *N^o VIIIM.*)

locus classicus. Termo latino referente ao “lugar clássico”. No estudo bíblico, *locus classicus* refere-se à passagem das Escri-

turas que melhor ilustra um princípio, doutrina ou entendimento de um conceito bíblico. Por exemplo, Miquéias 6.8 — “... o que o SENHOR exige: pratique a justiça, ame a fidelidade e ande humildemente com o seu Deus” — é uma passagem crucial no entendimento do que Deus requer do RELACIONAMENTO DE ALIANÇA sob a TORÁ. Da mesma forma, Deuteronômio 18.15-22 é a passagem que melhor apresenta o que um verdadeiro profeta deve ser. No NT, a citação de Jesus do AT em Lucas 10.27 é um *locus classicus* para o discipulado cristão: “Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todas as suas forças e de todo o seu entendimento’ e ‘ame o seu próximo como a si mesmo”’. Romanos 3.21-26 é um resumo clássico do entendimento de Paulo da justificação pela fé.

logion. No estudo do NT, é um termo técnico que significa uma declaração sucinta de Jesus (pl. *logia*). É com freqüência usado para declarações reunidas de documentos hipotéticos como Q que antecedem os EVANGELHOS escritos. PAPIAS, um pai da igreja primitiva (c. 70-160 d.C.) é citado por EUSÉBIO como o que sustentava que “Mateus compôs os *logia* (*ta logia*) na língua hebraica e cada um interpretava segundo a capacidade” (Eusébio, *História eclesiástica* 3.39.16).

Lucas—Atos. Obra de dois volumes de Lucas, o evangelho de Lucas e o livro de Atos.

Lutero, Martinho (1483-1546). Reformador do século XVI. Lutero, que é reconhecido como o iniciador da Reforma, lecionou a Bíblia na Universidade de Wittenberg por muitos anos. Seu estudo das Escrituras, a influência de AGOSTINHO em sua teologia, e a observação do misticismo de seus dias finalmente levaram-no ao rompimento com a Igreja Romana. A teologia “reformada” de Lutero centrava-se em *sola fide* (somente a fé), *sola gratia* (somente a graça) e *sola Scriptura*

(somente a Bíblia). É célebre no ramo de estudos bíblicos pela tradução da Bíblia para o alemão (completada em 1534). Publicou estudos bíblicos que incluíam exposições de Salmos, Romanos e Gálatas. Sua *Preleções em Gálatas* é considerada especialmente como obra de teologia profunda.

LXX. (V. SEPTUAGINTA.)

M

M, tradição. Material de evangelho que é encontrado unicamente no evangelho de Mateus. Na proposta de B. H. Streeter, da hipótese das quatro fontes, M significa o conteúdo que é exclusivo de Mateus, como a genealogia e certos eventos que envolvem o nascimento de Jesus (Mt 1 e 2) assim como certas parábolas (p. ex., 13.44-46; 20.1-16).

macabeus, revolta dos. São os líderes e a revolta judaica, que recebeu seu nome, contra os selêucidas. Em 167 a.C., Matatias, o pai de Judas Macabeu (aramaico “o martelo”) liderou uma revolta contra Antíoco IV Epifânio. Antíoco havia profanado o templo pelos sacrifícios a deuses pagãos (o SACRILÉGIO TERRÍVEL) e tinha decretado interdição contra diversas leis judaicas (guarda do sábad e circuncisão). Judas sucedeu a seu pai, que morreu no começo da rebelião, e por volta de 165 a.C. o templo foi recuperado e rededicado com uma celebração de oito dias (atual *Hannukah*). O que começara como rebelião para reobter liberdade religiosa finalmente levou à luta pela independência nacional, que foi atingida sob João Hircano, o filho do irmão de Judas, Simão, em 135 a.C. A dinastia dos macabeus é também conhecida como por ASMONEUS (o nome de um predecessor dos macabeus).

magia. Tentativa de invocação, controle e manipulação dos poderes sobrenaturais (bons ou maus) para a ordem de uma pessoa por meio do uso de certas fórmulas ou execução de rituais. Algumas vezes também chamada de feitiçaria ou bruxaria, a magia era prática comum por todo o mundo do antigo Oriente Próximo, Mediterrâneo e greco-romano. Os israelitas foram advertidos contra essas práticas (Dt 18.10,11). O NT identifica Simão, um adivinho em Samaria (At 8.9) assim como outros indivíduos que praticavam a feitiçaria em Éfeso (19.18,19).

mágico. Quem se envolve com MAGIA.

Magnificat. Cântico de Maria em louvor a Deus. O termo é derivado do latim *Magnificat anima mea Dominum* (“A minha alma engrandece ao Senhor”), frase de abertura do cântico de louvor de Maria depois de, com Isabel, sua prima, terem compartilhado da alegria sobre o nascimento de Jesus (Lc 1.46). Estudiosos têm observado que o HINO é moldado da mesma forma que o cântico de Ana (1Sm 2.1-10) e que a linguagem segue o estilo da *SEPTUAGINTA*. (V. tb. *BENEDICTUS*; *NUNC DIMITTIS*.)

Maiores, Profetas. Isaías, Jeremias e Ezequiel. A distinção entre profetas maiores e MENORES foi encontrada primeiramente nas igrejas latinas e refere-se ao tamanho e não ao valor dos livros. (V. MENORES, PROFETAS.)

maiúsculo. (V. UNCIAL.)

mântica, sabedoria. Tipo de sabedoria semelhante à divinização que é associada às cortes reais e templos no mundo antigo. Os homens sábios, ou conselheiros, trabalhavam com o princípio que as coisas da terra e as do céu correspondem, e que é possível aprender a interpretar os “sinais” (diversos fenômenos como entranhas, corpos celestes e outros) para predizer eventos ou tramar um curso de ação. Apesar da Bíblia proibir

a maioria dessas práticas (p. ex., astrologia), José e Daniel são algumas vezes associados a esse tipo de sabedoria em virtude de interpretarem sonhos para o faraó e para o rei respectivamente.

Manual de disciplina. (V. REGULAMENTO DA COMUNIDADE.)

maramata. Expressão aramaica *marana' ta'* transliterada para o grego, que significa "Vem, Senhor nosso!" (1Co 16.22; *DIDAQUE* 10.6) ou possivelmente "nosso Senhor veio" (*maran 'ata*). O contexto cristão primitivo de uso desse termo provavelmente teria sido a celebração da EUCARISTIA, na qual a presença do Senhor era invocada. João usa o termo escatologicamente quando termina Apocalipse com a petição grega "Vem, Senhor Jesus" (*erchou Kyrie Iesou*, 22.20).

Marcião (c. 100-165 d.C.). Herege, Marcião, líder da igreja de Roma, foi excluído da igreja por volta de 144 d.C. pela rejeição do AT, pela visão não convencional de Deus e pelas contradições que via entre o AT e o NT. Prefaciou sua edição das Escrituras com uma série de *Antitheses* [*ANTITHESES*], que ressaltavam a incompatibilidade da lei e o EVANGELHO e as diferenças entre a natureza de Deus no AT e no NT. Sua listagem de dez cartas de Paulo (na qual chama Efésios de *Epístola aos laodicenses*) é a mais antiga lista conhecida na atualidade.

Marcos, Evangelho secreto de. EVANGELHO APÓCRIFO. É uma forma combinada do evangelho de Marcos, conhecida apenas por uma carta escrita supostamente por CLEMENTE DE ALEXANDRIA na qual cita duas passagens do evangelho (Morton Smith é aparentemente o único estudioso a ter visto a cópia manuscrita da carta de Clemente, em 1958, em um monastério na Palestina). A maioria dos estudiosos crê que esta obra não é nada mais que uma imitação do EVANGELHO CANÔNICO de Marcos, composto para sustentar certas iniciações esotéricas.

mashal. Termo hebraico geralmente traduzido por “provérbio” mas que cobre uma variedade de formas literárias desde escárnio até PARÁBOLA. Habacuque 2.6 exemplifica a diversidade de uso: Não levantarão, pois, todos estes contra ele um provérbio, um dito zombador (*masal*). (V. tb. PROVÉRBIOS.)

Massorá. Notas marginais que foram transmitidas com o texto tradicional da Bíblia hebraica. O termo hebraico *masôrâh* significa “tradição”, portanto, o termo pode ser usado para as regras que governam a transmissão do texto. (V. tb. MASSORETAS; *TEXTUS RECEPTUS*.)

massoretas. Copistas e estudiosos que preservaram o texto tradicional da BÍBLIA HEBRAICA (o termo hebraico significa “tradicionalistas”). Esses estudiosos foram responsáveis por transmitir o texto consonantal, pela compilação das vogais e acentos e anotar outras notas textuais que ajudam os leitores e salvaguardam a integridade do texto. É difícil datar a obra dos massoretas de forma precisa, mas provavelmente iniciaram seu trabalho já no século VII d.C. Os massoretas mais famosos foram os da família Ben Asher, que foram responsáveis pelo mais antigo CÓDICE conhecido pelos estudiosos, o *Códice do Cairo*, que contém os PROFETAS, datado de 895 d.C. (V. tb. MASSORÁ; *TEXTUS RECEPTUS*.)

materialista, crítica. Também chamada de crítica política, é abordagem que vê o texto como um *produto físico* que foi produzido e guardado por causa de interesses e poder dos que foram beneficiados por ele. Os textos vieram a existir em certas épocas da história e em contextos socioeconômicos em particular. A crítica materialista busca identificar os que mais se beneficiaram de um texto, como os ricos e poderosos. A interpretação materialista focaliza mais a origem humana do texto bíblico e tende a relativizar a autoridade do texto. Mesmo em textos como o Decálogo, os críticos materialistas sus-

tentam que o texto visa os direitos dos homens casados que detinham propriedades e eram respeitados o suficiente na sociedade para dar testemunho falso e verdadeiro. A crítica materialista está geralmente associada a teólogos da libertação, que procuram combinar a teologia com interesses sociopolíticos. Questões de classe e GÊNERO são a linha de frente dos interesses dos críticos materialistas.

máxima. (V. AFORISMO; PROVÉRBIO.)

Meşillôt. Os “Livros Festivos” da Bíblia Hebraica (Rute, Cântico dos Cânticos, Eclesiastes, Lamentações, e Ester). (V. tb. *TANAK*.)

Merneptá, Estela de. Estela em comemoração à vitória que o faraó egípcio Merneptá (ou Meneptá, c. 1213-1203 a.C.) conquistou contra os “Povos do Mar”. Esta estela, levantada no templo do faraó em Tebas em 1209 a.C., fornece a mais antiga referência não-bíblica sobre Israel: “Israel está depredada; sua semente não”. A estela de Merneptá é importante na determinação da data do êxodo e da conquista, ainda que apenas em sentido comparativo no tempo da estela, “Israel” estava na terra de Canaã. Isto não nos ajuda a descobrir quando Israel deixou o Egito ou a rota tomada, o que representa um problema perene para os historiadores.

Menores, Profetas. Os doze livros proféticos (mais curtos em extensão do que os PROFETAS MAIORES), que incluem Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias. (V. *LIVRO DOS DOZE*.)

mensageiro, fórmula do. Termo usado pelos CRÍTICOS DA FORMA para classificar as palavras “Assim diz o Senhor”, que repetidamente ocorrem no discurso profético para introduzir os oráculos proféticos. As palavras “assim diz” eram em geral usadas pelos mensageiros no Oriente Próximo para a comunicação oral e foram adaptadas pelos profetas para indicar a

autoridade e origem divina da mensagem. Por exemplo, cada oráculo de Amós contra as nações inicia com essa fórmula (1.3, 6,9,11,13; 2.1,4,6; v. Na 1.12; Ag 1.2).

Mesa, Estela de. (V. tb. MOABITA, PEDRA.)

Mesopotâmia. Região “entre os rios” — do Eufrates até o oeste e do Tigre até o leste. Historicamente, a região foi dividida pelo império assírio do norte e o império babilônico do sul, ainda que culturalmente, os habitantes compartilhassem língua, panteões, leis e relatos similares. A região se tornou importante em grande extensão em virtude do aluvião criado pelos rios. O rico solo permitia a agricultura, que requeria organização social básica para criar um sistema de canais a partir dos rios. Uma vez que os canais foram desenvolvidos, uma vida mais sedentária poderia florescer. Nesse ponto, surgiram também registros escritos. (V. tb. ACADE; FÉRTIL, CRESCENTE.)

messiânico, segredo. Termo aparentemente cunhado por William Wrede com a publicação do livro (*The messianic secret in the Gospels*) [*O segredo messiânico nos evangelhos*] (Alemanha, 1901). Wrede acreditava que os temas de silêncio de Marcos (v. 1.34, 44; 3.11,12; 5.43; 8.27-30) eram uma construção teológica com a intenção de resolver um dilema teológico da igreja primitiva: se Jesus era o Messias todo o tempo, como a igreja afirmou posteriormente após a ressurreição, por que os discípulos e seus seguidores não reconheceram isso ao longo do seu ministério? Por meio dessa argumentação, Wrede enfraqueceu a visão dos que alegavam que o evangelho de Marcos era o mais fidedigno historicamente e poderia ser confiável para a “reconstrução” da história de Jesus. O termo, entretanto, tem sido usado também pelos que acreditam que a fidelidade de Marcos refere-se à estratégia real de Jesus de ocultar sua identidade.

metáfora. No uso geral, é uma comparação implícita, na qual as características, qualidades ou ações de alguma coisa são aplicadas à outra (p. ex., falar de Deus como pastor). Uma análise mais sofisticada da metáfora revela dois elementos: o *teor* é o sujeito ao qual a palavra metafórica é aplicada; o *veículo* é a própria palavra metafórica (p. ex., Deus é o teor, e o pastor é o veículo). Uma análise adicional indaga como a metáfora atinge seus propósitos, se é por *substituição* (como forma decorativa de dizer algo que poderia ser afirmado de forma mais literal), por meio de *efeito emotivo* (sua importância está em menos no que diz e mais no impacto que tem na audiência) ou por meio do *incremento* (como veículo cognitivo singular que permite a um autor dizer algo que pode ser dito de outra forma). Janet Soskice argumenta em *Metaphor and religious language* [*Metáfora e linguagem religiosa*] (1985) que um realismo teológico cauteloso explica melhor como a linguagem é usada quando se fala sobre Deus. Dessa forma, por exemplo, referir-se a Deus como pai, guerreiro ou como imagem de uma mãe é, de fato, dizer algo sobre a natureza de Deus. Contudo, quão experimental e inadequada a linguagem pode ser para se dizer algo compreensível sobre Deus.

metátese. Transposição (“mudança de lugar”) de letras, palavras ou frases durante o processo de cópia de manuscritos à mão. Em Marcos 14.65, por exemplo, *elabon* (“tomar”) aparece como *ebalon* (“lançar”) em alguns manuscritos. (V. tb. TEXTUAL, CRÍTICA.)

midrax. Forma específica de exposição bíblica judaica ou o GÊNERO caracterizado por essa forma. O termo *midrax* é uma forma do verbo hebraico *darash*, “buscar, investigar”. O termo recebe sobrecarga de significados. Mais basicamente, se refere aos antigos comentários judaicos sobre a Bíblia que empregam ABORDAGEM HOMILÉTICA à interpretação na qual

relatos e parábolas prevalecem sobre proposições. Dessa forma, *midraxé* é um método de interpretação (antológico e homilético) de textos que mantiveram um papel de autoridade dentro do judaísmo. Por exemplo, os *TARGUMS*, o *TALMUDE* e outras coleções de interpretação das Escrituras que contêm comentários de *midraxé* (p. ex. *PIRQÊ 'AVÓT*) são textos com autoridade dentro do judaísmo. Também se encontram elementos de *midraxé* dentro da Bíblia: Crônicas toma relatos de Josué—2Reis e os retrabalha em estilo “sermônico” definido (v. EXEGESE INTRABÍBLICA), e Mateus compila diversas profecias que revelam Jesus como o Messias a respeito de quem “Moisés, Davi e os Profetas” falaram.

milagre, relato de. Relato que descreve a ocorrência de um milagre de Jesus, de Paulo ou de outra personagem bíblico. O termo também é usado em sentido técnico para os relatos de análise dos EVANGELHOS pela CRÍTICA DA FORMA. (V. tb. ARETOLOGIA.)

mimetismo. Interpretação da realidade em textos literários (do gr. *mimesis*, “imitação”). Mimetismo tem a ver com um estilo particular no qual um incidente é relatado. Por exemplo, na antiguidade clássica, um estilo nobre era usado apenas para incidentes nobres (p. ex. tragédia era escrita em linguagem estilizada). O realismo moderno, ao contrário, desenvolveu variedades de formas para retratar as faces mutáveis da vida moderna. A Bíblia com frequência retrata a vida diária por uma mistura de estilos, mas ao contrário do realismo moderno, emprega *figuras* ou TIPOLOGIA, na qual eventos e pessoas através do tempo e até mesmo além do tempo (céu) se conectam umas com as outras dentro do plano divino. Mimetismo, portanto, refere-se a como representar acontecimentos em um texto.

minúsculo. Em estudos textuais, o termo é atribuído a letras minúsculas, cursivas ou corridas. Este estilo de escrita foi usa-

do extensivamente por volta dos séculos IX e X d.C., substituindo o antigo estilo UNCIAL.

mistério. No NT, algo que era previamente escondido, mas que tem sido revelado como parte da ação salvífica de Deus (do gr. *mysterion*). A maioria das ocorrências neotestamentárias dessa palavra está na coleção paulina, que com frequência lida diretamente com a salvação dos gentios e o papel apostólico de Paulo como revelador deste mistério. Efésios 3.3, por exemplo, afirma: “isto é, o mistério que me foi dado a conhecer por revelação”. (v. Rm 16.25; Ef 3.9; Cl 1.26,27).

mistério, religiões de. Nome dado a diversas seitas religiosas de origem antiga e de tendências e práticas sincréticas que prevaleceram do século VIII a.C. até o século IV d.C. O termo *mistério* advém do fato destas seitas praticarem iniciações secretas. Algumas das mais populares religiões de mistério durante o período greco-romano incluíam os mistérios eulesinos, dionisiacos e o mitráicos (MITRA) e os de Ísis e Osíris. Estudiosos têm debatido longamente sua relação com a fé cristã, em virtude de serem muito populares durante os primeiros séculos d.C. e compartilharem práticas e vocabulários similares ao cristianismo. (V. tb. HISTÓRIA DA RELIGIÃO, ESCOLA DA.)

misticismo *merkavah*. Misticismo judaico centralizado no “carruagem-trono” (heb. *merkava*, “carruagem”) de Ezequiel 1 e Isaías 6. Essas visões de Ezequiel e Isaías, com o relato da criação em Gênesis, formaram a base para a antiga especulação sobre a ascensão aos céus e a “carruagem-trono” sobre a qual Deus se assenta. Na tradição judaica raramente é encontrada qualquer indicação de que os místicos se tornam “um” com Deus, mesmo que experimentem transformação extática enquanto apreendem esses mistérios divinos. Alguns vêem a influência mística do *merkavah* nos comentários de Paulo concernentes a seu arrebatamento ao “terceiro céu” (v. 2Co

12.2-4). O significado do misticismo *merkavah* é com freqüência estendido para incluir qualquer especulação mística no campo celestial.

mito. Relato, geralmente relativo às ações de seres sobrenaturais, que serve para explicar por que o mundo é como é e estabelecer a base lógica das regras pelas quais as pessoas vivem em determinada sociedade. No grego clássico, os mitos eram simplesmente histórias ou tramas, sejam verdadeiras ou falsas; no uso popular atual, os mitos são vistos como o ideal e geralmente entendidos como falsos. *Mito* tem se tornado um termo proeminente para os estudiosos, mas é usado em uma diversidade de maneiras, de forma que se deve tomar cuidado para entender em que sentido está sendo empregado (mitos podem ser, entre outras coisas, arquétipos literários, falácias amplamente arraigadas ou mesmo mundos realísticos ou até imaginários). A extensão na qual pode se dizer que a Bíblia contém mitos depende do sentido preciso atribuído ao termo. Por exemplo, o relato dos “filhos de Deus” casando com as “filhas dos homens” (Gn 6.1-4) é visto por alguns como uma história fascinante de deuses casando-se com humanos, para outros como um relato da realidade profundamente estabelecida do mal no mundo e a capacidade humana de participar desse mal, e ainda por outros, como alusão histórica a antigos reis exercendo o direito da “primeira noite” sobre as mulheres que foram dadas em casamento. Brevard CHILDS argumenta em favor da presença de “mitos falidos” na Bíblia (*Myth and reality in the Old Testament*, 1960 [*Mito e realidade no Antigo Testamento*]) afirmando que a realidade do AT da atividade redentora de Deus está em contradição com o mito no sentido de que, nos mitos, a realidade se encontra no processo da natureza, e não na atividade de um Deus transcendente. Mito pode ser um termo depreciativo quando usa-

do por estudiosos, mas deve-se estar alerta ao sentido que um estudioso em particular atribui ao termo.

Mito e Ritual, Escola do. Grupo de estudiosos caracterizados por abordagem ao AT que busca explicar um texto com base na religião comparativa, especialmente nos padrões fundamentais que permeiam as religiões do antigo Oriente Próximo. Essa escola surgiu pelo interesse e escritos de antropólogos britânicos, mas foi adotada especialmente por estudiosos escandinavos da escola de Uppsala, que levaram adiante as teorias. Esta abordagem vê o CULTO como central no entendimento da maior parte do AT, argumentando que as práticas e perspectivas do culto formam a base dos textos religiosos, mais do que interesses doutrinários ou até mesmo éticos. Dessa forma, os rituais de culto asseguram o bem-estar do povo, e os relatos (MITOS) recitados durante esses rituais revelavam o ímpeto original e geralmente sazonal para o ritual. Por exemplo, Sigmund MOWINCKEL buscou explicar diversos salmos com relação a festivais israelitas específicos (Ano-Novo; ENTRONIZAÇÃO etc.) e não simplesmente com base em suas formas literárias (v. FORMA, CRÍTICA DA). Estudiosos dessa escola sustentam que é possível conseguir um retrato fiel das crenças bíblicas nos ritos e festivais israelitas em relação ao seu meio cultural. (V. tb. HISTÓRIA DA RELIGIÃO, ESCOLA DA.)

Mitra. Antigo deus persa. O mitraísmo, a adoração de Mitra (como o deus sol em sua forma romana), se espalhou rapidamente por todo o Império Romano durante o século I, talvez em virtude de ter sido adotado por muitos soldados romanos.

Mishná. Coleção de material legal judaico baseado nas discussões e interpretações das leis bíblicas pelos rabinos. O termo hebraico *mishnah* significa “estudo” ou “repetição”. Antes de ser transcrito no final do século II d.C., este material existia

em FORMA ORAL. Os rabinos buscavam nele a aplicação das leis bíblicas a um novo ambiente, mais notavelmente em um ambiente em que não havia mais templo e por conseguinte sem sacrifícios. O *Mixná* é o centro de outra tradição rabínica fundamental que está conservada no *TALMUDE*.

Moabita, Pedra. Monumento em comemoração à campanha do rei moabita Mesa contra o rei israelita Onri (v. 2Rs 3). A ESTELA foi descoberta em 1868 e é datada de aproximadamente 835 a.C. A inscrição está em moabita, língua idêntica ao hebraico bíblico do período. A Pedra Moabita fornece aos estudiosos fonte de informação concernente à língua e à história de Israel à parte do texto bíblico e menciona o Deus de Israel, YAHWEH.

monolatria. (V. HENOTEÍSMO.)

Mowinckel, Sigmund (1884-1965). Estudioso escandinavo do NT. Mowinckel é mais conhecido pela aplicação e extensão do MÉTODO FORMAL-CRÍTICO de Herman GUNKEL. Em seu influente livro *The Psalms in Israel's worship [Os Salmos na adoração de Israel]*, Mowinckel refina a classificação das formas literárias dos salmos e apresenta a hipótese que os salmos que falam do reinado de YAHWEH eram parte de festivais de ENTRONIZAÇÃO celebrados a cada ano no culto do antigo Israel. A obra de Mowinckel (e Gunkel) continua a influenciar o atual estudo crítico dos salmos bíblicos, no qual a interpretação é buscada na forma literária (LAMENTO; HINO) e na vida cultural de Israel, e não nos eventos históricos encontrados em muitos dos sobrescritos dos salmos.

Muratório, Cânon. CÓDICE que contém uma lista de 22 livros aceitos pelas igrejas no tempo em que foi escrito. Foi nomeado por L. A. Muratori, que o descobriu em 1740. Estudiosos discordam se essa lista remonta a 200 ou 400 d.C.

N

Nag Hammadi, Biblioteca de. Coleção de documentos de papiros coptas encontrados próximo a Nag Hammadi, cidade do alto Egito. Essa importante coleção de 52 textos em doze códices (existem fragmentos de um 13.º CÓDICE) foi descoberta em um jarro em 1945-1946. Os textos estão datados do século IV, mas são cópias de documentos gregos mais antigos, do segundo século e do início do terceiro. A maioria deles é GNÓSTICA em natureza e, como documentos primários, esclarecem significativamente o movimento religioso conhecido por GNOSTICISMO.

narrativa, crítica da. Abordagem textual bíblica que salienta os aspectos narrativos. A crítica da narrativa está interessada no enredo e caracterização, não na confiabilidade histórica ou teológica de uma passagem. Por exemplo, LUCAS—ATOS é o *relato* de Jesus e da igreja primitiva, e enquanto o relato tem por verdadeiro que certos eventos aconteceram, o que é interessante desse tipo de crítica é a seleção e o esboço desses eventos. Mesmo livros não-narrativos — os proféticos, por exemplo — têm subestrutura em narrativa: a subestrutura de Miquéias é que o Deus da ALIANÇA de Israel agirá na história, trazendo juízo manifesto e finalmente, libertando seu povo. A crítica da narrativa vê a narrativa como fundamental na experiência humana. (V. tb. AUTOR SUGERIDO; LEITOR SUGERIDO; LITERÁRIA, CRÍTICA.)

Nestle, Eberhard (1851-1913). Erudito alemão que é mais conhecido pelo texto crítico *Greek New Testament*, publicado a primeira vez em 1898 e atualmente em sua 27.ª edição.

N^vim. Segunda parte do CÂNON hebraico, os Profetas Anteriores e Posteriores (heb. *n^vim* “profetas”). Os Profetas Ante-

riores incluem Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis. Os Profetas Posteriores incluem Isaías, Jeremias, Ezequiel e os Doze (Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias). (V. tb. *ΤΑΡΑΚ*.)

Nicéia, Concílio de. V. CONCÍLIO DE NICÉIA.

Nicolau de Lira (1270-1349). Intérprete medieval da Bíblia. Estudou hebraico e se familiarizou com os comentários judaicos, particularmente os de RASHI (ele podia citar interpretações judaicas contrárias às dos pais da igreja primitiva). Seu interesse no sentido literal em vez do alegórico muitas vezes o fez receber altas considerações por alguns comentaristas atuais, uma vez que levava em consideração o sentido “místico” de uma passagem quando essa estava fundamentada no literal. Seu comentário das Escrituras foi o primeiro a ser impresso.

noética, aliança. ALIANÇA que Deus fez com Noé (Gn 9), No pensamento judaico, uma vez que a aliança noética foi feita com toda a criação e não exclusivamente com os filhos de Israel, os gentios são responsáveis apenas em seguir as estipulações dessa aliança, e não da aliança mosaica. A aliança noética é muito simples, sem a complexidade e sutileza das alianças mosaica e davídica, já que testifica o compromisso e relacionamento divino ao processo natural e de governo da criação (o arco-íris se tornou o “sinal” da aliança). (V. tb. JERUSALÉM, CONCÍLIO DE.)

nomina sacra. “Nomes sagrados”, em latim. Na cópia de antigos manuscritos do NT, nomes e títulos sagrados, como Deus, Jesus, Cristo e Filho, foram abreviados ou contraídos para economizar espaço e tempo (p. ex, Deus: qeoV = QS; Cristo: CristoV = CS).

Noth, Martin (1902-1968). Estudioso alemão do AT. Noth é afamado pela teoria da HISTÓRIA DEUTERONOMÍSTICA, na qual

Deuteronômio não seria a seção conclusiva do PENTATEUCO, mas um prefácio à história de Israel relatada em Josué, Juízes, 1 e 2Samuel e 1 e 2Reis. Também defendeu a teoria da ANFICTIONIA do sistema de doze tribos de Israel.

Novum Testamentum. Título latino para o NT.

Nunc dimittis. Título latino para a oração de Simeão. O título foi tirado das duas primeiras palavras da tradução latina da oração de Simeão na ocasião da dedicação de Jesus no templo em Lucas 2.29-32: *Nunc dimittis servum tuum Domine* (“Agora, Senhor, despede em paz o teu servo”). É debatido se isto reflete a tradição com respeito às palavras de Simeão ou se é adaptação de hino judaico antigo. (V. tb. *BENEDICTUS*; *MAGNIFICAT*.)

Nuzi, textos de. Textos ACÁDIOS encontrados em Nuzi, no norte do Iraque. Esses textos (descobertos em 1925-1941) têm representado importante papel no estudo comparativo do mundo do AT no segundo milênio a.C. Os textos de Nuzi incluem mais de quatro mil documentos CUNEIFORMES que abrangem questões legais, costumes sociais e MITOS. Algumas das práticas assemelham-se a costumes que encontramos nas narrativas PATRIARCAIS e códigos legais do PENTATEUCO, incluindo práticas de herança e casamento. Esses textos, entretanto, devem ser usados com cautela para qualquer tentativa de estabelecimento de datas para os patriarcas, uma vez que as leis e costumes que os textos apresentam eram parte do ambiente geral do antigo Oriente Próximo que se estenderam até o primeiro milênio em certo grau.

O

Ocidental, texto. Na CRÍTICA TEXTUAL do NT, é o nome dado por Brooke F. WESTCOTT e Fenton J. A. HORT à família de

manuscritos com características textuais similares que tinham uma PROVENIÊNCIA ocidental (p. ex, alguns manuscritos greco-latinos, *Vetus Latina*, e citações dos pais latinos). É conhecido pelas modificações de outras tradições textuais, especialmente as adições ao livro de Atos dos Apóstolos.

***oikoumene*.** Palavra grega usada para o mundo, para terra habitada e para o GÊNERO humano. Do termo derivou-se a palavra *ecumenismo* — o desejo de reunir e unificar o mundo habitado, ou mais especificamente, todos os que crêem em Jesus Cristo (Jo 17.21; 1Co 12.12-20; Ef 4.4-6).

ômega. (V. ALFA E ÔMEGA.)

oráculo de calamidade. Forma de discurso profético que anuncia um juízo iminente. Por exemplo, Amós adverte Israel “Ai de vocês que anseiam pelo dia do SENHOR! Será dia de trevas, não de luz” (5.18).

oráculos contra as nações. Mensagens divinas transmitidas a um profeta para manifestar juízo contra uma nação estrangeira. Por exemplo, o livro de Amós é iniciado com uma série de juízos contra as nações ao redor de Israel e Judá (Am 1.3—2.3; v. Is 13—23; Jr 46—51). Esses oráculos encorajaram e confortaram Judá e testificaram a soberania de Deus “Quanto a você, não tema, servo meu, Jacó [...] Eu o salvarei de um lugar distante”. (Jr 46.27). Observe, entretanto, que Amós encerra seus oráculos contra as nações com palavras estendidas e dirigidas tanto contra Judá quanto contra Israel (Am 2.4-11). Sendo assim, Judá e Israel eram mais culpados do que as outras nações já que tinham sido libertos do Egito por Deus e recebido a TORÁ para guiá-los (Am 2.4,10).

oral, tradição. Relatos, poemas, ensinamentos, declarações e outros que são passados adiante preferivelmente de forma oral em vez de forma escrita. Na Antigüidade, a oralidade era a ferra-

menta predominante para disseminar e preservar a cultura. Mesmo no período helenístico, quando os textos escritos cresceram significativamente, a audição de um texto era grandemente valorizada (p. ex., Rm 10.17). O uso de recursos mnemônicos (de memória), expressões retóricas e estruturas de repetição facilitou a transmissão dessas tradições e a preservação de sua integridade, ainda que a liberdade também era exercida para se adaptar e salientar elementos. A tradição oral tem um benefício que os textos escritos não possuem, uma vez que o orador e a audiência podem responder um ao outro diretamente.

Orígenes (c. 185-254). Pai da igreja primitiva. Foi um dos primeiros e mais influentes membros da ESCOLA ALEXANDRINA. Nasceu no Egito e estudou sob os auspícios de CLEMENTE DE ALEXANDRIA. Orígenes finalmente estabeleceu uma escola em Cesaréia, onde pregou e escreveu proficuamente, ainda que apenas fragmentos de suas obras tenham sobrevivido. Como estudioso bíblico, é afamado pela obra de CRÍTICA TEXTUAL, na qual organizou diversas traduções da Escritura lado a lado em colunas na obra conhecida como a HÉXAPLA. Como comentarista e teólogo, sobressaiu-se na interpretação alegórica das Escrituras. O livro 4 de seu *De principiis* lida com hermenêutica, explicando o uso literal, moral e alegórico das Escrituras.

ossário. Esquife entalhado em pedra calcária ou madeira usado para guardar os ossos (latim *ossuarium*) dos mortos. Alguns desses esquifes receberam inscrições ou decorações, dessa forma provendo indícios de crenças sobre a morte e a vida após a morte. Os ossuários eram usados para um segundo sepultamento após a decomposição da carne do primeiro. Esse costume prevaleceu desde a Era do Ferro (o tempo de monarquia em Israel) até o período do NT.

óstracos. Fragmentos de cerâmica reciclados para a inscrição de anotações, listas e até mesmo breves hinos ou máximas religiosas. Esses fragmentos estendem o entendimento da antiga PALEOGRAFIA, gramática e sintaxe hebraica, e esclarece o tipo de sociedade na qual foram encontrados. Por exemplo, os documentos de Laquis são ostracas que fornecem aos estudiosos vislumbre da situação da língua e da cidade de Laquis logo antes de sua destruição por Nabucodonosor, em 586 a.C.

Oxirrinco, papiros de. Coleção de milhares de antigos fragmentos de PAPIROS do AT e do NT, além de literatura APÓCRIFA e PSEUDOEPÍGRAFA. Os papiros foram descobertos por A. S. Hunt e B. P. Grenfell em Oxirrinco (atual Benesa) no alto Egito em 1897 e 1907. Os fragmentos datam do século II ao VII d.C. e foram escritos em grego, latim, egípcio, copta, hebraico e síriaco.

P

Paixão, Narrativa da. Relato dos evangelhos dos eventos que envolveram o sofrimento e morte (i.e., paixão) de Jesus. A narrativa da Paixão inicia com a trama judaica contra a vida de Jesus durante a Festa dos Pães Asmos e termina com seu sepultamento (Mt 26 e 27; Mc 14 e 15, Lc 22 e 23). Muitos críticos da forma sugerem que as “narrativas da paixão” foram os primeiros relatos da vida de Jesus.

paleografia. Estudo da história e do desenvolvimento da escrita antiga. A paleografia é usada para decifrar e datar antigos textos e é útil para a CRÍTICA TEXTUAL no estabelecimento do tempo e da origem dos textos.

palestino, judaísmo. Tipo de judaísmo localizado dentro das fronteiras da Palestina desenvolvido aproximadamente de 200 a.C.

a 200 d.C. Estudos recentes sobre o judaísmo falam de judaísmos em vez de um judaísmo e têm descoberto que os judeus na Palestina não estavam isolados das idéias helenísticas. (V. tb. JUDEUS, CRISTÃOS.)

palestinos, cristãos. (V. JUDEUS, CRISTÃOS.)

panteísmo. Crença de que Deus e a criação são essencialmente idênticos. A Bíblia retrata Deus como Criador, e dessa forma nega explicitamente o panteísmo, já que Deus está separado da criação (Gn 1).

Papias. Pai da igreja primitiva (c. 70-160 d.C.), bispo de Hierápolis, na Frígia. É lembrado por afirmar que Marcos era “intérprete” (*hermeneutes*) de Pedro e que Mateus compôs “os *logia*” na língua hebraica. (V. LOGION.)

papiro. Palmeira aquática alta que cresce no delta do Nilo no Egito e era usada como material de escrita de mesmo nome. O papiro foi a principal superfície de escrita ao longo de todo o mundo mediterrâneo do século IV a.C. até o século VII d.C. Os primeiros manuscritos gregos do NT foram escritos em papiro. A palavra papel deriva do grego *papyrus* e do latim *papyrus*.

parábola. Forma literária comum encontrada no AT (heb. *mashal*) e no NT (gr. *parabole*). Parábolas são relatos curtos e simples com o fim de comunicar uma verdade espiritual ou uma lição moral pelo uso de exemplos ou comparações da vida diária, como nas parábolas de Jesus nos EVANGELHOS. No AT, *mashal* também abrange ampla variedade de significados, como provérbios, enigmas, ALEGORIAS e símiles. (V. tb. PROVÉRBIOS.)

paradigma. Em estudos bíblicos, o termo refere-se tanto a narrativas modelo quanto a narrativas breves. Abraão, por exemplo, é retratado como um modelo (paradigma) de fé, já que seguiu o chamado de Deus sem questionar ou hesitar (v. Gn

12; 22). Em estudos dos EVANGELHOS, o termo refere-se a breves relatos contados por Jesus para afirmar um princípio ou modelo de ação. Estudiosos também utilizam a frase “mudança de paradigma” para indicar uma troca de modelos de perspectivas. Por exemplo, uma mudança de paradigma tem ocorrido nos estudos bíblicos de formas mais antigas de CRÍTICA LITERÁRIA (p. ex., CRÍTICA DA FONTE) para formas mais novas (p. ex., CRÍTICA DA NARRATIVA ou até mesmo CRÍTICA FEMINISTA). (V. tb. APOTEGMA; PRONUNCIAMENTO, RELATO DE.)

parádosis. Costumes ou crenças que são transmitidas (gr. *paradosis*, “tradição”), como a “tradição dos anciãos” a que os evangelhos se referem (Mt 15.2,3; Mc 7.5,13) ou a “tradição humana” que Paulo contrasta com a revelação de Cristo (Cl 2.8). Paulo valorizava as tradições cristãs que recebeu (*paralambano*) de seus antigos predecessores cristãos e depois “entregou” (*paradidomi*) às suas congregações (1Co 11.23-25; 15.3,4).

paralelismo. Característica de versos paralelos na poesia hebraica. O paralelismo tem o efeito de dizer “o mesmo de outra [forma]” (C. S. Lewis) por meio de pensamento ou imagem no verso inicial ser explicado no(s) verso(s) subsequente(s). No século XVIII, Robert Lowth identificou três formas de paralelismo: sinônimo, em que o segundo verso reproduz o primeiro; antitético, em que o segundo verso está em contraste com o primeiro; e sintético, em que o segundo verso amplia o pensamento do primeiro. A poesia hebraica é ilusoriamente de tradução fácil em virtude do caráter paralelístico, já que as várias formas de equacionar um verso ao outro podem funcionar no nível sonoro, da forma e até mesmo da estrutura gramatical. Estudos recentes têm salientado mais a sutileza da comparação estabelecida entre os versos e a necessidade de considerar todos os aspectos lingüísticos, do que apenas o conteúdo que está em paralelo. Por exemplo, Jó

5.14 apresenta: “As trevas vêm sobre eles em pleno dia; ao meio-dia, eles tateiam como se fosse noite”. “Dia” e “noite” são um par de palavras de contraste comum, e aqui ocupam a mesma posição no hebraico (primeiro e não por último, como apresentado). Contudo, os outros pares de palavras “dia” e “meio-dia”, “trevas” e “noite” — ocupam posições opostas, mas têm significado similar (os verbos, de fato, ocupam a posição central em cada verso, e cada verso é composto de apenas três palavras hebraicas). O poema inicia com “dia” e termina com “meio-dia”, mas entre eles estão as “trevas” e “noite”. Dessa forma, o poema foi construído de forma compacta e artística ao redor de imagens similares e de contraste que estão em paralelo uma com as outras.

parataxe. Sentenças ou frases unidas sem relacionamentos de subordinação. Parataxe é uma construção característica da narrativa hebraica, na qual as ações estão ligadas com um simples “e” (heb. *waw*). Por exemplo, Jonas 1.3 literalmente apresenta: “E Jonas se dispôs [...] e tendo descido [...] e achou [...] e pagou [...] e embarcou”. A mesma construção pode ser observada no evangelho de Marcos, que emprega uma parataxe com *kai* (p. ex. Mc 14.37). Parataxe também é usada para descrever o estilo narrativo que Marcos emprega, no qual PERÍCOPEs são justapostas lado a lado sem conexão imediata aparente, ainda que uma leitura cuidadosa as possa discernir.

parênese. Termo técnico que se refere aos vários tipos de exortações ou admoestações. No estudo do NT, o termo geralmente se aplica às exortações morais e éticas dadas aos crentes. Em diversas ocorrências, Paulo simplesmente refere-se a instruções ou ensinamentos transmitidos sem nenhuma indicação de seu conteúdo (1Co 11.2; Fp 4.9; Cl 2.6,7; 1 Ts 4.2; 2Ts 2.15; 3.6). Mas em outros lugares, existem longas seções PARENÉTICAS de acordo com as necessidades da congregação.

No estudo do AT é usada para a abordagem sermônica de Crônicas e os oráculos dos profetas.

parente remidor. (V. LEVIRATO, CASAMENTO DE.)

pergaminho. Também chamado de velino; couro de caprinos, carneiros ou outros animais especialmente preparados para uso como superfície de escrita. Os pergaminhos foram usados já no século II a.C. Os mais completos manuscritos do NT que sobreviveram foram escritos em pergaminho.

parúsia. Transliteração do grego *parousia*, que significa “vinda, chegada” e refere-se caracteristicamente à segunda vinda e a presença (*pareimi*) de Cristo e o fim dos tempos (1Co 16.22; Ap 22.7, 12, 20). (V. tb. ESCATOLOGIA.)

Pastorais, Epístolas. Termo coletivo para 1 e 2 Timóteo e Tito. Já que no século XVIII estas cartas foram chamadas Epístolas (ou Cartas) Pastorais em virtude da natureza pastoral dos conselhos dados a Timóteo e Tito, ambos líderes de igrejas paulinas que lidavam com questões como liderança, ordem na igreja, falsos ensinamentos e a conduta moral dos crentes.

patriarcal, história. Relatos de Gênesis 12—50 que narram a vida dos patriarcas e matriarcas de Israel. Esses relatos poderiam ser melhor nomeados como “narrativas” mais do que como “histórias”, já que muitos dos eventos envolvem experiências pessoais com Deus e vida familiar, em vez de eventos “políticos” que estariam relatados nos anais dos povos ao redor.

patrística, era. Tempo dos pais da igreja, aproximadamente de Clemente de Roma até BEDA (c. 100-750 d.C.). Os escritos desses teólogos têm sido considerados por muito tempo como autoridade pela igreja. Foi somente na Reforma, especialmente com o surgimento dos estudos críticos no século XVIII, que esses escritos foram seriamente desafiados. A interpretação patrística é caracterizada por ver a Escritura como uma

pessoa, com um corpo e uma alma. O “corpo” são as palavras do próprio texto, o sentido literal (*SENSUS LITERALIS*) e a “alma” são o “sentido espiritual” das palavras, o sentido moral e místico (*SENSUS PLENIOR*).

Paulina, Escola. Grupo hipotético de associados e seguidores de Paulo. Os proponentes da hipótese DEUTEROPAULINA sugerem que durante a vida de Paulo — e até mesmo depois de sua morte — alguns de seus colaboradores mais próximos (p. ex. Lucas, Timóteo, Tíquico, Onésimo) poderiam ter formado algum tipo de escola teológica na qual a teologia e o legado de Paulo seriam discutidos em grande extensão. Éfeso é geralmente o local proposto como sua mais provável localização, em virtude de Paulo ter passado três anos ensinando ali (At 19.8-10; 20.31) e por ser a cidade onde Timóteo estava trabalhando quando 1 e 2 Timóteo foram escritas.

Paulinas, homologoumena. Cartas de Paulo reconhecidas uniformemente por Escritura nos primeiros séculos da igreja. *Homologoumena* é uma forma da palavra grega *homologeō*, “confessar, professar”. Eusébio usou o termo *HOMOLOGOUMENA* para todos os livros do NT que considerava reconhecidos como Escritura pela igreja em seus dias. O termo algumas vezes aparece em discussões do CÂNON do NT.

Paulinismo. Expressão ou formulação teológica característica do apóstolo Paulo.

Paulinista. Pessoa que deu continuidade ao legado de Paulo. Os livros considerados DEUTEROPAULINOS são com freqüência atribuídos a um paulinista, alguém familiarizado com a teologia e os escritos paulinos (PAULINISMO) e dessa forma continuariam a herança paulina. (V. PAULINA, ESCOLA.)

pax romana. Literalmente “paz romana”. A *pax romana* descreve a condição política de paz no Império Romano desde o tempo de César Augusto até meados do século II d.C.

Pentateuco. Primeiros cinco livros da Bíblia: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. (V. tb. TORÁ e TAMAK.)

perícope. Termo técnico para uma seção ou unidade literária curta que mantém a integridade mesmo quando “retirada” ou “separada” (gr. *perikopto*) de uma narrativa mais extensa. Com frequência, a perícope é o foco de EXEGESE. Em alguns casos, refere-se às unidades básicas dos EVANGELHOS que relacionam uma declaração ou ação de Jesus e ela provavelmente circulou separadamente na igreja primitiva antes dos evangelistas incorporarem-nas às narrativas maiores.

peshat. Termo hebraico para o significado “manifesto” de uma passagem. *Peshat* contrasta com *DERASHI*, o significado homilético. *Peshat* e *derash* correspondem aproximadamente ao sentido literal e espiritual da Escritura na interpretação cristã. O *peshat* foi desenvolvido especialmente pelo grande comentarista judeu da época medieval RASHI, que também influenciou subsequentemente a interpretação cristã da Bíblia. *Peshat* e *derash*, mesmo sendo diferentes em sentido e conteúdo, foram com frequência empregados lado a lado e não devem ser considerados opostos, mas com diferentes propósitos na tarefa da interpretação. (V. tb. *SENSUS LITERALIS; SENSUS PLENIOR.*)

peshet. Da palavra hebraica que significa “interpretação”, é um estilo de comentário encontrado especialmente nos ROLOS DO MAR MORTO, nos quais um versículo das Escrituras é interpretado com referência à própria época e situação do intérprete, que geralmente são vistas como os últimos dias. Por exemplo, o comentário de Habacuque 1.4 encontrado em QUMRAN salientava o Ímpio Sacerdote e o Mestre da Justiça, duas proeminentes figuras na comunidade. Também encontramos exemplos de *peshet* no NT. Por exemplo, em Atos 2.16-20 Pedro diz que o que estava acontecendo com o milagre do

“falar em línguas” foi o que Joel tinha dito séculos antes (Jl 2.28-32; V. tb. At 4.11 = Sl 118.22; Ef 5.31 = Gn 2.24).

Peshita. Tradução siríaca da Bíblia (literalmente, “versão simples”). A *Peshita* foi fortemente influenciada pela *SEPTUAGINTA* e pelo *TARGUMS*. A data da *Peshita* poderia ser já do século II d.C., mesmo que pareça provável que a tradução tenha se estendido por um período de tempo e foi realizada por vários tradutores. Contudo, as influências da *Septuaginta* e dos *Targum*s complicam o estabelecimento de uma data. Discordâncias como se os tradutores eram cristãos ou judeus continuam. Uma vez que o texto reflete um hebraico original muito próximo ao *TEXTO MASSORÉTICO*, a *Peshita* contribui em grande proporção tanto em como uma passagem era entendida pela comunidade, quanto para o conhecimento a respeito da transmissão textual da Bíblia. (V. tb. TEXTUAL, CRÍTICA.)

Pirê avôt. Coleção de máximas da *MISHNÁ* que salientam a inteligência e sabedoria dos sábios (o termo hebraico significa “ditos/ ética dos pais”). Também apresenta uma cadeia de autoridade de Moisés até os profetas, e dos profetas até os homens da GRANDE SINAGOGA. O livro era uma leitura popular no sábado e é usado pelos judeus atualmente para a instrução geral. Uma declaração famosa de Hillel, um rabino do século I: “Se eu não for por mim mesmo, quem será por mim? E quando eu sou por mim mesmo, o que sou eu? E se não agora, quando?”.

platonismo. Sistema filosófico baseado na obra do filósofo ateniense Platão. O movimento filosófico chamado platonismo iniciou-se de fato com a Academia que Platão estabeleceu em 387 a.C. e com os pupilos que o sucederam após sua morte em 347 a.C. Apesar do platonismo incluir doutrinas de metafísica, lógica e ética, sua influência ao pensamento ocidental inclui também o conceito de “formas” e imortalidade.

Platão ensinou que qualquer coisa criada é cópia imperfeita de uma forma eterna e transcendente, a mais elevada forma “do Bem”. Apenas após a libertação da alma do corpo na morte será possível contemplar a verdade em sua forma mais pura.

pleroma. Termo grego traduzido por “plenitude” ou “perfeição”. É usado no NT para referir-se à plenitude dos tempos, o tempo certo (Gl 4.4, Ef 1.10), a “completa inclusão” dos judeus (Rm 11.12) e gentios (Rm 11.25), a totalidade do ser de “Deus” e de “Cristo” (Ef 3.19; 4.13; Cl 1.19; 2.9), assim como a igreja (Ef 1.23). Alguns estudiosos acreditam que este era um termo técnico do cristianismo GNÓSTICO.

Plínio, o Jovem (c. 61/62-113 d.C.). Administrador da província romana da Bitínia durante o governo do imperador romano Trajano (98-117 d.C.). Sua correspondência com Trajano é relevante para os estudos do NT em virtude da descrição de crentes em sua área como um tipo de seita supersticiosa que se encontrava regularmente para adoração (*Ep.* 10.96).

preâmbulo. Abertura de uma carta, que inclui o nome do remetente e do destinatário assim como uma saudação. Muitas das cartas paulinas iniciam dessa forma, por exemplo, Colossenses 1.1,2: “Paulo, apóstolo de Cristo Jesus, pela vontade de Deus, e o irmão Timóteo, aos santos e fiéis irmãos em Cristo que estão em Colossos: A vocês, graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jeus Cristo”.

preexistência. Na cristologia do NT, é a idéia de que Cristo tinha existência divina antes de sua encarnação. Em algumas tradições judaicas, encontramos a crença que a sabedoria divina estava ativa antes da criação (Jó 28.20-27; Pv 8.22-31). Na filosofia PLATÔNICA grega, encontramos a idéia de que a alma existia antes de sua habitação corporal. Nos estudos do NT e na teologia, a preexistência geralmente refere-se à crença que

o Filho de Deus, a segunda pessoa da Trindade, existia eternamente nos céus com Deus Pai antes da encarnação como Jesus de Nazaré. Mesmo que a palavra preexistência não ocorra no NT, o conceito é deduzido de diversos textos (Jo 1.1,14; 3.13; 6.38, 62; 10.30; 1Co 8.6; Fp 2.6; Cl 1.15; Hb 1.1,2).

primeva, história. Relatos apresentados em Gênesis 1—11 que narram as origens e a história inicial da humanidade — criação, Noé e a torre de Babel — levando aos relatos dos PATRIARCAS.

Profetas Anteriores. (V. *Nvîîm.*)

Profetas, Anteriores e Posteriores. A segunda seção do CÂNON hebraico, *Nvîîm*. (V. tb. *TANAK.*)

Profetas Posteriores. (V. *Nvîîm.*)

Prometida, Terra. A terra de CANAÃ. Usada especialmente no pensamento judaico para salientar a ligação das promessas divinas aos patriarcas (v. Gn 12.1).

pronunciamento, relato de. Na CRÍTICA DA FORMA DOS EVANGELHOS, é o nome dado por Vincent Taylor aos breves relatos ou narrativas contadas por Jesus com o objetivo de fazer “pronunciamento” de algum tipo. Um bom exemplo é a questão a respeito do pagamento de tributos a César (Mc 12.13-17), em que o relato emoldura o pronunciamento: “Dêem a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus” (12.17).

prosélito. Pessoa que se torna convertido a outra doutrina religiosa e membro dessa comunidade. Muitas leis do AT reconhecem os direitos e privilégios dos “forasteiros” ou “estrangeiros residentes” dentro do judaísmo, mesmo que não esteja claro se esses grupos eram considerados judeus “completos” ou “plenos”. Materiais RABÍNICOS posteriores (*MIXNA*) descrevem um processo de conversão que requer o estudo da lei, circuncisão para os homens, batismo por imersão e o sacrifício.

Existem diversas referências a prosélitos (*proselytos*) no NT (v. At 2.11; 6.5; 13.43). Os prosélitos devem ser diferenciados dos então chamados gentios tementes a Deus (*theosebes*) que eram atraídos ao judaísmo (provavelmente em virtude do monoteísmo e altos padrões éticos) mas que não se tornaram adeptos da totalidade da fé e vida judaica (v. “adoradores de Deus”, At 16.14; 18.7). Judeus e pagãos convertidos ao cristianismo deveriam crer em Jesus Cristo e ser batizados “em nome de Jesus Cristo” (At 2.38).

proto-evangelho. A primeira, ou mais antiga, declaração do EVANGELHO (gr. *protos*, “primeiro”) em Gênesis 3.15, em que Deus repreende a serpente por meio da predição de que o descendente de Eva iria esmagar a descendência do mal. Desde o século II esse versículo tem sido visto tradicionalmente como o primeiro vislumbre do evangelho de que o propósito de Deus na criação seria cumprido apesar da queda da humanidade.

proto-Lucas. Na HIPÓTESE DAS QUATRO FONTES proposta por B. H. Streeter, proto-Lucas é um documento hipotético que Streeter acreditava ter sido composto do material Q e L apenas, e que existia antes da versão corrente do Evangelho de Lucas.

proto-Mateus. Versão hipotética de Mateus que alguns estudiosos pensam ter existido antes do evangelho CANÔNICO de Mateus. Não é, necessariamente, o suposto original aramaico que está por trás de nossa versão grega.

proveniência. Lugar de origem de um documento. Por exemplo, alguns estudiosos alegam a procedência palestina ou síria do quarto EVANGELHO; outros optam pela Ásia Menor.

provérbio. Dito popular breve, que resume um dito de sabedoria sobre alguma experiência humana comum: “Um centa-

vo economizado é um centavo ganho”. Os provérbios com freqüência parecem ser lugar comum ou mesmo enfadonhos, mas ao começar a considerá-los “pequenos poemas” e imaginar o “relato” que está sendo retratado no provérbio, podem se tornar poderosos e esclarecedores. Os provérbios bíblicos — algumas vezes chamados de epigramas ou AFORISMOS, já que são com freqüência refinados e diretos (espirituosos ou satíricos) — são planejados como instruções para a “arte de viver bem” e convidam o leitor a olhar o mundo por uma perspectiva de fé distinta: o “temor do SENHOR”. Por exemplo, Provérbios 26.9 apresenta: “Como ramo de espinhos nas mãos do bêbado, assim é o provérbio na boca do insensato”. O que está sendo ilustrado é um fanfarrão bêbado com um arbusto espinhoso como espada — assim é a palavra sábia nas mãos do tolo! Os provérbios exigem tanto habilidade quanto discernimento para descobrir a arte de viver bem (v. Pv 1.2-7 e 1—9 de forma geral). No NT, observe Mateus 6.21 (“porque onde está o seu tesouro, aí estará também o seu coração”) e 26.52 (“Pois todos os que empunham a espada, pela espada morrerão”). (V. tb. *MASHAL*; PARALELISMO.)

pseudepígrafos. Coleção de antigos escritos judaicos e helenísticos que foram transcritos durante o período intertestamentário mas que não fazem parte do AT canônico ou dos APÓCRIFOS (v. James Charlesworth, org., *The Old Testament Pseudepigrapha* [*Pseudepígrafe do Antigo Testamento*], 2 vols.). Essa coleção inclui vários tipos de literatura, algumas atribuídas a personagens bíblicos, como Enoque, Esdras, Baruque, Elias, Abraão, Isaque e Jacó, mas que na realidade são pseudônimos.

pseudônimo. Alegação falsa (gr. *pseudos*) de autoria de uma obra literária, e na literatura judaica geralmente é um grande personagem do passado distante. A Sabedoria de Salomão passa por como tendo sido escrito por Salomão, mas evidênci-

as sugerem que foi um judeu que falava grego que escreveu muitos séculos após Salomão. Os diversos livros de Enoque alegam ter sido escritos pelo antigo e enigmático personagem de mesmo nome (Gn 5.21-24). A prática de escrever pseudonimamente era comum na Antigüidade, e muitos estudiosos argumentam que certos livros do NT (p. ex. Efésios) são pseudônimos. (V. tb. DEUTEROPAULINOS.)

Q

Q, fonte. documento hipotético que consiste em uma coleção de declarações de Jesus. Q é uma abreviatura do alemão *Quelle*, “fonte”. Na HIPÓTESE DAS DUAS FONTES do PROBLEMA SINÓPTICO, Q responde pelas declarações de Jesus que são comuns a Mateus e Lucas, mas que não são encontradas em Marcos (aproximadamente 230 versículos). Não existe acordo geral entre os estudiosos sobre a origem, data e PROVENIÊNCIA ou perspectiva teológica de Q.

qal weahomer. Regra de interpretação RABÍNICA que afirma que o que é verdadeiro em um caso de menor importância é ainda mais verdadeiro em um caso de maior importância. Esta é uma formulação rabínica do ditado latino *a minori ad maius* “do menor para o maior”.

qinah. Termo hebraico para lamento usado para métricas 3:2 encontradas algumas vezes nos lamentos bíblicos. Nesses lamentos o primeiro dos versos paralelos (v. PARALELISMO) é mais longo, com três tônicas, enquanto o segundo verso tem apenas duas. Este padrão dá ao verso um sentimento de ser aritmado. Existe um problema na identificação desse padrão métrico: também encontramos lamentos que, na verdade, têm um padrão 3:3 em vez do mais comum 3:2. Muitos estu-

diosos questionam a existência de métrica na poesia hebraica em virtude dos muitos problemas e divergências de identificação métrica.

***Kohélet*.** Termo hebraico que significa “pregador” (também grafado *Koheleth*) e é o nome hebraico para o livro de Eclesiastes.

Quarta Filosofia. Nome atribuído por Josefo à “seita da filosofia judaica”. Josefo, no contexto de descrição das três seitas judaicas proeminentes — fariseus, saduceus e essênios — fala de uma “quarta filosofia” que se originou com Judas Galileu (*Antigüidades dos judaicas* 18.1.6, §§23-25). Alguns estudiosos consideram que ele usa Quarta Filosofia para se referir aos zelotes. Outros sugerem que provavelmente se refere ao grupo dos fariseus que defendiam a resistência à opressão e controle estrangeiro por meio da obediência à *TORÁ* em vez da revolta armada.

quiasmo. Derivado da letra grega *chi* (que é transcrita de forma parecida com o X), é o artifício retórico no qual os versos paralelos de um texto estão dispostos em padrão de X, como A-B-C-B'-A' (nesse caso o centro do quiasmo é C, e em cada parte o verso A corresponde ao verso A' e assim por diante). Por exemplo, um padrão “quiástico” (sem o elemento C) pode ser observado em Marcos 2.27 e demonstrado da seguinte forma:

A: o sábado foi feito

B: para o homem

B': e não o homem

A': para o sábado

O padrão pode ser tão simples como neste versículo, ou mais elaborado como em um poema, parábola ou livro inteiros. Ao usar esse artifício, o autor pode mostrar progressão de

pensamento e intensificação de significado. Quiasmo é uma forma de “disposição” de palavras e temas.

Qumran. Local ao norte da costa do mar Morto cujas ruínas estão associadas aos rolos descobertos em 1947 por pastores em busca de suas ovelhas. A antiga comunidade que viveu em Qumran produziu muitos dos ROLOS DO MAR MORTO. (V. tb. ESSÊNIOS.)

R

rabínico, judaísmo. Sábios judaicos (“rabino” = “mestre”) representados na *MIXNÁ*, *TALMUDE* e tradições de MIDRAXE que foram coletadas e transcritas nos primeiros séculos da era cristã, assim como as crenças e práticas que foram definidas por esses escritos. As origens desses rabinos podem datar do período persa (séc. V a.C.) com o surgimento dos escribas, mas sua condição de autoridade não emergiu até a destruição de Jerusalém no século I d.C. e a radical reorientação da vida judaica que se seguiu após as ausências da adoração no templo e da hierarquia política e sacerdotal.

Rad, Gerhard von (1901-1971). Estudioso alemão do NT. A habilidade de Von Rad em combinar a pesquisa acadêmica, fé vibrante e bela oratória fizeram dele um dos mais amplamente lidos e respeitados teólogos do AT do século XX. É afamado pelo comentário de Gênesis e pela obra de dois volumes (*Old Testament theology*) [*Teologia do Antigo Testamento*], na qual salienta a vitalidade das diferentes tradições para serem ouvidas e postas em práticas como palavra de YAHWEH para cada nova geração. Diferentemente de Walter EICHRDT, Von Rad delineou sua teologia do AT mais ao redor da história das tradições

do que de um tema central. A importância do CULTO na formação das crenças e das afirmações confessionais na transmissão de fé foi de interesse primário para Von Rad.

Ras Shamra, textos. (V. UGARÍTICOS.)

Rashi (1040-1105). O rabino Solomon ben Isaac (Rashi) é o mais famoso intérprete judaico da Bíblia. Seus comentários criteriosos e estilo elegante o fizeram ganhar renome entre os comentaristas cristãos. Influenciou grandemente todos os tradutores subsequentes da Bíblia. Seu comentário sobre a TORÁ foi o primeiro a ser impresso em hebraico (1475).

realizada, escatologia. É a idéia de que o reino de Deus no ensino de Jesus não é futuro, mas foi “realizado” na pessoa e missão de Jesus. O termo é atribuído a Charles H. DODD, que desenvolveu esse entendimento particularmente em sua obra acadêmica sobre as parábolas. A maioria dos intérpretes tem criticado a posição de Dodd como muito extrema, argumentando que mesmo que o reino de Deus esteja presente na vida e ministério de Jesus, todavia, aponta para uma consumação final e futura do reino; em outras palavras, o reino é tanto “já quanto ainda não”. (V. tb. ESCATOLOGIA; PARÚSIA.)

recensão. Exame de uma edição mais antiga de um documento. O termo é usado especialmente na CRÍTICA TEXTUAL do AT e do NT, mas por vezes é usado por críticos literários para falar dos estágios de transmissão de um texto. Tecnicamente, todos os manuscritos são recensões dos AUTÓGRAFOS originais.

redação, crítica da. Abordagem a um texto que busca revelar como os autores ou editores selecionaram, ajustaram e adaptaram as fontes na composição de uma obra. Esta abordagem geralmente focaliza em unidades literárias maiores em vez de versículos individuais e com freqüência vê os editores dos livros bíblicos mais como compiladores do que autores em

suas próprias alegações. No caso dos EVANGELHOS, a crítica da redação pode ser muito útil em mostrar, por exemplo, como Mateus usou Marcos e quais propósitos tinha em mente, desde que possamos distribuir os dois textos lado a lado e usar Lucas como ponto de comparação posterior. A crítica da redação também busca revelar as intenções de pontos de vista dos livros ou mesmo de uma série deles (p. ex., LUCAS—ATOS; HISTÓRIA DEUTERONOMÍSTICA). (V. tb. TENDÊNCIA, CRÍTICA DA.)

Redaktionsgeschichte. (V. REDAÇÃO, CRÍTICA DA.)

redator. Pessoa que escreve ou adapta fontes literárias na composição de uma obra literária. (V. tb. REDAÇÃO, CRÍTICA DA.)

Regulamento da Comunidade. Documento que registra as crenças e regras da comunidade de QUMRAN. O *Regulamento da comunidade* (IQS), chamado previamente *Manual de disciplina*, é um dos documentos mais conhecidos dos ROLOS DO MAR MORTO e é uma valiosa fonte para o entendimento do sistema de crenças de uma das diversas seitas do período neotestamentário.

Reimarus, Hermann Samuel (1694-1768). Erudito iluminista alemão. Foi citado por Albert Schweitzer por iniciar a BUSCA DO JESUS HISTÓRICO. Reimarus abraçou o deísmo inglês e escreveu muitos ataques racionalistas pungentes à ortodoxia e à fé cristã. A maioria de seus manuscritos permaneceu não-publicada até que Gotthold E. Lessing os coletou e publicou como *The Wolfenbüttel Fragments* [*Fragmentos de Wolfenbüttel*].

Reino de Deus. O domínio de Deus sobre o povo de Deus e sobre toda a natureza criada. Durante o período do segundo templo, os judeus pensavam acerca do reino de Deus focalizando em Deus se tornar o Rei e defendendo a nação judaica pela derrota dos inimigos e introdução de um período de paz. O reino de Deus foi o foco principal do ensino de Jesus (Mt 6.33; Mc 1.5; Lc 6.20), em que o reino é apresentado na pes-

soa e ensino de Jesus (Lc 10.9; 17.21) mesmo que aguarde a consumação futura (Lc 13.29; 22.18).

Religionsgeschichtliche Schule. (V. HISTÓRIA DA RELIGIÃO, ESCOLA.)

remanescente. Restante íntegro do povo de Deus que sobreviveu ao juízo ou catástrofe. Remanescente é o tema principal que percorre todo o AT e o NT e é encontrado na literatura judaica extrabíblica assim como na literatura do antigo Oriente Próximo. O tema pode referir-se à preservação da vida das ameaças de morte (p. ex. fogo ou fome), à preservação dos fiéis em meio à apostasia (1Rs 19.14-18; Rm 11.1-6) e à salvação do verdadeiro povo de Deus, mesmo em face de temores, ameaças ou conflitos. Assim, quando Deus julga Israel, ele salva o remanescente (Is 10.20,21; Sf 3.12,13), que é a base da esperança.

retórica, crítica. Abordagem textual bíblica que se interessa pela forma como a linguagem é usada em um texto para persuadir uma audiência. Estilo, estrutura e figuras de linguagem têm efeito sobre a audiência ou sobre o leitor do texto, e a crítica retórica focaliza em como essas “retóricas” funcionam em vez de focalizar no ambiente histórico de uma narrativa ou de um poema. No AT, esta abordagem tem obtido sucesso em narrativas em que *LEITWORT* ou *LEITMOTIV* (“palavra-guia”, “tema-guia”) ocorre periodicamente por todo o relato e é usada em diversas formas (p. ex., o termo “irmão” ocorre sete vezes em pequenas passagens com respeito a Caim e Abel para salientar a perturbadora animosidade dos dois). É também particularmente útil em poesia, na qual a seleção consciente e inconsciente de palavras e imagens — e a rejeição de palavras ou imagens alternativas — cria uma impressão no leitor. Por exemplo, Miquéias 2,6-11 usa várias formas da palavra bebida para atingir os que zombam do profeta e o acusam de beber/ profetizar: os zombadores que profetizaram

pelo vinho vão “embriagar” o povo (Mtq 2.11). Nos estudos do NT, diversos estudiosos têm tentado interpretar as cartas do NT de acordo com antigas categorias de retórica. Estas geralmente incluem: 1) introdução (*exordium*); 2) narração (*narratio*); 3) proposição (*propositio*); 4) confirmação (*probatio*); 5) refutação (*refutatio*); e 6) conclusão (*peroratio*). A crítica da retórica focaliza o efeito das palavras de uma passagem em uma audiência, ou seja, como essa passagem foi planejada para persuadir sua audiência para um ponto de vista particular.

rolos do mar Morto. Coleção de aproximadamente 850 manuscritos judaicos (a maioria fragmentada) descobertos por pastores em 1947 em cavernas próximas à costa do mar Morto. Estes rolos representam todos os livros bíblicos, com exceção de Ester, assim como muitos não-bíblicos, incluindo comentários e paráfrases de livros bíblicos, e obras litúrgicas e ESCATOLÓGICAS. Os rolos têm ajudado os estudiosos no estabelecimento do texto bíblico hebraico como era séculos antes do texto Massorético, que era anteriormente o manuscrito disponível mais antigo (v. MASSORETAS, CRÍTICA TEXTUAL). Com igual importância, os rolos têm trazido luz ao judaísmo e cristianismo primitivos ao desvendar o pensamento e a prática de um grupo específico dentre a diversidade de perspectivas que existiam dentro do judaísmo naquele tempo. As comunidades que preservaram esses textos eram ascéticas com respeito às leis de pureza e escatológicas com respeito à história e o governo de Deus. (V. tb. ESSÊNIOS; QUMRAN.)

S

sacerdotal, bênção (Números 6.24-26). Texto no qual o Senhor instrui Moisés (e os sacerdotes) a abençoar o povo.

sacerdotal, fonte. De acordo com a HIPÓTESE DOCUMENTAL, é a designação da fonte do Pentateuco que reflete as tradições e as perspectivas teológicas dos sacerdotes. Designada P ([do inglês *Priestly source*]), esta fonte inicia com a criação do mundo (Gn 1) e se estende até Josué. Datar a fonte sacerdotal tem sido [uma tarefa] difícil, e em anos recentes alguns estudiosos têm postulado uma fonte H ([do inglês *Holiness*, “santidade”]), que se alega ser responsável pelo desenvolvimento posterior dos interesses sacerdotais, dessa forma contribuindo para pontos de vista amplamente divergentes sobre a data de P para o século VIII ou VI. A característica de P é a crença em um único Deus, sem oposição de qualquer outros poderes divinos ou demoníacos. Qualquer “ameaça” a Deus vem de humanos, que, recebendo o livre-arbítrio, desafiam a Deus por meio de pecados morais e rituais. Essa ameaça à santidade pode até mesmo mover Deus de seu templo. No sistema simbólico da santidade, Israel escolhe a vida ou a morte e por meio disso escolhe agir a favor ou contra Deus. A restauração é possível por meio do sistema ritual, dessa forma restaurando a pessoa à comunidade e a comunidade a Deus. (V. tb. CRÍTICA DA FONTE.)

Sachkritik, Sachexegese. Crítica do conteúdo ou da substância. Ambos os termos derivam do substantivo alemão *Sache*, que significa “coisa, objeto ou substância de matéria”. O termo é geralmente traduzido por “crítica do conteúdo” ou “exegese teológica”. Neste sentido, a interpretação ou exegese de um texto é determinada pelo entendimento da intenção real ou por sua lógica interna (*Sache*). Estudiosos têm observado que este processo de interpretação cria um ciclo hermenêutico no qual as partes do texto são interpretadas à luz do todo, e o todo à luz das partes. Um problema surge, entretanto, quando os estudiosos descartam aspectos de um texto que são considerados contrários à verdadeira intenção do texto.

sacrilégio terrível. A expressão extraída da profecia de Daniel (v. Dn 11.31; 12.11) na qual o profeta afirma que o templo seria usado para algum tipo de ato abominável e repulsivo no futuro. Alguns estudiosos sugerem que isso seja referência à contaminação do templo por Antíoco Epifânio em 167 a.C., sacrificando uma porca no altar (*1Macabeus* 1.54); outros sustentam que se refere à destruição do templo em 70 d.C. (v. Mt 24.15,16; Mc 13.14); alguns afirmam que o “sacrilégio” ainda não foi realizado, mas foi predito em 2 Tessalonicenses 2.3,4, na qual, na rebelião vindoura, os “sem-lei” assumirão o papel divino no templo — o ato final de sacrilégio que marca o início do fim dos tempos.

saga. GÊNERO narrativo que é episódico e focaliza mais a história familiar ou um herói do passado que a história política. A saga deriva da TRADIÇÃO ORAL e tem pouca descrição do contexto anterior, mas trata o relato amplamente em termos das ações dos personagens. AS NARRATIVAS PATRIARCAIS (Gn 12—36) são exemplo de sagas, ou narrativas familiares. (V. LENDA; ETIOLOGIA.)

salmos de gratidão. (V. HINO.)

salmos de queixas. (V. LAMENTO, SALMOS DE.)

Saltério. Coleção completa dos salmos. O Saltério é dividido em cinco livros: 1—41 (Livro I); 42—72 (Livro II); 73—89 (Livro III); 90—106 (Livro IV); e 107—150 (Livro V).

salvação, história da. História da redenção; plano divino para a salvação na história. É a tradução do termo alemão *Heilsgeschichte*, que não se refere a uma metodologia, mas ao princípio teológico de ver as Escrituras como o relato do progresso da obra redentora de Deus na história. Difere, por exemplo, de olhar as Escrituras como uma série de textos-prova para a elaboração de uma doutrina ou uma tentativa de

discernir criticamente a história “verdadeira” dos eventos “reais” (*HISTORIE*) por trás da história da salvação. (V. tb. *BÍBLICA, MOVIMENTO DA TEOLOGIA; CULLMANN, OSCAR.*)

samaritano, Pentateuco. Tipo de *PENTATEUCO* desenvolvido aproximadamente em 100 a.C. pela comunidade samaritana. Os samaritanos (que romperam com os judeus algum tempo antes do período do NT) jamais aceitaram os *PROFETAS* e *ESCRITOS* como Escritura da mesma forma que os judeus o fizeram. Existem milhares de diferenças entre o Pentateuco samaritano e o Pentateuco judaico, mas a maioria delas apresenta questões de gramática ou de formação das palavras. O relacionamento entre os dois textos é debatido e inclui questões de como o texto hebraico foi transmitido e o complexo relacionamento entre os diversos “judaísmos” do período do NT. Interessantemente, o tipo de “inscrição textual” do Pentateuco samaritano foi encontrado entre os manuscritos bíblicos descobertos em QUMRAN. (V. tb. *TEXTUAL, CRÍTICA.*)

sapienciais, salmos. Poemas escritos com propósitos educativos, com características de *LITERATURA SAPIENCIAL*. A maioria dos *CRÍTICOS DA FORMA* reconhece que nem todos os poemas no Saltério advêm de ambientes *CULTUAIS*; alguns vêm da tradição sapiencial e são usados primariamente para *PROPÓSITOS DIDÁTICOS*. Por exemplo, o salmo 1 não segue a forma de *LAMENTO* nem de *HINO*, mas adverte seus leitores a “deleitar-se” no estudo da *TORÁ*, a instrução de Deus. Existe também ênfase na doutrina dos *DOIS CAMINHOS* — a vereda e o resultado dos justos e ímpios.

sapiencial, cristologia. Identificação de Jesus com a Sabedoria divina personificada em certos textos judaicos e do AT (p. ex., Jô 28; Pv 1.20-23; 8.1-36; Sabedoria 7.7—9.18; Eclesiástico 24). Mateus parece ser o primeiro escritor do evangelho a identificar Jesus desta forma (11.16-19,25-27; 12.42; 23.34-39). João

apresenta Jesus como o Verbo incomparável, ou Sabedoria de Deus (Jo 1.1-18). Antes disso, Paulo identifica Cristo como a sabedoria de Deus para o que crê (1Co 1.30; Cl 1.15-20; v. Hb 1.1-3).

sapiencial, literatura. Literatura bíblica caracterizada pela instrução baseada na experiência, na tradição e “na forma como o mundo funciona” em vez de salientar a revelação divina direta como fonte da verdade (como na TORÁ ou nos profetas). Esta coleção literária tem suas raízes na Antigüidade, também ligada a Salomão (1Rs 4.29,30), é por um lado marcada pelas observações dos sábios, mas também pelas observações de gente comum (pais, pessoas inteligentes). A literatura sapiencial existia por todo o antigo Oriente Próximo muito antes de Israel entrar em cena (p. ex., instruções egípcias datando de meados do terceiro milênio a.C.). Os GÊNEROS e FORMAS deste tipo de literatura variam de simples PROVÉRBIOS até ensaios e reflexões sobre justiça e morte, assim como fábulas e debates. Os livros bíblicos sapienciais são tradicionalmente identificados como Provérbios, Jó e Eclesiastes (Cântico dos Cânticos tb. é incluído em algumas listas), Eclesiástico e Sabedoria de Salomão nos APÓCRIFOS. Também encontramos forte influência da sabedoria nos salmos (p. ex., Sl 1) e em muitos outros livros (p. ex., os relatos de José em Gênesis e Daniel e seus amigos, aos quais alguns adicionariam o livro de Ester). Definir e delimitar a literatura sapiencial é muitas vezes problemático. A sabedoria está aberta a todos, já que visa instruir as pessoas a viver uma vida bem ordenada, que reconhece os caminhos e intenções de Deus para sua criação. Já que a sabedoria instrui por meio de “palavras hábeis”, por esta razão requer habilidades de interpretação, paciência e desejo de busca das riquezas desse tipo de vida (Pv 1.2-6). A contribuição de Israel para essa literatura antiga e internacional é a declaração de que a sabedoria tem sua

fonte em Deus, o “temor do SENHOR” (Pv 1.7). (V. tb. *AMENE-MOPE, INSTRUÇÃO DE.*)

Schleiermacher, Friedrich Daniel Ernst (1768-1834). Estudioso alemão com freqüência citado como o pai da teologia liberal moderna (*The Christian faith*), [A fé cristã] 1821-1822; 2. ed., 1830-1831. Ele procurou encorajar as pessoas que rejeitaram a religião com fundamentos racionais a assumir uma apreciação mística e psicológica de Deus por meio da experiência. É criticado por reduzir a religião ao subjetivo “sentimento de dependência”.

Schweitzer, Albert (1875-1965). Filósofo, teólogo, físico, músico e estudioso bíblico conhecido pelo livro que marcou sua época (*The quest of the historical Jesus* [A busca do Jesus histórico]) (alemão *Von Reimarus zu Wrede: eine Geschichte der Leben-Jesu Forschung* [De Reimarus a Wrede: pesquisa da história de vida de Jesus] (1906) e por seu trabalho como médico missionário em Lambaréné (Gabão). Schweitzer alegava que Jesus era um profeta APOCALÍPTICO equivocado que se sentia escolhido por Deus para prenunciar o final da história. Contudo, de acordo com Schweitzer, Jesus falhou nessa missão e morreu como um mártir desiludido.

sectário, judaísmo. Idéias ou movimentos dentro do judaísmo que se apartaram da norma (latim *secta* “parte, facção”). No NT, seita (gr. *hairesis*) é usada para descrever os fariseus (At 15.5; 26.5), saduceus (5.17) e os cristãos primitivos (24.5, 14; 28.22). A comunidade de QUMRAN é citada, algumas vezes, como uma forma adicional de judaísmo sectário. Atualmente, a maioria dos estudiosos reconhece que o JUDAÍSMO PALESTINO do século I era pluralista e que não havia um judaísmo monolítico, normativo. Por essa razão, ao lidar com esse período, é preferível falar de judaísmos ou tipos de judaísmo em vez de judaísmo.

Segundo Isaías. Isaías 40—55, considerado por muitos estudiosos como escrito por um autor diferente do que escreveu Isaías 1—39 (Primeiro Isaías) e 56—66 (Terceiro ou Trito-Isaías). Também é conhecido por “Deutero-Isaías”. O estilo, o tema e o ambiente desses capítulos diferem dos capítulos precedentes e seguintes e sugerem aos críticos que tenham sido escritos durante o EXÍLIO BABILÔNICO (587-537 a.C.), bem depois do período histórico do profeta Isaías no oitavo século antes de Cristo (V. tb. ISAÍAS, AUTORIA MÚLTIPLA DE; TERCEIRO ISAÍAS.)

Segundo Templo do judaísmo. Período da história e literatura judaica desde o tempo em que o segundo templo foi finalizado por volta de 516 a.C., até a queda de Jerusalém e destruição do templo de Herodes pelos romanos em 70 d.C. Na atual pesquisa dos acadêmicos, este termo tem substituído gradualmente o termo mais comum “Período Intertestamentário”.

semitas. Nome latinizado para os filhos de “Sem” e para as línguas que eles falavam (v. Gn 10.21-31). As línguas semíticas estão separadas em três ramos. As línguas ACÁDIAS abrangem os ramos a oeste; os do sul são especialmente as línguas árabes; e ao norte incluem as línguas cananita, hebraica, UGARÍTICA e aramaica. Os semitas, não tanto pela unidade cultural quanto pela lingüística, transmitiram à civilização o alfabeto e o DECÁLOGO, entre outras realizações.

semitismo. Palavra ou construção gramatical característica das línguas semitas (p.ex. hebraico e aramaico). Encontramos semitismo na *SEPTUAGINTA* e no NT em virtude da interseção do grego com as culturas semitas durante esse período. As narrativas sobre a infância de Jesus em Lucas (Lc 1 e 2), por exemplo, são notáveis pelos semitismos. (V. tb. ARAMAÍSMO; HELENISMO, HELENIZAÇÃO; SEMITAS.)

sensus literalis. Termo latino que significa “sentido literal”. O sentido literal ou manifesto de uma passagem pode parecer óbvio para alguns, mas nenhum outro problema incomoda tanto os estudiosos da Bíblia. Desde o século XVIII, o sentido literal tem se reduzido ao sentido original de uma passagem em seu contexto histórico. Esta redução, entretanto, tem transformado a leitura bíblica em pouco mais do que uma pesquisa histórica, com a descoberta do sentido de uma suposta situação original da passagem. O problema é que o descobrir tal situação original é grandemente especulativo, já que o conhecimento destes contextos está em constante mutação e as explicações desse ambiente mudam com maior frequência ainda. O sentido manifesto de qualquer texto depende do contexto com base no qual o intérprete analisa o texto. Um contexto pode ser lingüístico ou histórico, para estar certo, mas também pode contar com fatores literários, culturais e teológicos. Por exemplo, a interpretação cristã de Isaías 53 tem um contexto diferente para os judeus, em virtude de a perspectiva cristã ser moldada pelo sofrimento e morte de Jesus. Os cristãos podem bem perceber as palavras de Isaías de forma mais ampla em significado que não é tão evidente para alguém que não crê na morte e ressurreição de Jesus. Algumas discussões recentes sobre o problema, especialmente por Brevard CHILDS, buscam recuperar o sentido literal levando em consideração o escopo, o propósito e intenção da passagem como *Escritura*, e não simplesmente com respeito a uma suposta situação original. (V. tb. BÍBLICA, MOVIMENTO DA TEOLOGIA; CRÍTICA CANÔNICA; PESHAT; SENSUS PLENIOR.)

sensus plenior. Termo latino que significa “o sentido mais amplo”. Esse é um sentido adicional ou mais profundo de uma passagem em que, possivelmente, o autor não intencionava dar, mas que à luz de outros textos bíblicos (em particular

textos do NT e interpretações cristológicas) ou doutrinas foi, de alguma forma, a intenção de Deus. *Sensus plenior* surgiu como um conceito na primeira parte do século XX, mais especialmente entre teólogos católicos romanos, como um esforço de articular novas classificações para os sentidos das Escrituras. O *SENSUS LITERALIS* (sentido literal) tem sido reduzido à sua referência histórica e gramatical, e era necessário uma nova classificação que se referisse às verdades da interpretação que estavam “além” do sentido superficial de uma passagem. *Sensus plenior* é uma tentativa de dar peso às interpretações que ganham significado à luz da revelação posterior ou dos ensinamentos da igreja.

Septuaginta. Tradução grega da BÍBLIA HEBRAICA. Essa tradução grega foi empreendida por judeus de fala grega de Alexandria do século III ao II a.C. A tradição relatada na *CARTA DE ARISTÉIAS* era que 72 estudiosos judeus (*Septuaginta* vem do termo latino para “setenta”, a abreviatura *LXX* é o numeral romano para setenta) completaram a tradução em 72 dias, trabalhando separadamente e a convite de Ptolomeu II Filadelfo (285-246 a.C.). A *Septuaginta* é superior para os estudiosos bíblicos tanto por ser testemunho do texto hebraico quanto pelo entendimento de como certas palavras e textos eram vistos durante o PERÍODO DO SEGUNDO TEMPLO. (V. tb. TEXTUAL, CRÍTICA.)

septuagintismo. Palavras ou frases com características do AT grego (*LXX*) e usadas pelos escritores do NT, como Lucas em Atos 2.14, 15-39 e 3.12-26.

Servo, Cânticos do. Textos encontrados em Isaías 40—55 que tratam do “Servo do SENHOR” que iria sofrer pela redenção de Israel. Na tradição judaica, o Servo é geralmente identificado mais com o próprio Israel do que com um indivíduo. Na tradição cristã, o Servo é uma das principais imagens que Jesus usa para falar de sua missão messiânica. Por exemplo, Je-

sus disse: “Pois nem mesmo o Filho do Homem veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mc 10.45; v. Is 53.10-12).

Shammai. Mestre rabínico e líder do início do século I (c. 50 a.C. a 30 d.C.). Shammai interpretou e aplicou a lei judaica de forma mais rígida do que seu correlativo, HILLEL. Sua perspectiva prevaleceu, de forma geral, até antes da destruição do templo em 70 d.C. Seus seguidores são identificados como a “casa” ou “escola” de Shammai.

shkinah. Glória ou presença de Deus, especialmente em sua habitação em Jerusalém. A palavra *shkinah* é um termo hebraico, porém não é bíblico. Era uma palavra usada pelos rabinos para salientar o relacionamento entre Deus e Israel.

shma. Literalmente “Ouve!”; é a palavra inicial e, desta forma, o título da oração diária judaica. Essas palavras de oração são encontradas em Deuteronômio 6.4: “Ouça, ó Israel: O SENHOR, o nosso Deus, é o único SENHOR”. *O shma* não é apenas uma oração, mas um credo da doutrina judaica, de que Deus é um, e que se deve guardar os mandamentos, e que Deus recompensará os que observarem a TORÁ e punirá os que a desobedecerem. Estas palavras, em geral, são as primeiras que as crianças judias aprendem. Muitos mártires judeus recitavam esses versos como suas palavras finais.

shmondh-esreh. “As Dezoito Bênçãos” ou orações diárias, usadas pelos adoradores judeus já no primeiro século d.C., provavelmente nas SINAGOGAS.

Sheol. Habitação dos mortos. É a palavra mais comum no AT para se referir à habitação dos mortos. O termo é desconhecido na literatura das culturas ao redor de Israel. No AT, a pessoa que morria descia à “sepultura” (Is 14.15) e ao lugar das “sombras” (Jó 26.5). Todos são iguais no *Sheol* (Jó 3.11-19) e ninguém

retorna de lá (Jó 7.9). No *Sheol*, os mortos não louvam a Deus (Sl 6.5). Morte, túmulo, *Sheol*, juízo e vida além da morte são realidades na Bíblia, mas não foram desenvolvidos em muitos detalhes, mesmo que o NT revele mais sobre a vida após a morte à luz da ressurreição de Jesus. No NT, os comentários são breves e sugestivos, mas não desenvolvidos de forma completa (como o são mesmo na literatura judaica extrabíblica).

Sião. Monte na cidade de Jerusalém associado a Davi e ao templo. Sião é rico em simbologia e teologia. Em Sião, Deus escolhe tornar sua presença visível no templo, e a construção do santuário reflete o caráter da criação em Gênesis 1. Sião testemunha o senhorio de Deus, não apenas sobre Israel e as nações, mas sobre o próprio cosmo. É em Sião que a TORÁ de Deus instrui os povos da terra (Is 2.2,3; Mq 4.1,2). Em Sião, o tempo sagrado (sábado) e o espaço sagrado (templo) se unem (v. Sl 132.13,14). Os salmos contêm cânticos (ou HINOS) de Sião (v. Sl 46; 48; 76; 84; 122; 132; 147).

sinagoga. Assembléia ou lugar de assembléia de judeus para oração, estudo e adoração. O termo sinagoga deriva da palavra grega *synagoge*, significando tanto o grupo de pessoas que se congrega quanto o lugar onde congregam (v. *EKKLESIA*). No NT, vemos o povo judeu usar a sinagoga como lugar de oração, estudo e adoração (Lc 4.16-30; At 13.15; 14.1; 15.21; 17.1-3) assim como um lugar para aplicar a justiça (Mc 13.9; Jo 9.22; 12.42; 16.2; At 22.19; 2Co 11.24). A sinagoga se tornou um modelo para as igrejas nos lares do cristianismo primitivo.

Sinagoga, a Grande. Assembléia (heb. *kneset*) de rabinos ilustres que transmitiram os ensinamentos da TORÁ. A Grande Sinagoga é mencionada na *MIXNÁ* (m. *'Avot* 1.1,2) e no *TALMUDE*. Tradições afirmam que consiste em 85 ou 120 homens, que se iniciou com Esdras no século VI a.C. (v. Ne 8 e 9) e encerrou-se com Simão, o Justo, por volta de 200 a.C. A erudição

crítica tem questionado se a Grande Sinagoga alguma vez existiu. (V. tb. *SÓFERÎM*.)

sincretismo. Mistura de várias e, com freqüência, contraditórias, doutrinas e práticas de diversas religiões em um sistema, ou a simples adaptação e assimilação de idéias e práticas em uma religião (gr. *syn+krasis*, “mistura, combinação”). Tanto o judaísmo quanto o cristianismo estiveram suscetíveis ao sincretismo e foram repetidamente admoestados por seus líderes (profetas, apóstolos etc.) a manter ortodoxia doutrinária e pureza ética.

Sinédrio. Conselho ou Assembléia (gr. *synedrion*) dos líderes judaicos. Ainda que os evangelhos e Atos empreguem este e outros termos para designar vários tipos de concílios e cortes judiciais (v. Mt 5.22, 26, 59; Mc 13.9; 14.55; 15.1; Lc 22.66; At 5.21), apenas o tratado *Sinédrio* na *MIXNÁ* refere-se ao “Grande Sinédrio”, um corpo de 71 membros responsáveis pelas decisões finais em disputas legais.

sinopse (dos evangelhos). Livro que organiza o material paralelo dos Sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas) e algumas vezes o Evangelho de João, em colunas verticais para que os leitores observem rapidamente as diferenças e similaridades entre eles. O termo vem do grego *syn* (“junto”) e *optikos* (“ver”), ou seja “vendo junto” ou “ver ao mesmo tempo”. Um exemplo é o de Kurt Aland, *Synopsis of the four Gospels* [*Sinopse dos quatro evangelhos*] (United Bible Society, 1985).

sinóptico, problema. O “problema” é de como considerar as similaridades e diferenças que existem entre os três EVANGELHOS SINÓPTICOS. O termo é atribuído a J. J. GRIESBACH (1745-1812). A maioria dos estudiosos atualmente crê que Marcos foi o primeiro EVANGELHO a ser escrito e que Mateus e Lucas usaram Marcos como uma fonte, com uma fonte de declarações identificada como Q. (V. tb. HIPÓTESE DAS DUAS FONTES.)

Sinópticos, evangelhos. EVANGELHOS de Mateus, Marcos e Lucas. Esses três evangelhos são notáveis pelas similaridades (usam muito do mesmo material) e portanto, “vêm juntos” o relato de Jesus. (V. tb. GRIESBACH, Johann Jakob; SINOPSE [dos evangelhos]; SINÓPTICO, PROBLEMA.)

Sitz im Leben. Expressão alemã traduzida por “ambiente de vida” ou “situação de vida”. *Sitz im Leben* é um termo técnico usado especialmente pelos críticos da forma para se referir ao ambiente social de vida de Israel, de Jesus ou da igreja primitiva que permitia que surgissem parábolas, lendas, profecias, ensinamentos éticos, fórmulas litúrgicas, e outros. Com respeito a Jesus, por exemplo, pode-se perguntar: Qual era o *Sitz im Leben* da igreja primitiva que levou à reconciliação, proclamação e aplicação das declarações de Jesus?

sociocientífica, interpretação. Aplicação de teorias sociológicas, antropológicas, políticas e socioculturais aos textos bíblicos como propósito de entender melhor a natureza de Israel ou do cristianismo primitivo. Esta abordagem tem se tornado popular em estudos atuais do antigo Israel, de Jesus, de Paulo e da igreja primitiva. Diversos tópicos têm sido proveitosamente explorados, como relacionamentos entre homem e mulher, as estruturas familiares e domésticas, códigos de pureza, honra e vergonha, e relacionamentos entre empregadores e clientes.

sôferim. Escribas e estudiosos (heb. “escribas”) do Período do Segundo Templo. Os *sôferim* interpretaram a TORÁ e promulgaram a *Torá* ORAL. Funcionavam como ponte entre os profetas e os fariseus, apesar de pouco se saber sobre eles até o tempo dos fariseus. Esdras é, em geral, visto como o primeiro escriba, e Simão, o Justo, da GRANDE SINAGOGA, como o último.

Strauss, David Friedrich (1808-1874). Controverso estudioso alemão. O brilhante e provocativo livro de sua autoria, *Life*

of Jesus critically examined [A vida de Jesus examinada criticamente] (2 vols., 1835-1836), foi especialmente controversa pela designação de que qualquer aspecto sobrenatural nos evangelhos — como milagres, anjos e demônios — como MITOLÓGICO. A impopularidade de sua proposta levou-o a ser transferido do seminário protestante da Universidade de Tübingen para o departamento de obras clássicas, e daí para a Universidade de Zurique e finalmente ao abandono da teologia. (V. tb. BULTMANN, RUDOLF.)

Sucessão, Narrativa da. Narrativa da transferência de reino de Davi para Salomão. A troca de uma confederação TRIBAL teocrática (na qual Deus governa) para um governo de um rei trouxe muitas mudanças sociais, políticas e religiosas na vida do povo de Deus. O retrato sincero de Davi mais propriamente, e os eventos de mudança estão registrados em 2Samuel 9—20, 1Reis 1 e 2, com lembrete em 2Samuel 6 e 7 que esta palavra de Deus entregue por meio do profeta Natã que é a base de esperança para Israel, e não os descendentes de Davi com seus erros freqüentes.

Suméria, sumérios. Parte mais baixa do sul da Mesopotâmia. É difícil discernir uma cultura suméria distinta, mesmo que muitos estudiosos tenham tentado fazê-lo. A região era por um lado praticamente bilíngüe desde o seu período histórico mais antigo (terceiro milênio a.C.) como sumério, por outro lado, distinto do ACÁDIO, uma língua semita (mesmo que muitas palavras sumérias tenham sido tiradas do acádio). Em meados do segundo milênio a.C., o sumério estava sendo usado primariamente para propósitos literários e religiosos, e dessa forma permanece como uma importante língua no entendimento atual das formas e GÊNEROS dos textos do antigo Oriente Próximo e como um “segundo plano” para o estudo do AT.

suserania, tratados de. Tipo de tratado entre um suserano, ou monarca poderoso, e um vassalo, ou um rei subalterno. Na Última Era do Bronze (1550-1200 a.C.), o império hitita (localizado ao leste da Turquia) tentou controlar seus vizinhos do sul (Síria atual) por meio de tratados. Estes tratados ou alianças entre o *suserano* e o *vassalo* formaram a base para o relacionamento político. Formas de tratados similares têm sido descobertas em textos neo-assírios datados do século VII a.C. Alguns estudiosos postulam que a ALIANÇA entre Israel e seu Rei, YAHWEH, está estruturada com base nestes tratados suserano-vassalo de partes desiguais. Outros observam as diferenças entre estes tratados e a aliança (esp. em Êxodo): a ausência de maldições, a preponderância de bênçãos, as bases fraternais, e a função didática sobre os aspectos legais nas alianças bíblicas.

T

tabela das nações. Lista das nações de Gênesis 10. Essas nações são descritas como os descendentes de Noé que cumpriram a bênção do Senhor de “sejam férteis, multipliquem-se e encham a terra” (Gn 9.1). A tabela das nações toma a forma de uma genealogia segmentada, na qual os descendentes se diversificam, em vez de uma genealogia vertical, na qual o filho segue o pai por diversas gerações (geralmente unido a uma promessa de Deus, p. ex., Abraão, Isaque e Jacó). A tabela das nações também relata a diversificação de povos (e pode, portanto, ser ETIOLÓGICA em natureza) por todo o mundo mediterrâneo e além deste.

Taciano. (V. *DIATESSARON*.)

Talmude. Compêndio definitivo da lei RABÍNICA que estabelece as crenças e práticas do judaísmo. Na tradição judaica, quando Deus deu a TORÁ a Moisés no monte Sinai, ele a deu em duas formas: a *Torá* escrita e a TORÁ ORAL. A *Torá* escrita consiste nos cinco primeiros livros da Bíblia, o PENTATEUCO. Já a *Torá* oral refere-se a discussões posteriores e as regulamentações de pontos da lei como circunstâncias mutáveis ditadas, e estas foram transmitidas oralmente como tradição de geração a geração. A *MIXNÁ* (“estudo”), escrito em hebraico, foi codificada no século II d.C., a *Guemará* (“complemento”), comentário da *Mixná*, foi escrita em aramaico e codificada em duas formas, o da Babilônia e o de Jerusalém, durante o século VI d.C. Juntas, *Mixná* e *Guemará* formam o(s) *Talmude(s)*. A *Torá* e o *Talmude* formam a base para a fé e a prática do judaísmo ortodoxo.

tanaítas. Mestres rabínicos, do termo aramaico para “estudo” ou “repetição”. O vocábulo designa os rabinos cujas atividades se estenderam aproximadamente entre os anos 20-200 d.C. Seus predecessores foram os grandes rabinos HILLEL e SHAMMAI. Os tanaítas foram responsáveis pelo registro inicial da *MIXNÁ* e de outros textos MIDRÁXICOS. (V. tb. RABÍNICO, JUDAÍSMO; *TALMUDE*.)

Tanak. Acrônimo (tb. *Tanakh*) para as Escrituras hebraicas: TORÁ (Lei), *N'VÍM* (Profetas), *K'TUVÍM* (Escritos) — [*TANAK*]. Já no século II a.C. encontramos referências à *Torá* (ou “Moisés”) e aos Profetas como escritos de autoridade (v. CÂNON), mas a seção final, os Escritos, permaneceu amorfa até pelo menos o final do século I d.C. Lucas 24.44 refere-se à “Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos” como uma divisão em três partes. Em 2Esdras 14.45,46 temos 24 livros, enquanto Jerônimo conta 22, referentes ao mesmo número de letras do alfabeto hebraico (diferentes contagens podem ocorrer dependendo

de quais livros estão combinados; p. ex., Esdras e Neemias são vistos como um único livro). A ordem também pode variar, especialmente nos Escritos, nos quais encontramos ou Crônicas ou Salmos encerrando a seção. A ordem MASSORÉTICA segue comumente este padrão: *Torá* (Gênesis—Deuteronômio); *Nevi'im* (Profetas Anteriores: Josué—Reis, com exceção de Rute; e os Profetas Posteriores: Isaías, Jeremias, Ezequiel e os Doze os Profetas Menores, com exceção de Daniel e Lamentações) e *Ketuvim* (os livros restantes, incluindo Daniel, Lamentações e Rute, com Crônicas como conclusão).

Targum. Tradução e interpretação oral e escrita em aramaico da BÍBLIA HEBRAICA (palavra hebraica que significa “paráfrase”; pl. *targûmîm*). Quando os judeus retornaram do EXÍLIO BABILÔNICO, o aramaico se tornou a língua comum do povo. Desta forma, quando as Escrituras eram lidas nas SINAGOGAS, o leitor (*netârîm man*, “intérprete”) provia paráfrases em aramaico. Estas paráfrases foram transmitidas continuamente e escritas no início do século III d.C. Por volta do século V, dois *targums* tornaram-se o padrão: *Targum Onqelos* da TORÁ, e o *Targum Yonatan* dos Profetas. Os *targums* são importantes testemunhas do texto bíblico em seu período inicial de transmissão, mas em virtude da liberdade em expandir o texto, são igualmente importantes ao revelar como o texto era interpretado pela comunidade judaica. (V. tb. TEXTUAL, CRÍTICA.)

tendência, crítica da. Metodologia que tenta discernir as tendências dos documentos do NT. O método está associado com Ferdinand C. BAUR (e a Escola de TUBINGEN), que analisou a origem, data e caráter dos escritos do NT por meio da *Tendenz* (“tendência, objetivo, inclinação”) do autor. A *Tendenz* de Lucas em Atos, por exemplo, era criar um retrato irênico da igreja por meio da minimização das diferenças entre Pedro e Paulo. (V. tb. REDAÇÃO, CRÍTICA DA.)

Teodoro de Mopsuéstia (c. 350-428). Pai da igreja primitiva. Tão grande foi a influência de Teodoro sobre a Igreja Oriental que mais tarde os comentaristas atribuíram-lhe o título “O exegeta abençoado”. Nasceu em um rico lar na cidade de Antioquia, e com João CRISÓSTOMO foi educado pelo eminente filósofo Libânio. Teodoro abandonou a vida secular e ingressou na vida monástica. Membro proeminente da ESCOLA ANTIOQUEÑA, a exegese de Teodoro é marcada pelo conhecimento do hebraico (embora ele tenha se baseado quase que exclusivamente na tradução da *Septuaginta*), pela familiaridade com as circunstâncias históricas dos hebreus e pelo claro entendimento do idioma bíblico (em parte, por causa de seu treinamento em retórica). Escreveu um tratado, que não sobreviveu, *Contra os alegoristas*.

teofania. Literalmente “manifestação divina”. As teofanias na Bíblia são geralmente acompanhadas por sinais físicos: tremor de terra, nuvem, fogo ou outros meios visíveis de manifestação. Por exemplo, quando Deus aparece a Moisés na sarça ardente (Êx 3) ou quando o profeta Miquéias anuncia que Deus está vindo e as montanhas se derreterão e os vales se fenderão (1.4). Uma teofania revela o poder de Deus e o seu envolvimento com o mundo, assim como sua aprovação (ou desaprovação) a eventos ou pessoas.

Terceiro Isaías. Os capítulos 56—66 de Isaías, que muitos estudiosos acreditam terem sido escritos por um autor diferente do Segundo Isaías (40—55) ou do Primeiro Isaías (1—39). Também é chamado de Trito-Isaías. O estilo é distintivo nos pormenores, e os temas e ambiente destes capítulos sugerem um ambiente pós-exílico na terra da Palestina. (V. tb. BABILÔNICO, EXÍLIO; ISAÍAS, AUTORIA MÚLTIPLA DE.)

terminus a quo. Expressão latina usada em discussões cronológicas para designar o momento inicial (lit., “limite a partir do

qual”) em que um evento pode ter ocorrido ou um documento pode ter sido escrito.

terminus ad quem. Expressão latina usada em discussões cronológicas para designar o último momento (literalmente “limite ao qual”) em que um evento pode ter ocorrido ou um documento pode ter sido escrito. Por exemplo, 5/ 4 a.C. e 33/ 34 d.C. marcam o *TERMINUS A QUO* e o *terminus ad quem*, respectivos da vida de Jesus.

Tertuliano (c. 155/160-225/250). O primeiro pai da igreja (de Cartago, norte da África) a escrever em latim. É conhecido pelos escritos apologéticos (*Apologia*), teológicos (*De baptismo*) e ascéticos. Sua obra *Adversus Marcionem* [*Contra Marciano*] revela sua oposição ativa ao herege MARCIÃO. Nos seus estudos bíblicos, Tertuliano afirmou a unidade das Escrituras judaicas e cristãs e a regra de fé (*regula fides*) da igreja apostólica.

Testamento dos Doze Patriarcas. Documento PSEUDEPIGRAFO (c. 109-106 a.C.), provavelmente inspirado e modelado pela despedida de Jacó a seus doze filhos (Gn 49) e a bênção final de Moisés a Israel (Dt 33). Esse livro contém encorajamento moral, consolações espirituais e predições de bênçãos divinas e punições que aguardam o povo de Deus na era messiânica futura. A obra tem considerável valor histórico e teológico para o estudo do NT. (V. tb. DISCURSO DE DESPEDIDA.)

testimonia. Coleção hipotética de textos do AT usados pelos cristãos primitivos para fins apologéticos e homiléticos. A possibilidade da *testimonia* cristã primitiva está baseada no uso pelos escritores do NT de certas passagens para complementar seus argumentos apologéticos e teológicos ou apoiar certas crenças sobre a pessoa e propósito de Jesus no cumprimento do AT. Tal *testimonia* pode ter circulado de forma oral como parte do

ensino e pregação cristã primitiva antes de ser incorporada à obra do autor. A única coleção que sobreviveu dessas escrituras vem dos ROLOS DO MAR MORTO: *Testimonia* é uma série de citações do AT demonstrando as expectativas messiânicas da comunidade de QUMRAN. Mateus faz uso extensivo de citações do AT, o que sugere — mas não prova — a possibilidade de uma coleção independente que ele poderia ter usado como referência. Paulo usou uma coleção de textos prova do AT de várias fontes: Salmos e Isaías em suas discussões sobre a retidão em Romanos 3.10-20; Oséias, Isaías e outros quando discutiam sobre os gentios (v. Rm 9.24-33; 15.9-12). Romanos 1.17 e Gálatas 3.11 usam Habacuque 2.4 para mostrar que a justificação é pela fé. Finalmente, 1Pedro 2.6-8 se une a Isaías 8.14 e 28.16 quando trata da salvação.

Tetragrama. São as quatro letras do nome de Deus no judaísmo (gr. *tetragrammaton* “palavra de quatro letras”). Na tradição judaica, o santo nome de Deus não é pronunciado, e as quatro letras são escritas sem vogais como YHWH. Nos textos judaicos atuais o nome de Deus é diversas vezes representado ou por “D’us” ou por *HaShem*, “o Nome”, em lugar das quatro letras e é com frequência pronunciado *Adonai*, “Senhor”. (V. tb. YAIWEH, YHWH.)

Tetrateuco. Os primeiros quatro livros da BÍBLIA HEBRAICA, considerados unidade integral. Em vez de dividir a Torá em cinco livros, alguns estudiosos sugerem que os primeiros quatro livros são uma coleção e que de Deuteronômio a 2Reis (HISTÓRIA DEUTERONOMISTA) formam uma unidade integral adicional. Contudo, a relevância teológica do Pentateuco não deve ser negligenciada por considerações teológicas e literárias.

textual, crítica. Disciplina acadêmica que procura estabelecer o texto de forma mais próxima do original quanto possível ou provável (também conhecida por BAIXA CRÍTICA). Já que não

temos mais nenhum manuscrito original ou AUTÓGRAFO, os estudiosos devem escolher e avaliar as cópias restantes com suas variantes textuais. Por exemplo, erros comumente ocorrem quando as letras são confundidas (em hebraico o *dalet* e o *resh* são facilmente confundíveis), quando letras e palavras são omitidas (HAPLOGRAFIA; HOMEOTELEUTO) ou escritas mais de uma vez (DITOGRAFIA) e quando as letras são invertidas (METÁTESE) ou justapostas com base em textos ou palavras paralelas. A crítica textual não apenas seleciona dentre manuscritos e fragmentos os erros dos copistas, mas também considera as traduções mais antigas (como a *VULGATA* ou a *PESHITA*) e LECIONÁRIOS por seus testemunhos sobre o texto. Por exemplo, a *SEPTUAGINTA* algumas vezes tem uma perspectiva que parece mais antiga ou mais próxima ao que os estudiosos pensam ser o texto original da BÍBLIA HEBRAICA e podem formar a base de uma emenda (correção de um texto que aparenta ter sido corrompido na transmissão). Não é sempre claro, entretanto, quando uma tradução antiga preserva um texto diferente ou verte uma palavra ou versículo para uma forma mais compreensível. A crítica textual é vista com frequência como a mais objetiva de todas as críticas bíblicas em virtude de haver regras claras que governam o estabelecimento dos textos. Contudo, julgamentos com respeito a qualquer interpretação textual envolvem um elemento de interpretação, de forma que as discordâncias permanecem. (V. tb. ROLOS DO MAR MORTO; *TARGUM*.)

Textus Receptus. Expressão latina que significa “Texto Recebido”. No estudo do AT, o termo é por vezes usado livremente para referir-se à Segunda Bíblia Rabínica de Ya‘aqov ben Hayim, publicada no século XVI. Este texto também contém o *TARGUM*, ou tradução aramaica, da BÍBLIA HEBRAICA, e os mais importantes comentários judaicos (RASHI, Kimchi, IBN EZRA etc.). Edições críticas mais recentes optam pelo texto de Ben

Asher (CÓDICE Leningradense) como menos eclético e mais confiável (os princípios sobre os quais o texto de Ben Asher está baseado são mais consistentes do que o texto de Ben Hayim). O termo é usado mais frequentemente nos estudos do NT para referir-se ao texto grego de ERASMO, de 1535. A versão *King James*, ou *Authorized* (inglês), está baseada no *Textus Receptus*. O *Textus Receptus* é amplamente criticado hoje devido à precipitação com a qual foi produzido e pelo alto grau de dependência de textos mais novos em vez de manuscritos gregos mais antigos. (V. tb. TEXTUAL, CRÍTICA.)

theios aner. (V. ARETOLOGIA; DIVINO, HOMEM.)

theologia crucis. Termo (literalmente “teologia da cruz”) usado por Martinho Lutero para enfatizar a auto-revelação divina no sofrimento e na cruz de Cristo.

theologoumenon. Expressão originária do grego e do latim que significa “falar sobre Deus”. O termo geralmente refere-se ao ato de historiar afirmações teológicas derivadas mais da especulação sobre aspectos divinos e inferências lógicas da revelação que dados baseados em evidências históricas. Por exemplo, a genealogia de Jesus e o nascimento virginal são classificados por alguns como *theologoumena* derivadas de crenças de que Jesus era o filho de Davi e o Filho de Deus.

terapeutas. Grupo misterioso de judeus que operavam curas e milagres (do grego *therapeuo*, “curar”) mencionado por Fílon. De forma geral, mas não unânime, são classificados como um ramo dos ESSÊNIOS por suas crenças e práticas aparentemente similares, como ascetismo, celibato e vida comunitária.

típica, cena. Cena em um relato que serve de convenção literária para outras cenas. Cenas paralelas ou repetitivas, como a amarga rivalidade entre a esposa estéril e a esposa ou concubina fértil (Sara e Hagar; Ana e Penina), podem ser vistas como

parte da TRADIÇÃO ORAL de narrativas, como diferentes fontes (de acordo com a CRÍTICA DA FONTE) ou como convenções literárias, ou seja, como parte de uma obra literária ou narrativa bíblica. Por meio de uma cena típica, um autor pode instigar as expectativas do público e refazer essa expectativa ao variar essas convenções. Toda cultura tem convenções literárias que se valem dessas variações. “Era uma vez” e “Em uma galáxia, distante, muito distante” são exemplos modernos dessas convenções. (V. tb. *LEITMOTT*; *LEITWORT*.)

tipologia. Comparações bíblicas e elos estabelecidos entre pessoas, eventos, objetos e instituições de um período bíblico e outros de outro período, especialmente entre os do AT com os do NT. O termo deriva da palavra grega *typos*, que significa “impressão, marca, imagem” e, por extensão metafórica, é um exemplo ou modelo. A tipologia é empregada pelos autores bíblicos para revelar a continuidade dos planos de Deus, o “desenho maior” da história da redenção. A interpretação tipológica é uma tentativa de detectar tipos no texto bíblico, e assim como a INTERPRETAÇÃO ALEGÓRICA, sofre pelos excessos de alguns de seus adeptos. Um *tipo* é uma pessoa, evento, objeto ou instituição inicial; a pessoa, evento, objeto ou instituição correspondente ou posterior é chamada ANTÍTIPO. Por exemplo, Paulo retrata Cristo como o antítipo de Adão em Romanos 5.12-21: “... Adão, o qual era um tipo daquele que haveria de vir” (Rm 5.14). A tipologia deve ser diferenciada da INTERTEXTUALIDADE, ainda que alguma sobreposição seja natural. Os tipos não são essencialmente cronológicos e certamente não-causais ou opostos. Antes, a tipologia trabalha com o pressuposto da singularidade do plano divino no qual todos os eventos e pessoas são parte e reflexo deste plano. Desta forma, o elemento “horizontal” (paralelo ao plano histórico) não é tão importante quanto o elemento “vertical”, no qual os fatos destes eventos são vistos em uma estrutura maior da

realidade divina. Ademais, a interpretação tipológica cristã tem seu cumprimento na pessoa e obra de Jesus Cristo; não é simplesmente as correspondências que ocupam essa interpretação, mas o cumprimento de tais correspondências na vida, morte e ressurreição de Jesus. Em vez de uma correspondência artificial entre cada pessoa e instituição do AT com Jesus — e a quase redução dessas pessoas e instituições a meras sombras — uma tipologia verdadeiramente teológica vê os eventos e personagens transfigurados e aperfeiçoados em Jesus. Dessa forma, o sacrifício de Isaque, o “filho amado” de Abraão, em Gênesis 22 é selecionado no NT como um tipo de Cristo, o filho amado que Deus deu por todos. A atividade redentora divina em um evento vem para a conclusão do segundo. Ambas as ocorrências são reais e concretas, mas transcendem uma correspondência meramente causal e significam o progresso da atividade redentora de Deus na criação.

toledoth, fórmula de. A fórmula “Estas são as gerações/ descendentes (heb. *tôl dôt*) de” é repetida em Gênesis como um artifício estrutural. Essa fórmula reforça o tema principal do início e continuidade da raça humana. A primeira ocorrência da fórmula é em Gênesis 2,4 e serve de ligação entre a criação do cosmo (Gn 1) e a história da humanidade (Gn 2 e 3); ao longo de todo o texto ela marca pontos de junção e desenvolvimentos dentro da narrativa.

Tomás de Aquino. (V. AQUINO, TOMÁS DE.)

topos. Tema de citações presente em formas literárias e de oratória, incluindo cartas. No NT, encontramos *topoi* (pl. de *topos*) como afirmações PARENÉTICAS estendidas (ou ensaios em miniatura) sobre temas e tópicos específicos. Um *topos* é diferente de exortações éticas vagas e sutis, em virtude de sua estrutura retórica distinta que com frequência segue o padrão da injunção, da base lógica, da discussão e possivelmente da

analogia. Entre os exemplos incluem-se as discussões de Paulo sobre o Estado (Rm 13.1-7), sobre comer certos alimentos (Rm 14.1-23), sobre a vida cristã à luz do *eschaton* vindouro (1Ts 5.1-11); a discussão de Tiago sobre a acepção de pessoas (Tg 2.1-13) e sobre a língua (Tg 3.1-12) e o guia de Pedro para o viver santo (1Pe 1.13-16).

Torá. Primeira parte do CÂNON hebraico, que corresponde ao PENTATEUCO. É tradicionalmente traduzido por “lei” baseado na tradução grega da palavra hebraica “*tôrah*” na *SEPTUAGINTA*, *nomos*. Tentativas mais recentes de tradução usam “instrução” como forma de evitar associações teológicas e judiciais com a lei, e para reconhecer que *tôrah* significa mais do que lei em um sentido judicial, restrito. A *Torá* inclui tudo o que os primeiros cinco livros da Bíblia contêm: saga, leis, cânticos, genealogias etc. O termo também pode ser usado para designar o AT como um todo, incluindo até mesmo o *TALMUDE*, de maneira que tem o sentido da revelação total de Deus e não apenas mandamentos ou leis. Instrutivas são as passagens como Salmos 1.2, no qual os justos se “deleitam” na *Torá*, e os salmos 19 e 119, que são poemas extensos sobre o valor da *Torá*. A *Torá* estabelece os fundamentos da fé israelita e funciona como a norma para julgar todas as experiências subsequentes com Deus. (V. tb. PENTATEUCO; *TANAK*.)

Tosséfá. Termo aramaico que significa “adições” (com freqüência no plural, *Tosafot*). São uma série de comentários sobre a *MIXNÁ* escritos por rabinos do século II ao IV d.C.

tradição, crítica da. Abordagem textual que busca explicar as maneiras pelas quais as diversas tradições históricas se desenvolveram sobre o curso de sua TRADIÇÃO ORAL. Por exemplo, relatos que circularam em diferentes ciclos dos PATRIARCAS podem finalmente ter sido reunidos e colocados em uma unidade maior, ou os oráculos que um profeta proferiu du-

rante a crise com a Assíria podem ter sido expandidos para a utilização durante a crise babilônica. Os ensinamentos de Jesus e narrativas, da mesma forma passaram por vários estágios de tradição oral antes de receberem a forma final. A crítica da tradição tenta traçar essas tradições ao longo dos diversos estágios até a compilação ou redação final. (V. tb. FORMA, CRÍTICA DA; JESUS, TRADIÇÃO DE; REDAÇÃO, CRÍTICA DA.)

tradição dos dois caminhos. Tema de instruções cristãs morais antigas que desenvolve a METÁFORA dos dois caminhos ou modos de vida. A humanidade tem a escolha de viver de modo virtuoso ou licencioso; manifestar as obras da carne ou o fruto do Espírito; viver na verdade ou na perversidade, na luz ou nas trevas. Este tema é evidente no AT, na literatura de QUMRAN e especialmente nas seções PARENÉTICAS do NT (p.ex., Gl 5.13-26; Ef 4.17—5.20; Tg 4.1-10; 1Pe 4.1-6; 2Pe 2.1,2). O *DIDAQUÊ* também tem uma longa seção sobre o “caminho da vida” e o “caminho da morte” (1.1—6.2). (V. tb. SAPIENCIAIS, SALMOS.)

tradicionário. Pessoa ou grupo de pessoas que preservam e representam uma tradição ou tradições. Michael Fishbane faz a útil distinção entre *traditum*, o conteúdo da tradição, e *traditio*, a maneira pela qual a tradição é transmitida (*Biblical interpretation in ancient Israel*) [*Interpretação bíblica no antigo Israel*], 1985. Tradicionários não reproduzem simplesmente a tradição, mas a recolocam em prática de maneira nova e original. O livro de Crônicas é um exemplo óbvio de reprocessamento de fontes tradicionais (esp. 1 e 2Sm, 1 e 2Rs) e muitos estudiosos argumentam que Mateus e Lucas têm Marcos como fonte primária. Podemos também ver esse processo no aspecto legal: Deuteronômio 5.12-15 apresenta o acontecimento do Êxodo como motivação para a guarda do sábado, enquanto Êxodo 20.8-11 faz referência à criação.

Traditionsgeschichte. Termo alemão traduzido por “história tradicional”. (V. tb. TRADIÇÃO, CRÍTICA DA.)

transfiguração. Acontecimento registrado nos três EVANGELHOS SINÓPTICOS (Mt 17.1-8; Mc 9.2-8; Lc 9.28-36; v. 2Pe 1.16-18) no qual a aparência de Jesus passa por uma metamorfose (gr. *metamorphoo* “ter a forma mudada, transformada”). Nos relatos dos EVANGELHOS sobre a transfiguração, Elias e Moisés conversaram com Jesus, as vestes dele se transformaram em um branco ofuscante, e a voz de Deus foi ouvida de uma nuvem dizendo: “Este é o meu Filho amado em quem me agrado. Ouçam-no!” (Mt 17.5). Este acontecimento foi uma demonstração prévia da glória de Jesus após a ressurreição.

Trento, Concílio de. (V. CONCÍLIO DE TRENTO.)

tribal, confederação. (V. ANFICTIONIA.)

tripla, tradição. Material comum aos três EVANGELHOS SINÓPTICOS. Este termo evita a alusão às fontes como as das teorias das DUAS OU QUATRO FONTES.

Trito-Isaías. V. (TERCEIRO ISAÍAS.)

Tübingen, Escola de. Seguidores de Ferdinand C. BAUR, centrados na Universidade de Tübingen, que adotaram sua interpretação do cristianismo primitivo e seus princípios de interpretação bíblica. Mesmo tendo sido amplamente criticado pelo ceticismo histórico e pelas pressuposições radicais, “o fantasma de Baur” continua vivo em alguns círculos.

Tugendkatalog. (V. CATÁLOGO DE VÍCIOS E VIRTUDES.)

U

Ugarite, ugarítico. Cidade-Estado situada ao norte da costa da Síria (Ras Shamra dos dias atuais) durante a Última Era

do Bronze (1550-1200 a.C.), e língua semítica do noroeste desta cultura. O descobrimento dos textos de Ras Shamra em Ugarite forneceu aos estudiosos as evidências mais diretas e completas da língua, literatura e religião cananita durante o tempo dos antigos israelitas, e uma vez que o ugarítico é muito similar ao antigo hebraico e a outras línguas cananitas, provê valiosas informações sobre o significado de palavras obscuras do AT e das práticas religiosas e culturais dos vizinhos de Israel. Como em todo estudo comparativo, deve-se exercitar a cautela sobre que tipo de conclusão pode ser esboçada; tanto as similaridades quanto as diferenças devem ser contrabalançadas na avaliação final.

uncial. Letras maiúsculas ou de fôrma, que eram características dos manuscritos gregos escritos em PERGAMINHO (velino) do século III ao IX ou X d.C.

Urevangelium. Evangelho primitivo ou original (alemão *Ur* “primeiro, original, primitivo”). O termo representa uma tentativa de alguns estudiosos alemães de explicar o PROBLEMA SINÓPTICO ao propor que um EVANGELHO em hebraico ou aramaico foi usado como fonte por Mateus, Marcos e Lucas para escrever seus relatos. As similaridades e diferenças nos Sinópticos são algumas vezes explicadas em termos de RECENSÕES gregas desse *Urevangelium*. (V. tb. HIPÓTESE DAS QUATRO FONTES; HIPÓTESE DAS DUAS FONTES.)

Urgemeinde. Termo alemão com freqüência usado quando se discute sobre a igreja primitiva (*Ur* “primitivo” + *Gemeinde* “congregação, comunidade”) pelo fato de a palavra captar melhor a essência da igreja primitiva que o vocábulo *Kirche* (“igreja”).

Urmarkus. Versão primitiva do EVANGELHO de Marcos (alemão *Ur* “primitivo”). Este nome foi dado por H. J. Holtzmann

em 1863 a uma fonte literária hipotética (*Urform*) que ele acreditava que Marcos tivesse usado para escrever o evangelho (e que não continha as passagens de Marcos que Mateus e Lucas omitem). Essa hipótese não encontrou apoio entre os estudiosos, e não existe evidência de que esse documento exista. A maioria dos estudiosos afirma que o evangelho de Marcos está baseado principalmente em TRADIÇÕES ORAIS sobre Jesus que poderiam, por exemplo, ter procedido dos apóstolos, particularmente de Pedro. (V. tb. *UREVANGELIUM*.)

V

vaticinium ex eventu. Expressão latina (pl. *vaticinia ex eventu*) traduzida literalmente por “profetizar de um resultado”. Em outras palavras, um *vaticinium ex eventu* não seria verdadeiramente uma predição, mas uma profecia colocada nos lábios da personagem de uma narrativa à luz de um evento que de fato já aconteceu. Nos EVANGELHOS, por exemplo, alguns intérpretes têm alegado que ocorreram *vaticinia ex eventu* nas declarações de Jesus, como a predição da destruição do templo (Mt 24.2; Mc 13.2; Lc 19.43,44; 21.6, 22; v. tb. Mc 10.38,39; 14.28; Lc 19.42). Amós 5.1-3 lamenta a queda de Jerusalém como um fato realizado mesmo que ainda não tivesse acontecido durante a vida dele.

velino. (V. PERGAMINHO.)

versão. Nos estudos textuais, denota a tradução da Bíblia do hebraico e grego para outras línguas como o latim, siríaco e etíope.

virtudes, Catálogo de vícios e. (V. CATÁLOGO DE VÍCIOS E VIRTUDES.)

Vorlage. Fonte literária ou protótipo (alemão “o que precede”) que se encontra por trás da redação final de um texto bíblico.

Nos estudos dos evangelhos, por exemplo, Lucas e Mateus podem ter usado uma cópia primitiva (*Vorlage*) de Marcos que diferia em algum aspecto do Marcos CANÔNICO que possuímos atualmente. Nos estudos do AT, J, E, D e P (v. HIPÓTESE DOCUMENTÁRIA) são vistas como as *Vorlagen* (fontes) do Pentateuco. As *Vorlagen* de 1 e 2Crônicas é 1 e 2Samuel e 1 e 2Reis. (V. tb. *UREVANGELIUM*; *URMARKUS*.)

Vulgata. Tradução latina da Bíblia feita por JERÔNIMO no século IV d.C. (latim *vulgo* “tornar comum, acessível”). É caracterizada pela adesão à *hebraica veritas* (o texto hebraico do AT) em vez de se embasar na *SEPTUAGINTA* ou outras traduções gregas. Ela se tornou, desta forma, uma testemunha adicional do estado do AT hebraico e do NT grego nos séculos subseqüentes ao período do NT. (V. tb. *TEXTUAL*, *CRÍTICA*.)

W

Wellhausen, Julius (1844-1918). Erudito alemão do AT. Transformou a situação de estudo do AT com a obra sobre a datação das fontes no PENTATEUCO. A HIPÓTESE DOCUMENTÁRIA não se originou com ele, mas ele combinou a análise literária com a abordagem da HISTÓRIA DA RELIGIÃO que capturou a imaginação dos estudiosos e definiu o debate a partir de então. Para Wellhausen, os profetas eram os verdadeiros inovadores da religião israelita com a noção de “monoteísmo ético”. As leis CULTUAIS do Pentateuco apareceram posteriormente no desenvolvimento da religião israelita, marcando uma mudança para o legalismo que não era parte da mensagem original.

Weltanschauung. Termo alemão que significa “cosmovisão, filosofia de vida, ideologia”. Usado por vezes nos estudos bíblicos

para designar a totalidade da perspectiva cultural, filosófica, e teológica de um texto.

Westcott, Brooke Foss (1825-1901). Estudioso do NT e crítico textual inglês. Westcott e Fenton J. A. HORT são mais conhecidos pelas relevantes contribuições à ciência da CRÍTICA TEXTUAL do NT. A edição de Westcott-Hort do NT grego (*The New Testament in the original greek, with introduction and appendix* [O Novo Testamento no grego original, com introdução e apêndice], 1881) demorou 28 anos para ser finalizada. Nela, os autores identificaram quatro principais tipos de texto (síriaco, ocidental, alexandrino e neutro) e estabeleceram os princípios da crítica textual. Westcott, Hort e LIGHTFOOT formaram o trio de Cambridge em virtude de seu compromisso similar ao estudo crítico, lingüístico e estudo exegético das Escrituras.

Wie es eigentlich geschehen ist. Frase alemã traduzida por “como de fato aconteceu”. É algumas vezes citada como *slogzin* para caracterizar a pressuposição predominante entre os historiadores dos séculos XIX e XX de que a história pode ser reconstruída da forma como ocorreu originariamente.

Wissenschaft. Termo alemão para ciência, conhecimento ou inteligência. Algumas vezes é utilizado nos estudos bíblicos para denotar a aplicação do MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO (considerado “científico” na acepção alemã) ao estudo das Escrituras.

Wrede, William (1859-1906). Estudioso alemão do NT. É conhecido especialmente pelo livro *The messianic secret in the Gospels* [O segredo messiânico nos evangelhos] (1901). Seus estudos com Adolf HARNACK e Albrecht Ritschl foram influentes para seu papel no desenvolvimento da Religionsgeschichtliche Schule [ESCOLA DA HISTÓRIA DA RELIGIÃO] na Universidade de Göttingen. (V. tb. MESSIÂNICO, SEGREDO; BUSCA DO JESUS HISTÓRICO, A; SCHWEITZER, ALBERT.)

Y

Yahweh, Javé, Iavé, YHWH. Nome aliancístico que Deus revelou a Moisés no monte Sinai (Êx 3.7-15). Ele testemunha o relacionamento especial de Deus com seu povo Israel e seu compromisso de agir em seu favor por meio de suas obras de salvação. Esse nome é considerado sagrado pelos judeus, que o transcrevem usando apenas as consoantes Yhwh (o TETRAGRAMA) e o substituem por *Adonai*, "Senhor", em vez de proferir o nome verdadeiro. Estudiosos modernos tendem a afirmar que Yahweh é a pronúncia original do nome divino (anteriormente pronunciado Jeová).

Yavneh. (V. JÂMNIÁ, CONCÍLIO DE.)

YHWH. (V. YAHWEH, JAVÉ, IAVÉ, YIWH.)

Z

zadoquitas, documentos/ fragmentos. V. *DOCUMENTO DE DAMASCO.*

zelotes. Movimento revolucionário judaico. O nome vem do grego *zelotes*, pessoa repleta de zelo, demonstrando devoção fervorosa a uma causa. Os zelotes eram um partido político judaico, cuja devoção à teocracia e à TORÁ levaram a violentos conflitos contra a ocupação romana da Palestina. Suas provocações contra os romanos adiantaram o cerco e a destruição de Jerusalém em 70 d.C.



DICIONÁRIO DE ESTUDOS BÍBLICOS

Estudar a Bíblia é sempre gratificante, mas nem por isso deixa de ser uma tarefa que requeira tempo e aplicação. Além disso, o estudo de qualquer área acaba por desenvolver uma nomenclatura própria. Isso acontece também com os estudos bíblicos, com termos que podem soar difíceis e complicados.

O *Dicionário de estudos bíblicos* é o guia ideal para todo estudante da Bíblia Sagrada. Sempre com informações práticas e concisas, você encontra mais de 300 definições sobre a terminologia da área de estudos bíblicos, como termos gregos e latinos, termos alemães, tipos de crítica bíblica, termos literários, termos de crítica textual, teorias etc. Certamente, este livro é uma ferramenta útil para ler textos teológicos, decodificar palestras e escrever seus trabalhos e dissertações. Uma obra indispensável a todo seminarista e estudante da Palavra de Deus.

Arthur G. Patzia é professor de Novo Testamento e diretor acadêmico do Fuller Northern California, nos EUA.

Anthony J. Petrota é professor de Antigo Testamento do Fuller Northern California, nos EUA.

